

ODETTE PENHA COELHO

CLASS: 869.1

M 141 c

Tese

TOMBO: nº 64

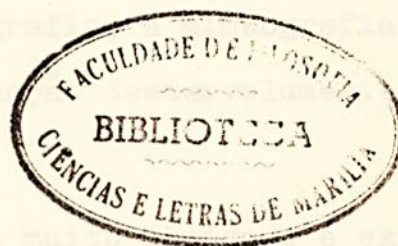
SVE

AS IDEIAS ESTÉTICO-LITERÁRIAS

DE

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

(Subsídios para o estudo da doutrina literária vigente em Portugal no trânsito dos séculos XVIII-XIX)



Tese de Doutorado apresentada
ao Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília

1410000064



1973

A G R A D E C I M E N T O S

O meu muito obrigado todo ele vazado num reconhecimento imorredouro ao INSTITUTO DE ALTA CULTURA, do Ministério da Educação Nacional de Portugal, ao Professor Doutor ALEXANDRE CORREIA, ao Professor Doutor JACINTO DO PRADO COELHO e ao meu orientador e estimado mestre Professor Doutor SEGISMUNDO SPINA; aos meus amigos, mui dignos defensores da pureza de nosso idioma, Professor Doutor CLOVIS BARLETA DE MORAIS, Professora EUNICE RINO GUIMARÃES e Professora STELLA CÉSAR DE OLIVEIRA; ao Seu DANTAS, ao Seu ALCÂNTARA, ao ANTÔNIO BISPO e ao Seu DANIEL pela atenção dada respectivamente à datilografia, à mimeografia, à separação das páginas e à encadernação destes volumes.

Esse meu muito obrigado é extensivo a todas as bondosas e compreensivas criaturas que me rodeiam, quer em meu ambiente de trabalho, quer fora dele, as quais com o seu testemunho de amizade criaram, sem o saber, um clima propício para a realização deste trabalho.

ADVERTÊNCIA

AOS MEUS PAIS

e Procuremos dar a este trabalho

uma apresentação que seja clara ao máximo a sua leitura.

Tendo por isso como objecto, AOS MEUS MESTRES num vo-

lume separado das Anotações Documentais, onde inserimos as

principais passagens da obra de José Agostinho de Macedo

que documentamos os tópicos por nós abordados: 2º) justa

pagamos à própria citação a indicação da obra de Macedo

de qual ela foi tirada, em vez de colocá-la em nota de rodapé;

3º) abreviaturas, nomeadamente, as nomes das obras

ou de jornais citados por Agostinho, uma vez que se

tem reproduzido com muita frequência nas lições que seguem;

4º) eliminamos as notas de rodapé e as citações de in-

terpretação das obras citadas.

Além disso, aqui é necessário

prevenir o leitor que respeitamos a grafia original das

passagens das obras citadas, a fim de que o pensamento de Jo-

sé Agostinho de Macedo ou de outro autor pudesse ser dado

a conhecer, tal qual foi escrito em seu tempo. Considera-

mos essa directriz metodológica um facto de carácter positi-

vo na apresentação de um trabalho científico.

* A fim de facilitar o leitor, apresentamos a seguir uma
tabela com as abreviaturas empregadas no desenvolvimento
deste trabalho. Dividimo-la em três partes — 1. De
subtítulos, 2. De títulos e 3. Outras — e dispusemos
as abreviaturas em ordem alfabética.

A D V E R T Ê N C I A

Procuramos dar a este trabalho uma apresentação que facilitasse ao máximo a sua leitura. Tendo por alvo esse objetivo, é que 1º) organizamos num volume separado uma Antologia documental, onde inserimos as principais passagens da obra de José Agostinho de Macedo que documentassem os tópicos por nós abordados; 2º) justa pusemos à própria citação a indicação da obra de Macedo da qual ela foi tirada, em vez de colocá-la em nota de rodapé; 3º) abreviamos, principalmente, os nomes das obras ou de jornais escritos por José Agostinho, uma vez que fo ram empregados com muita freqüência nas linhas que seguem;* e 4º) aliviamos as notas de rodapé com a eliminação da im prenta das obras citadas.

Além disso, aqui é necessário prevenir o leitor que respeitamos a grafia original dos passos das obras citadas, a fim de que o pensamento de Jo sé Agostinho de Macedo ou de outro autor pudesse ser dado a conhecer, tal qual foi escrito em seu tempo. Consideramos essa diretriz metodológica um fato de caráter positivo na apresentação de um trabalho científico.

* A fim de esclarecer o leitor, apresentamos a seguir uma tabela com as abreviaturas empregadas no desenvolvimento deste trabalho. Dividimo-la em três partes — 1. De subtítulos, 2. De títulos e 3. Outras — e dispusemos as abreviaturas em ordem alfabética.

T A B E L A D E A B R E V I A T U R A S

1. De subtítulos

- Adv. = Advertencia
- Ant. = Anteloquio
- Ded. á Naç. Port. = Dedicatoria á Nação Portuguesa
- Disc. prel. = Discurso preliminar
- Disc. á Univ. de Coimbra = Discurso á Universidade de
Coimbra
- Pref. = Prefacção ou Prefação
- Prep. = Preparação

2. De títulos

A) LIVROS

- Cart. = Cartas
- C. fil. á Att. = Cartas filosoficas á Attico
- Cens. das Lus. = Censura das Lusiadas
- Cont. da nat. = Contemplação da natureza
- O Cout. = O Couto
- A Cr. = A Creação
- O ex. exam. = O exame examinado
- G. = Gama
- A lyr. an. = A lyra anacreontica
- A Med. = A Meditação
- Mot. lit. = Motim literario
- A Nat. = A Natureza

- Newt. = Newton
- O Nov. Arg. = O Novo Argonauta
- O Or. = O Oriente
- Par. que deo o P. J. A. de M. sobre o mer. de Hom. = Parecer que deo o Padre José Agostinho de Macedo sobre o merecimento de Homero
- Resp. aos dois do Inv. Port. em Lond. = Resposta aos dois do Investigador Portuguez em Londres
- Viag. ext. ao templ. da Sab. = Viagem extática ao templo da Sabedoria

B. JORNAIS

- O Des. = O Desaprovador
- O Esp. Port. = O Espectador Portuguez
- Jorn. Enc. de Lisb. = Jornal Encyclopedico de Lisboa

3. Outras

- Ant. doc. = Antologia documental
- est. = estrofe
- liv. = livro
- sem. = semestre
- vv. = versos

I N T R O D U Ç Ã O

A atitude da Crítica em face do escritor

José Agostinho de Macedo

e

a nossa atitude

Os estudos críticos da atualidade
tratam de preferência autores ex-
pressivos das letras portuguesas.

Toda época é marcada por certa modalidade de gosto, por certo tipo de interesses. Hoje é flagrante, no domínio das perquirições literárias, uma acentuada preferência pelos autores de nosso tempo. Não obstante, por vezes, aparecem estudos voltados para o passado. Mas, nesse caso, por via de regra, buscam-se aqueles autores que marcaram com o seu gênio uma literatura.

Dessarte, deverá causar espécie a apresentação de um trabalho sobre José Agostinho de Macedo. Sendo a literatura portuguesa tão rica em autores com obras tão pujantes, por que estudar exatamente José Agostinho?

No passado, escreveu-se muito sobre José Agostinho, mas hoje, praticamente, ninguém mais lhe examina a obra ou a vida. Os estudos críticos existentes sobre ele com interesse para este trabalho são os que lhe examinam a vida, o perfil psicológico e a obra épica.

Na verdade, os juízos mais divulgados sobre a obra e o caráter desse autor são de tal forma desfavoráveis, que inibem qualquer esforço na aproximação de sua obra e anulam qualquer gesto de compreensão feito em direção de sua vida literária.¹

A atestar esse fato, aí está o número verda-

1. Na Antologia do humor português, encontra-se nos seguintes enunciados uma verdadeira síntese das idéias mais correntes que existem sobre o caráter e a obra de Macedo. Transcrevamo-los — "Na qualidade de clérigo desobedeceu a todas as regras, mas foi um dos pilares da Igreja portuguesa na sua época. Como censor régio, foi acérrimo partidário do obscurantismo. Como jornalista político, um denunciante. Como escritor satírico, um terrível e injustíssimo fundibylário. Como amoroso, cumpriu excessivamente a sua obrigação. As cartas que endereçou à Freira Trina D. Feliciania são um exemplo duma pouca dissimulada mancebia.

deiramente insignificante de pesquisas que lhe foram dedicadas pelo nosso século. Segundo o que conseguimos apurar, não falando das linhas escritas sobre ele, por obrigatoriedade, nas enciclopédias ou em dicionários, em antologias ou em compêndios de cultura ou de literatura portuguesas, depois dos esforços de Teófilo Braga, somente três autores se detiveram em examinar-lhe com vagar a obra ou a vida. Referimo-nos a Carlos de Laet, a Castelo Branco Chaves e a Carlos Olavo.²

Não se pode qualificar, entretanto, de pequena ou de inexpressiva a bibliografia existente sobre o autor de A Meditação. Vultos representativos das letras portuguesas como Filinto Elísio,³ Garrett,⁴ Camilo Castelo Bran

Não poupou ninguém. Camões sofreu-lhe as iras; Bocage foi brindado com duas sátiras. Em Os Burros, poema herói-cômico, pretendeu fazer a "crônica escandalosa dos presentes tempos em Portugal." De infatigável vitalidade, dedicou à conturbada política do tempo várias revistas e jornais: Besta Esfolada, financiada pelo mosteiro de Alcobaça; A Tripa Virada e o Desengano, folhas onde trovejam impropérios de toda a ordem. A filosofia também o inspirou: Meditação; Newton; Viagem estática ao templo da Sabedoria, são poemas chatos onde a poesia raramente está e a filosofia se transforma em retórica." (Fernando Ribeiro de Mello, "José Agostinho de Macedo", em sua Antologia do humor português, p. 276.

2. Carlos de Laet publicou uma série de vinte e um ensaios desde 19/11/1902 até 9/6/1903 estampados no Jornal do Brasil, edição da tarde, sob o título de - Uma restauração literária (José Agostinho de Macedo). Castelo Branco Chaves é autor de um sério estudo sobre José Agostinho de Macedo. Ele está inserido em seus Estudos críticos e data de 1931. E o jornalista Carlos Olavo em 1938 traz, à tona, por mais uma vez os escândalos da biografia de Macedo em sua A vida turbulenta do Padre José Agostinho de Macedo.
3. Cf. Francisco Manoel, "Difficuldades d'uma Tradução elegante e genuína", In: F.A. de Chateaubriand, Os Martyres, ou Triunpho da religião christãa, traduzido em versos portugueses por Francisco Manoel, v. 1, p. XXIV.
4. Cf. Almeida Garrett, "Prefácio", em sua Lyrice de João Minimo, p. 5. E Almeida Garrett, "Historia abreviada da lingua e poesia portugueza", In: Parnaso lusitano ou Poesias selectas dos auctores portuguezes antigos e modernos, illustrados com notas, t. 1, p. LXV.

co⁵.ou Herculano,⁶ entre muitos outros, opinaram sobre José Agostinho de Macedo.

Uma reflexão sobre todos esses juízos redundaria, a nosso ver, num trabalho de interesse limitado, pois abarcaria apenas o terreno dos estudos bibliográficos sobre Macedo. Incidindo, porém, a nossa pesquisa sobre outra ordem de idéias, acreditamos ser suficiente apreciar, nesta introdução, somente aqueles prismas sob os quais tem sido focalizado, com maior regularidade, o escritor José Agostinho de Macedo, isto é, a sua vida, o seu perfil psicológico e a sua obra épica. Assim, teremos ocasião de examinar as abordagens críticas mais comuns feitas ao homem Macedo e à sua obra, para, em seguida, situarmos e justificarmos a nossa abordagem.

Os contempo

São os fatos desairosos da biografia de Macedo que são colocados em relevo pelos escritores de seu tempo

râneos de José Agostinho referiam-se constantemente à vida de Macedo com o fim deli-

berado - é o que pensamos - de solapar-lhe o influxo literário e a ação política: tais obras nasceram sempre da pena daqueles que não partilhavam de seus ideais políticos. Estão, nesse caso, entre outros, Nuno Álvares Pereira Pato Moniz, António Xavier Ferreira de Azevedo, António Maria do Couto e os redatores do Portuguez Constitucional Regenerado.

5. Cf. Camilo Castello Branco, Curso de litteratura portugueza, p. 261-6.

6. Cf. Alexandre Herculano, "Obras de J. B. d'Almeida Garrett - 18 volumes", In: O Panorama. Jornal litterario e instructivo da Sociedade Propagadora dos conhecimentos uteis, 3: 199, jun. 22, 1839.

Pato Moniz é o autor da Agostinheida, poema herói-cômico, conforme o denomina, concluído em 1814, mas publicado na Inglaterra, em 1817. Com essa composição vi sava Pato a instaurar o escândalo no seio de uma sociedade que rendia tributos ao orador e ao defensor da ordem instituída, Padre José Agostinho de Macedo. A matéria da obra é a vida do autor de O Oriente e o tratamento recebido por ela é o do cômico grosseiro. Sirva, a título de ilustração, a transcrição da seguinte passagem -

"Nas ilhargas de Angélica gerado,
Couceou burricalmente alli hum anno
Nutrido a restos de pastel sedição;
Tinha perfeito o Sol no ethéreo curso
Cem vezes dezessete inteiros gyros
Com cincoenta e nove em que corria;
Quando este avesso Heróe, grunhindo, os olhos
Infaustamente abriu á luz primeira";⁷ António

Xavier Ferreira de Azevedo, autor dramático com crédito em seu tempo, criou a comédia O mau amigo, em que "recapitulou com chistosa mordacidade todos os fatos e acções desairosas que a fama apregoava de José Agostinho, apresentando-o manchado de vícios e de torpezas";⁸ António Maria do Couto, por sua vez, é autor de uma biografia de Macedo muito próxima da versão dada por Pato Moniz na Agostinheida⁹ e um jornal - o Portuguez Constitucional Regenerado de 19 de novembro de

7. p. 9. (1.a ed.)

8. Innocencio Francisco da Silva, Memorias para a vida intima de José Agostinho de Macedo, p. 80.

9. Essa biografia foi publicada na 3.a edição do Motim literario, portanto em 1841.

1821 - apresentou uma coletânea de documentos relativos à vida pregressa de José Agostinho, extraída dos Autos do processo, cujo epílogo fora a sua expulsão da Comunidade dos gra-cianos. Essa coletânea, mais tarde - 1822 -, foi publicada num folheto de quinze páginas, sob o título de Anedoctas biogra-ficas do Reverendo Padre José Agostinho de Macedo, cujas pa-lavras finais expressam claramente a sua intenção: a de in-dispor a opinião pública contra o Padre - "O que o berço dá, a cova o tira = José Agostinho de Macedo, malvado por indole, e depravado por costume (como fica authenticamente provado) he, e tem sido em toda a sua vida igualmente indigno da Reli-gião e da Sociedade; he e tem sido em toda a sua vida tão refinadamente perverso, que mui difficeis se deparão abortos da humanidade com quem o pode emparelhar! O que porém tem sempre corrido parellas em seu abominoso character e proceder he a impudencia e a maldade, tão consecutivas e cabaes que està plenamente no caso de contra elle se dever fallar e es-crever; e, em vez de se por isso incorrer nas penas da anti-ga Ley dos Libellos famosos, merecer-se antes o premio por outra Ley concedido a quem matar hum Lobo."¹⁰

Passado o momento da implacabilidade das paixões, a biografia de Macedo passa a ser vista sob uma perspecti-va carregada de simpatia

Atitude di-
versa em face da bio-
grafia de Macedo as-
sumiram aqueles lite-
ratos que escreveram

a seu respeito sob um clima, onde a animosidade contra o ho-mem fora esmaecida pelo próprio tempo. Trata-se de Rego Abran-ches, de Carreira de Mello e de Marques Torres. Agora, passa

10. p. 14.

do o momento dos ânimos acirrados, sobretudo por questões políticas, chegara o momento da reconciliação.

Assim, Antonio Manuel Rego Abranches, ainda que fosse contrário às idéias políticas de José Agostinho de Macedo, conforme salienta Carreira de Mello,¹¹ deixa de lado aqueles fatos ignominiosos da vida do Padre, para de-
ter-se somente sobre aqueles que lhe exaltassem a memória -
"Com o nome de Fr. José de Santo Agostinho foi sacerdote pro-
fesso da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho calçados, da
qual secularisando-se voltou ao seculo. Foi Prégador Regio,
Censor do Ordinario, Academico da Arcadia de Roma com nome
entre os seus Alumnos de Elmiro Tagideo, homem de talento,
grande memoria, e vasta erudição, em fim um sabio, de que
seus escriptos são o elogio."¹² Na verdade, foi um sentimen-
to de amor à pátria que levou Rego Abranches a escrever so-
bre José Agostinho de Macedo - "Hum sentimento de Patriotis-
mo em fazer conhecer as muitas obras impressas de José Agos-
tinho de Macedo nos incitou a imprimir o presente Catalogo
por não haver impressa alguma noticia exacta das suas pro-
ducções litterarias, nem ao menos Catalogo das que correm im

-
11. O fato de Rego Abranches ter credo político contrário ao de José Agostinho de Macedo e de, apesar disso, tecer considerações elogiosas ao Padre, chama a atenção de Carreira de Mello - "Mas se por um lado homens de pequeno espirito, tem querido deprimir o homem que pertence á historia, mas nao para ser insultado, tambem tem apparecido quem faça justiça ao homem morto; entre estes citaremos o Dr. Antonio Manoel do Rego Abranches, homem que em politica foi opposto a Macedo". (Biographia do Padre Jose Agostinho de Macedo, p. XVI). Com isso, parece querer assinalar que os tempos eram outros. Que o tempo em que José Agostinho de Macedo era julgado sob o crivo da paixão tinha passado.
 12. Catalogo alfabetico das obras impressas de José Agostinho de Macedo, apud Joaquim Lopes Carreira de Mello, Biographia do Padre José Agostinho de Macedo, p. XVII.

pressas, de que o titulo mesmo de muitas d'ellas he ignorado existindo apenas essa diminuta resenha publicada na nova edição do Motim Litterario pelo auctor da Biographia historica e Litteraria, que não quiz dar-se a trabalho pensando talvez não tornar elle o Traductor da Batrachomyomachia alguma cousa mais em Philologia nem mais lhe auctorizou o vislumbre de renome, e d'aura popular."¹³

Do mesmo modo, isto é, com a mesma consideração e simpatia para com o homem "que pertence à historia"¹⁴ procede Carreira de Mello, em sua Biographia do Padre José Agostinho de Macedo, seguida d'um catalogo alfabetico de todas as suas obras.

Carreira de Mello não deixa de considerar a vida de José Agostinho de Macedo, enquanto Frei José de Santo Agostinho. Mas a passagem mais vergonhosa da sua biografia é atenuada por fatos colocados à sua margem. Assim, José Agostinho teria sido impellido à vida sacerdotal pela vontade paterna - "Como em outro tempo a clausura monastica era um seguro asylo, onde a mocidade podia servir a Deos, a si, e aos outros, e facilmente subir às mais altas dignidades, fosse qual fosse o berço em que o homem nascesse; ou, quando menos, um meio de fugir aos perigos, e incomodos da vida julgou seu pai, que tal vida convinha a seu filho, cujos talentos cada dia se manifestavam por um modo extraordinario"¹⁵ - ; o que Carreira de Mello chamou de suas travessuras e leviandades teriam sido inspiradas por um seu confrade,

13. Ibid., p. XVI-XVII.

14. Ibid., p. XVI.

15. Ibid., p. IV-V.

Fr. Francisco, natural da Vacariça - "e como em toda a parte se encontra quem alimente o mal, Fr. José achou na sua ordem um companheiro, que se não tinha o seu talento, tinha com tu do mais ideia para formar os tumultos com que constantemente affligiam a comunidade."¹⁶ Além disso, Carreira de Mello alude, em cada passo dessa biografia, ao talento de José Agostinho de Macedo, como nas passagens que seguem - 1. "Seu pai, que era ourives, desejava aproveitar este filho, dando-lhe uma educação tal, que elle não precisasse seguir a vida de seu pai, segundo a inveterada uzança, ou mania em Portugal, e como descobrisse em seu filho uma extraordinaria viveza, e signaes de engenho talentoso, procurou dar-lhe os primeiros rudimentos da lingua materna"¹⁷ - ; 2. "Alli/ no convento de Nossa Senhora da Graça/ fez admirar os seus talentos, e algumas vezes tirou os padres de certos embarços, como foi na ocasião da morte do conde de Villa Verde"¹⁸ - ; 3. "Prégava na sua religião com muito applauso dos religiosos, e admiração pelos seus talentos naturaes mais, do que pelo seu estudo assiduo, tambem se fazia aborrecer pelo seu desmedido orgulho, e pelas suas levandades e travessuras"¹⁹ - ; 4. "Tão severa lição, dada pela Providencia a um individuo que conhecia o seu talento, mas que acabava de ser assim levado á humilhação, fel-o pensar, e mudar de vida, para assim poder entrar na sociabilidade dos homens."²⁰ E em vez de estampar documentos relativos, por exemplo, ao processo que culminou

16. Ibid., p. VI.

17. Ibid., p. III.

18. Ibid., p. V.

19. Ibid., p. V.

20. Ibid., p. VII.

com a expulsão de Macedo da ordem dos graciosos, transcreve o decreto pelo qual José Agostinho de Macedo é nomeado substituto do cronista-mor do Reino.²¹

Como se vê, a perspectiva, sob a qual a vida de José Agostinho de Macedo é focalizada alguns anos após sua morte, é de franca simpatia. Parece haver uma vontade de apagar da vida do Padre aqueles traços que teriam empanado o seu nome.

Nessa mesma corrente de idéias está situada a obra de Marques Torres - Vida de José Agostinho de Macedo e noticia de seus escriptos, obra de cento e uma páginas, a mais extensa publicada até então. Ela saiu à luz em 1859.

Se Carreira de Mello faz alusão de forma um tanto discreta e mesmo temerosa às prováveis causas que teriam levado alguns dos contemporâneos de José Agostinho de Macedo a depreciar-lhe o caráter - "Censurar José Agostinho em costumes, não podia ser por um homem / António Maria do Couto/ que não lhe foi inferior nas levandades da mocidade, e que talvez o excedeo na velhice. Em nosso humilde modo de pensar andou ainda n'este negocio o odio politico porque Couto e Macedo tambem n'esta parte divergião"²² -, Marques Torres, na consideração desse aspecto, é mais explícito - "Ha já vinte e seis annos que se apagou a luz da vida a um homem grande da nossa terra, posto que mal avaliado por muitos dos seus contemporaneos, a quem, a respeito d'elle, as diversas paixões muito allucinaram. As épocas de inquieta-

21. Ibid., p. X-XII.

22. Ibid., p. XV.

ções politicas em que temos vivido, uma certa irascibilidade de animo que lhe não consentia perdoar ao adversario, quer fosse no campo da litteratura, quer nas fastidiosas lides da politica, e a guerra que taes qualidades lhe moveram, tem as saz contribuido para a injusta apreciação que se ha feito deste escriptor. Agora, porém, que nem sequer uma fria lousa accusa a existencia de seus ossos, tempo é que a rasão placida, occupando o lugar das paixões, falle de tão distinto poeta e litterato, com imparcialidade, e lhe faça a devida justiça."²³ Na verdade, Marques Torres trata da absolvição do homem José Agostinho de Macedo. Ao fato de José Agostinho ter, por mais de uma vez, fugido da prisão em que os padres o metiam para correção de seus erros, indaga Marques Torres - "A quem jaz em ferros pode alguém censurar o modo como pretende delles libertar-se?"²⁴ - ; a verificação dos vícios de José Agostinho leva o autor a considerar que "qual é porém, o homem de tão agigantado vulto, isento de defeitos desta e outra natureza?"²⁵ Enfim, toda a obra de Marques Torres é marcada por um acentuado desejo de ilibar a memória do Padre: vê nele simpatias para com o sistema constitucional - "Por estas palavras /as publicadas nas Considerações politicas sobre o estado de decadencia de Portugal, e absoluta necessidade do seu remedio, trasido pela nova ordem do presente governo supremo/ se demonstra que o padre Macedo tinha no coração algumas tendencias para o systema constitucional, de que se tornou, depois, implacavel inimigo, mais por aversão a cer-

23. p. 3.

24. p. 13.

25. p. 27.

tos homens, do que por odio ás instituições"²⁶ - ; dá o testemunho de um dos seus mestres referente à memória prodigiosa de José Agostinho de Macedo - "o que mais admira, em homem de tanto saber, é não possuir elle livros para consultar na occasião em que escrevia, e confiar tudo á sua memoria prodigiosa - Este facto nos tem sido asseverado por diversas pessoas, que de perto o conheceram, e nomeadamente, pelo Snr. Antonio Caetano Pereira, professor jubilado d'Oratoria, Poetica, e Litteratura classica no Lyceu Nacional de Lisboa, benemerito das letras, que pelo espaço d'alguns annos nos leccionou em humanidades, e a quem respeitamos pelo seu vasto saber e dotes apreciaveis - Este nosso mestre, cuja amizade muito nos honra, que por vezes procurou José Agostinho de Macedo, na sua casa do Forno de Tijolo, para lhe encommendar sermões, nos disse que nunca ahi vira mais do que duas cadeiras muito velhas, uma batina, uma chapéo armado, sobre uma dellas, e nada de livros, a não ser um breviario"²⁷ e transcreve o elogio de Adrien Balbi, distinto literato italiano, segundo Marques Torres, dirigido ao poema O Oriente - "O Oriente do Padre José Agostinho de Macedo, posto que tenha grandes defeitos, é, todavia, o primeiro poema epico moderno. - O descobrimento da India por Vasco de Gama, é, assim como nos famosos Lusiadas, o seu objecto principal. - O erro que o auctor commeteu foi o de querer emendar Camões, cujo merito não pôde igualar. Comtudo, o padre Macedo tem juz aos maiores encomios pela pureza do seu estylo, e pelo vasto conhecimento que manifesta ter dos antigos classicos portuguezes e es-

26. p. 20.

27. p. 27.



trangeiros. Se o gosto correspondesse á pasmosa facilidade com que os versos correm da sua penna, não lhe faltaria uma só das qualidades que caracterisam os grandes poetas epicócos."²⁸

Assim, esses autores, que pertenceram à geração seguinte à de José Agostinho de Macedo, trataram-no com benevolência e mesmo com perdão.

A biografia escrita sobre Macedo com espírito verdadeiramente científico é de autoria de Inocêncio Francisco da Silva. A sua publicação foi devida a Teófilo Braga.

... Mas Quem es
tudo, porém, com maior seriedade a vida de José Agostinho de Macedo foi indubitavelmente Inocêncio Fran-

cisco da Silva, o célebre autor do Diccionario Bibliographico portuguez. Propusera-se Inocêncio à tarefa ingente de estabelecer a verdade sobre a biografia de José Agostinho. Para isso vasculhou os arquivos da polícia e da Torre do Tombo; foi à cata do que diziam os jornais e buscou o testemunho de pessoas que poderiam ajudá-lo a esclarecer esta ou aquela passagem da vida do Padre. Quanto a esses esforços, dá-nos conta Teófilo Braga em palavras antepostas às Memorias para a vida intima de José Agostinho de Macedo.²⁹ Com efeito, Inocêncio Francisco da Silva dedicara-se de tal forma a seu trabalho, que chegou a considerar-se o senhor absoluto do assunto José Agostinho de Macedo. As polémicas travadas com aqueles que, embora modestamente, também tinham escrito sobre a vida do Padre - Carreira de Mello e Marques Torres - estão a

28. p. 71.

29. Cf. p. VI.

provar tal fato.³⁰ Todavia não chegou ao término de sua tarefa.

Visando à publicação daquilo que viria a chamar-se as Memorias para a vida intima de José Agostinho de Macedo, Inocêncio Francisco da Silva elaborou três redações. A primeira datada de 1848, uma segunda, de 1854 e a terceira, de 1863. A primeira é a única que chegou a ser completada. As duas outras, realizadas a intentos diferentes, ficaram inacabadas. A de 1854, por exemplo, destinava-se a preceder a publicação das obras completas de José Agostinho de Macedo programadas por Francisco Pereira de Azevedo, do Porto. E a de 1863 constituiria parte de um grandioso plano. Este teria por fim a publicação de uma edição especial de Os Barros, de certas obras inéditas de José Agostinho de Macedo, de suas cartas e censuras. Para a concretização de tal empresa esforçava-se Inocêncio adquirindo pouco a pouco de Ferreira da Costa certas obras de Macedo, que tinham sido zelosamente copiadas por este fervoroso admirador do Padre. Contudo os planos de Inocêncio caem por terra, quando se interpõe entre ele e Ferreira da Costa, Pereira Merello. Este adquire de Ferreira da Costa todas as obras que lhe restavam de José Agostinho. O famoso bibliógrafo português desiste das Memorias.

Após o falecimento de Inocêncio, as suas obras e manuscritos entram em leilão. No entanto, graças a cuidados de Brito Aranha - nomeado testamenteiro de

30. Cf. Theophilo Braga, "Sobre estas Memorias", In: Inocencio Francisco da Silva, Memorias para a vida intima de José Agostinho de Macedo, p. VI.

Inocência - as Memorias para a vida intima de José Agostinho de Macedo são separadas como estudo para a continuação da publicação do Diccionario bibliographico portuguez.

Teófilo Braga, enquanto membro da Academia Real das Ciências, e com grande interesse pela publicação dessas Memorias - interesse esse que data de 1859, diga-se de passagem - esforça-se, para que essa instituição as publique. Depois de vários lances em que estão presentes interesses econômicos dos herdeiros, certo descaso por parte da própria Academia e mesmo certa dose de desânimo por parte de Teófilo Braga, este, certo dia, ao deparar a um canto da Secretaria da Academia com os manuscritos de Inocência, resolve romper as formalidades acadêmicas. Dirige-se diretamente ao secretário perpétuo da Academia e compele-o a tratar da publicação das Memorias. Em consequência, pois, desse decidido empenho de Teófilo, é que temos hoje as Memorias para a vida intima de José Agostinho de Macedo.

É na "Introdução" dessas Memorias que o conhecido historiador da literatura portuguesa testemunha não só a sua admiração pelo autor de O Oriente, mas também a reputação de que ainda gozava o Padre na segunda metade do século XIX - "de todos os homens que em tempos recentes se tornaram em nossa terra crédores da admiração publica por seus talentos, e dignos por seus escriptos de honrosa commemoração aos olhos despreocupados de nacionaes e estrangeiros, é, em nosso sentir (e no de muitos, com cuja opinião voluntariamente nos conformamos n'esta parte) um dos mais extraordinarios - José Agostinho de Macedo. Vinte e dous compridos annos se volveram já depois que a lousa do sepulchro

cobriu os restos inanimados do cantor da Meditação. Seu nome não perdeu ainda a popularidade, que em vida o acompanhara; e suas obras têm sido, e continuam a ser avidamente colligidas por todos os bibliófilos nacionaes, em cujas estantes as vêmos emparelhadas com as produções dos que mais engrandeceram e illustraram o idioma patrio."³¹

A redação das Memorias, tal qual a conhecemos atualmente, foi organizada, segundo indicações offerecidas pelo próprio Teófilo Braga, com base nos três manuscritos legados por Inocência. Teófilo deu primazia à última redação - a de 1863 - que completou com a de 1854. Esta, por sua vez, foi completada pela de 1848, que, com efeito, é a única redação, por assim dizer, definitiva das Memorias.

Essa obra de Inocência retrata principalmente a vida de José Agostinho de Macedo. O autor do Diccionario bibliographico portuguez está, acima de tudo, preocupado em desvendar a vida deste homem, vida essa cheia de episódios contraditórios e talvez, não se sabe até que ponto, envoltos pelo halo da lenda. Para isso Inocência procura ser imparcial. Em muitas páginas das suas Memorias, deixa manifesto esse proposito - "porquanto, todo o tempo que permaneceu ligado áquelle religioso instituto foi de lucta porfiosa e obstinada entre elle e seus confrades, como se vê pela serie progressiva dos factos, cuja narração omittiriamos de bom grado, se a fidelidade, que deve reger a penna do historiador sincero e imparcial, nos não impozesse a pezada obrigação de aqui os registarmos."³² Com efeito, Inocência com-

31. p. 2-3.

32. p. 13.

porta-se perante a vida de Macedo como o historiador que tão-somente apresenta os fatos e não como o historiador intérprete. Não obstante pesa sobre Inocêncio a acusação de não ter tratado José Agostinho de Macedo com isenção de ânimo.³³ Essa acusação está fundada no fato de ter tido Inocêncio grau entre os maçons e de ter sido um defensor do Liberalismo. E sabe-se o quanto e de que forma se batera José Agostinho contra os pedreiros-livres e contra o Liberalismo.

Apesar disso, não achamos justo qualificar de parciais os juízos emitidos por Inocêncio, relativamente à biografia de José Agostinho de Macedo. Pelo contrário, notamos no autor das Memorias um esforço bastante significativo de imparcialidade. Caso contrário, não haveria nas Memorias 1^a) trechos em que se patenteia a isenção de Inocêncio em face de passagens da biografia macediana de que não tem provas. O estampado à página trinta e três constitui apenas um dos muitos exemplos que poderíamos citar - "Passados alguns tempos foi despedido da empresa; ou porque se interrompesse a publicação do jornal, ou por outro motivo, que não

33. A título de ilustração, faremos referência a duas passagens da vasta obra de Teófilo Braga em que esse estudioso fala dessa atitude de Inocêncio para com Macedo - 1. "A atracção de Innocencio para este assumpto, apesar de toda antipathia que nunca pôde vencer, provinha da similaridade de character entre os dois escriptores, dotados de um temperamento bilioso sempre descontente e aggressivo, principalmente pelo intimo conhecimento da desigualdade entre as suas aspirações e a propria vontade" ("Sobre estas Memorias", In: Innocencio Francisco da Silva, Memorias para a vida intima de José Agostinho de Macedo, p. VI) e 2. "Innocencio, que estudou longos annos e reuniu materiais para a vida intima de José Agostinho de Macedo, desde 1848 a 1863, ainda o tratou com odio, como inimigo do liberalismo." ("José Agostinho de Macedo" In: Maximiano Lemos, dir., Encyclopedia portugueza illustrada, Diccionario universal, v. 6, p. 706).

chegou ainda ao nosso conhecimento, não tendo razão que nos habilite a dar por certo o que a este respeito se lê na Agostinheida, cujo auctor pretende attribuir esse despedimento ao furto de um relógio, que diz commettera José Agostinho"³⁴;

2º) trechos em que se observa certa simpatia de Inocêncio para com José Agostinho, no desejo de absolvê-lo de maus juízos - "Entrado na virilidade, pois contava já trinta e tres annos, reflectiu sem duvida no muito que lhe falecia; e quem sabe quantas vezes em intimo recolhimento se lastimaria dos seus primeiros erros, fazendo amargas considerações sobre os máos passos que tão intempestivamente o arredaram da carreira que poderia ter seguido com felicissimos resultados!"³⁵ -

e 3º) inclusive certo empenho de Inocêncio objetivando a valorização literária de José Agostinho - "Não póde sem manifesta injustiça roubar-se a José Agostinho a gloria de ser o primeiro que tentou naturalisar entre nós aquella planta exotica, e de ter posto por obra a sua idéa com merecido louvor e credito do proprio nome, e da patria: só é para sentir que o seu exemplo não estimulasse mais numerosos imitadores n'um genero em que, a julgarmos por essas poucas amostras que nos ficaram, a litteratura portugueza poderia desassombradamente disputar preferênciã á dos extranhos contemporaneos, apresentando-lhes monumentos, que nada teriam que invejar aos seus mais celebrados."³⁶ Assim sendo, quando Inocêncio aponta as passagens mais desairosas da vida de Macedo, não o faz com o intuito de denegrir a memória do Padre, devido a uma incompa

34. p. 33.

35. p. 34-35.

36. p. 36.

tibilidade de ideologia política. Pelo contrário, vemos em Inocêncio o estudioso que objetiva examinar a sua matéria com os escrúpulos de um cientista.

O relevo dado ao que há de excêntrico na vida de Macedo constitui a tônica flagrante do estudo de Carlos Olavo

Das obras escritas sobre a vida de José Agostinho de Macedo, a de Carlos Olavo ocupa um lugar à

parte. Carlos Olavo não perquiriu a vida de José Agostinho com o espírito do investigador que quer estabelecer a verdade sobre um dos vultos das letras portuguesas. Diz Carlos Olavo no preâmbulo de sua obra - "Um dia, há uns anos atrás, numa hora vertiginosa em que o jornalismo me tentou, tive a idéia de escrever um livro sobre os jornalistas e panfletários portugueses, obra que achei curiosa, porque sendo rica em tipos desta espécie a floração literaria do passado, êles se encontram perdidos ou dispersos em fôlhas leves e rápidas que fulguram um momento e se esqueceram em seguida."³⁷ E José Agostinho de Macedo seria o primeiro dessa série "não só por motivos de ordem cronológica, mas ainda pela riqueza dos factores de reconstituição."³⁸ Com efeito, Carlos Olavo vê Macedo como "uma figura pittorescamente anedótica, envolvida de episódios, cortada de detalhes sugestivos, facetada de aventuras variadas, que se bem pertencendo a um passado morto é susceptível de interessar a atenção dos vivos."³⁹ A sua

37. A vida turbulenta do Padre José Agostinho de Macedo, p. 5.

38. Id. ibid., p. 6.

39. Ibid., p. 6.

obra, pois, é a obra do jornalista que sente gosto em tratar um assunto que prima pela nota excêntrica.

Em suma, são essas as coordenadas que marcam os estudos voltados para o deslindamento da vida de José Agostinho de Macedo.

O perfil

O caráter de Macedo é considerado
dado decisivo para a compreensão
de sua vida

psicológico de José Agostinho de Macedo é outro aspecto desse escritor

sob o qual se têm detido com insistência os estudiosos. Nesse caso, busca-se explicar pela sua conformação psicológica o que há de insólito em seu destino ou em seus gestos.

Tendo sido a vida de Macedo compreendida acima de tudo como produto de seu caráter e não como mera seqüência de causas e efeitos, é normal encontrarem-se nas obras, que retratam sua vida, alusões ao seu perfil psicológico. Isso ocorre, por exemplo, na seguinte passagem da biografia assinada por Carlos Olavo - "Efectivamente, essa primeira proeza de José Agostinho pelas circunstâncias dramáticas que a revestem, serve bem para começar a revelar as qualidades de energia, de decisão, de bárbara insubmissão que marcou sempre a sua personalidade e para prenunciar o insigne aventureiro que êle foi em tôda a sua vida."⁴⁰

As páginas mais coerentes assinaladas por essa preocupação parece-nos serem, todavia, as escritas por Teófilo Braga na "Prefação", que antecedeu as Obras ineditas de José Agostinho de Macedo (Cartas e opusculos). E

40. Ibid., p. 13.

fundado na teoria do alienista Maudsley exposta na Pathologia do espirito que Teófilo Braga explica os dois momentos da vida de José Agostinho de Macedo - o momento marcado pela revolta e o momento em que aspirou "a transformar a Litteratura e por ultimo a dirigir a Politica, sendo o unico elemento de resistencia doutrinaria na crise da transição do regimen do Absolutismo para o das Cartas outorgadas."⁴¹

O primeiro momento seria fruto, segundo a teoria de Maudsley, cujas palavras Teófilo transcreve, de "um sentimento pessoal exagerado e mal temperado, em consequencia do qual resulta a incapacidade de vêr as cousas nas suas verdadeiras relações e nas suas verdadeiras proporções."⁴² Constitui esse sentimento "o estofo favoravel ao desenvolvimento da paixão egoista, quer se trate da paixão que se traduz pelos esforços que faz o individuo para se satisfazer a si proprio, a ambição, a avareza, o amor, ou se trate da paixão que indica a reacção do eu contra o que se oppõe á sua satisfação, como a inveja, o ciume, os ressentimentos de amor proprio, a dependencia. E a expressão natural de uma tal paixão levada ao extremo é o delirio."⁴³ Teófilo Braga também encontra, conforme já o dissemos, na teoria de Maudsley, explicação para o segundo momento da vida de José Agostinho de Macedo - "apesar de tudo, ha grandes vantagens em ter o sentimento exagerado do seu valor; elle dá energia e vigor ao character; o que por vezes é um mal, dando força a

41. p. X.

42. Apud Theophilo Braga, "Sobre estes ineditos", In: José Agostinho de Macedo, Obras ineditas (Cartas e opusculos), p. IX.

43. Apud Id., ibid., p. IX.

convicções acanhadas, o que inflamma um zelo intemperante, po de prestar serviço ao individuo, permittindo-lhe reagir fortemente á opposição, resistindo inteiramente só."⁴⁴ E esse sentimento que "dá o poder a um individuo de tornar-se um reformador, ou o leva a ser um alienado, conforme as circumstancias da vida lhe são ou não favoraveis, e segundo o maior ou menor gráo de capacidade intellectual ou da vontade com que elle se acompanha",⁴⁵ é do que ainda fala Teófilo Braga, servindo-se das palavras do alienista. Nesse caso, José Agostinho de Macedo teria tido uma vida toda ela assinalada por accidentes excepcionais, devido à conformação de seu caráter.

Da biblio-

A obra épica de Macedo é responsá-
vel pelo juízo que o estigmatizou
em vida e mesmo depois de sua mor-
te: o de pretender atrair para si
a glória de Camões.

grafia existente acer-
ca de José Agostinho
sobreleva-se, porém,
principalmente, em con
seqüência de seu tom

virulento,⁴⁶ aquela dirigida contra os seus poemas épicos -

44. Apud Id., ibid., p. IX-X.

45. Apud Id., ibid., p. X.

46. Do ponto de vista histórico, é perfeitamente compreensível a atitude dos que julgaram Macedo com extrema acrimônia pelo fato de ele ter colocado em versos um assunto que fora tratado, pela primeira vez, por Camões.

Como se sabe, por volta da segunda década do século XIX (1810 e 1814, datas da publicação do Gama e de O Oriente, respectivamente), ainda sangravam os ferimentos causados pelas incursões francesas em território português. Não obstante esse era o momento do refazimento nacional; era o momento em que todas as forças da nação deveriam unir-se para o reerguimento da pátria. E o que fizera José Agostinho? Tocara exatamente no vulto que constituía uma das glórias mais preciosas da nacionalidade lusa.

De fato, nesse processo de renovação nacional estava reservado a Camões um papel de destaque. Assim, em 1817, sai à luz a edição monumental de Os Lusíadas feita pelo Morgado de Matheus em Paris; por volta dessa

José Agostinho, acima de tudo, ficou conhecido na história da literatura portuguesa como o autor que quis suplantar Camões. É essa uma opinião cristalizada.

A esse respeito, o tempo tem confirmado o parecer de Don Antonio Romero Ortiz que, em 1869, escreve sobre a atitude iconoclasta de José Agostinho para com Camões: "este es um crimen de que no le absolvió la generación actual, ne le absolverán probablemente las venideras(...). Los años transcurridos, léjos de haber diminuido la impopularidad del buen padre, la han aumentado. No hay quien se atreva á hablar de él con encomio."⁴⁷ Nessa mesma ordem de idéias - a antipatia que emana do nome de Macedo, por ele ter tratado o mesmo assunto de Os Lusíadas -, considera Fernandes Pinheiro - "Si outro fosse o thema escolhido outra seria tambem a aureola que circundaria o nome de Macedo, a quem não se pode recusar conspicuo assento entre os epicos nacionaes."⁴⁸

De fato, todos aqueles que se aproximaram do Gama ou de O Oriente fizeram inevitavelmente o paralelo desses poemas com o poema épico camoniano. Dessa atitude crítica resultaram acessas polêmicas que fortaleceram ain

mesma época, é discutido em Portugal o projeto de levantar-se um monumento ao célebre vate (Cf. Theophilo Braga, Garrett e o romantismo, p. 173 e segs); inúmeras traduções feitas na terceira década do século XIX confirmam o reconhecimento de Camões como poeta de mérito universal (Cf. Theophilo Braga, Garrett e o romantismo, p. 337); e não só o poeta Garrett, mas também o pintor Sequeira e o compositor Bomtempo escolhem Camões como tema de suas obras.

47. "El Padre Macedo", em sua obra La literatura portuguesa en el siglo XIX, p. 22-4.

48. Resumo de historia litteraria, v. 2, p. 225.

da mais a idéia de Macedo como inimigo de Camões. Isso porque Macedo não era homem que deixasse passar sem resposta qualquer palavra dirigida contra a sua pessoa, contra a sua obra ou ainda contra as suas idéias.

Se autores houve que buscaram atenuar ou justificar as passagens menos dignas da vida de José Agostinho de Macedo, nenhum houve - pelo menos, segundo o que pudemos apurar - que lhe perdoasse pelo fato de haver tratado em seus poemas épicos a viagem de Vasco da Gama às Índias.

Já em sua vida pelejara Macedo contra os que chamou de detratores de sua obra. Estão, nesse caso, entre muitíssimos outros, Pato Moniz e António Maria do Couto.

Em 1815, surgiu à luz o Exame analytico e paralelo do Poema Oriente do Rev. José Agostinho de Macedo com os Luziadas de Camões assinado por Nuno Alvares Pereira Pato Moniz. Constitui essa a obra de maior fôlego escrita por Pato Moniz contra o épico José Agostinho de Macedo. Nela aponta os erros não só de erudição ou de língua, mas também aqueles praticados contra o código da poética clássica, existentes no poema épico macediano.

António Maria do Couto, por sua vez, é o autor da Breve analyse do novo poema que se intitula "Oriente", obra dedicada "ao Excelso Principe dos Verdadeiros Poetas Portuguezes. Sempre illustre, e nunca assás decantado Luiz de Camões" e datada também de 1815. Em palavras inscritas na dedicatória da obra, vê-se com clareza a posição de António Maria do Couto diante das pretensões de Mace-

do - "Os grandes Génios são os unicos a quem por Natureza se concéde pizar terreno, que para outros he pélago invadiavel. Tal vós fizestes no programma, que escolheste em abono da Nação, e de seus valentes Capitães; preenchestes o fim do vosso projecto, franqueando aos vossos Compatriotas huma estrada nova da gloria, e por isto o sábio cosmopolita vos honra, e admira: sendo indubitavel, que todos quantos pretendem seguir vossas pizadas para derrubar-vos do erguido sólio da sapiencia em que vos sentais, por vós mesmo construido, darão maior realce ao vosso Génio, e saber, porque o vosso nome tanto mais se exalta, quanto mais péssimos systemas, e razões futeis o pretendem offuscar, e deprimir."⁴⁹

A publicação, porém, de obras que estabeleceram o paralelo entre Macedo e Camões, ou das que defenderam o autor de Os Lusíadas e acusaram Macedo, não cessaram com a morte deste. Assim, por exemplo, em 1834 sai à luz a Confrontação minuciosa dos dois Poemas Lusíadas e Oriente ou Defesa imparcial do grande Luiz de Camões contra as invectivas e embustes do Discurso preliminar do Oriente composto pelo P. J. A. de Macedo, etc. de autoria de Raymundo Manuel da Silva Estrada e, em 1840, publica-se a Apologia de Camões contra as reflexões criticas do P. José Agostinho de Macedo sobre o episodio de Adamastor no Canto V. dos Lusíadas.

Por aí se vê o quanto ofendera José Agostinho a opinião pública, primeiramente, por ter ousado escrever dois poemas com o mesmo assunto de Os Lusíadas e, depois, por ter atacado o poema épico camoniano, levado pos-

49. p. 5.

sivelmente pelo zelo de defender a sua própria obra.

Apesar de te

Certos críticos vêem Macedo como um autor que revela uma época. A nossa atitude crítica identifica-se com a desses estudiosos

rem sido esses os pris-
mas sob os quais com
maior insistência tem
sido focalizado o escri

tor José Agostinho de Macedo, estudiosos houve que viram nes-
se autor outro ponto de interesse. Ponto esse que não envol-
via opiniões fundadas em qualquer tipo de paixão - de paixão
contra a pessoa ou de paixão contra a obra. Referimo-nos àque-
les críticos que viram Macedo, como um escritor, através do
qual poderia ser desvendada uma época.

As nossas investigações feitas nesse
sentido conseguiram averiguar que apenas dois autores ressal-
taram a importância de José Agostinho de Macedo, enquanto re-
presentante de uma época - Teófilo Braga e António Pedro Lo-
pes de Mendonça. Apesar de este último estar mais recuado no
tempo, parece-nos ter sido ele o que interpretou mais corre-
tamente a significação de José Agostinho de Macedo dentro
das letras portuguesas.

Teófilo Braga afirma que Macedo "é
um vulto que synthetisa uma época, como essa deplorável re-
gressão de 1823 a 1834, cuja compreensão está dependente da
sua biografia."⁵⁰ Indubitavelmente, ao fazer essa afirmação,
Teófilo tem os olhos postos na história política de Portugal.
Para ele, pois, a revelação da vida, e tão-somente da vida de
José Agostinho de Macedo, implicaria na revelação da pró-
pria trama de um dos momentos críticos da história de Portu-

50. Encyclopedia portugueza illustrada, v. 6, p. 704.

gal.

Antônio Pedro Lopes de Mendonça, por sua vez, fala da obra de José Agostinho. E ao falar sobre ela, mostra o seu valor, enquanto documento de uma época, acentuando as idéias de teor cultural que refletiria - "As obras de José Agostinho de Macedo não podem deixar de ter para a critica bastante valor historico, embora o seu merito litterario não seja consideravel. São documentos, testemunhos mais ou menos completos que nos habilitam a apreciar qual era o estado do gosto publico, a situação moral dos espiritos, e o movimento das opiniões na sua época.

"A historia da sociedade está intimamente subordinada á historia das letras."⁵¹

Pois bem, o nosso pensamento crítico voltado para José Agostinho de Macedo segue o caminho indicado por Antônio Pedro Lopes de Mendonça. Vemos a obra de José Agostinho de Macedo, principalmente naquilo que apresenta de reflexão teórica ou crítica sobre o fenômeno literário, como um documento de sua época. Daí, termo-nos servido dela, para tentar fixar, como que num instantâneo, as idéias estético-literárias desse conturbado momento de transição cultural. Até que ponto estariam presas as idéias estético-literárias desse autor a um mundo caduco, ou até que ponto prenunciariam ou mesmo realizariam aquelas coordenadas que logo mais seriam definidas como modernas?

É essa a tarefa que nos impusemos e é esse o trabalho que adiante apresentamos. Para isso volta-

51. "José Agostinho de Macedo e a sua epocha", In: Annaes das Sciencias e Letras, v. 2, p. 449.

mo-nos tão-somente para o estudo daqueles aspectos do pensamento de José Agostinho de Macedo que nos puderam esclarecer acerca da problemática estético-literária vigente em seu tempo.

Com este trabalho também⁵² esperamos, conseqüentemente, poder fazer um pouco mais conhecido um campo que nos fascina dentro das letras portuguesas e que, incompreensivelmente, permanece inexplorado. Referimo-nos ao campo das idéias estético-literárias.

52. Aqui aludimos à nossa tese de mestrado - O conceito de imitação na crítica literária portuguesa de Seiscentos - defendida na Universidade de São Paulo, em dezembro de 1967.

P R I M E I R A P A R T E

CAPÍTULO PRIMEIRO:

S o b r e a c r i a ç ã o l i t e r á r i a



Os estudos da literatura em Portugal e o papel da crítica
de José Agostinho de Macedo

estudos da literatura em Portugal e o papel da crítica
de José Agostinho de Macedo

Os estudos da literatura em Portugal e o papel da crítica de José Agostinho de Macedo. Este trabalho aborda a importância da crítica literária no contexto português, destacando o papel de José Agostinho de Macedo como um dos principais críticos da época. O texto analisa a relação entre a literatura e a crítica, bem como o impacto da crítica na formação da identidade literária portuguesa.

CAPÍTULO PRIMEIRO:

Natureza ou arte?

Natureza ou arte? Esta é a pergunta central do primeiro capítulo, que discute a natureza da literatura e o papel do crítico. O texto argumenta que a literatura não é apenas uma expressão da natureza humana, mas também uma criação artística. A crítica, portanto, deve considerar ambos os aspectos ao analisar uma obra literária. O capítulo também aborda a questão da subjetividade da crítica e a importância de se estabelecer critérios objetivos para a avaliação das obras literárias.

Os estudos da literatura em Portugal e o papel da crítica de José Agostinho de Macedo. Este trabalho aborda a importância da crítica literária no contexto português, destacando o papel de José Agostinho de Macedo como um dos principais críticos da época. O texto analisa a relação entre a literatura e a crítica, bem como o impacto da crítica na formação da identidade literária portuguesa.

51. Op. cit., p. 5.

O ensino das letras em Portugal é visto por Macedo sob a perspectiva do processo criador

Entre as

muitas preocupações de José Agostinho de Macedo voltadas para a rea

lidade literária de seu país, destaca-se aquela relativa ao modo pelo qual a literatura era ensinada - "Nenhuma coisa me interessou tanto no estado social, e na posse de nossas leis, e costumes de que os barbaros nos arrancarão, como a instrução da mocidade, e nenhuma coisa me magoou tanto como observar o pouco amor, que os mancebos ganhavam ás letras, quando sahião das escólas de humanidade, onde os moço, e zangavam por muitos annos" (Mot. lit., v. 3, p. 87). José Agostinho vê como resultado provável de tal processo de ensino, a extinção do cultivo das letras, uma vez que os mestres em lugar de inspirarem aos jovens o amor a elas, acabavam por incutir-lhes uma verdadeira aversão. Com efeito, essa metodologia de ensino era esterilizante, sobretudo, por ser nela a palavra tomada como um valor em si.⁵³ Por outro lado, responsabiliza diretamente os princípios que a enformavam pela situação nada relevante da literatura de seu país naquela conjuntura cultural - "Se ha entre nós tão pequeno número de composições originaes, não se deve imputar a culpa á natureza, porque ella agora não he menos larga em dar os talentos do que já fôra algum dia. Deve culpar-se o ridiculo systema da imitação servil, que entre nós se tem introduzido, malogrando-se com esta mania abalizados talentos" (Mot. lit., v. 2, p. 270).

Ao apontar as falhas desse sistema, José Agostinho não almejava senão a renovação do ensino de sua pátria. E é por isso que, de um lado, acusa e, de outro, pro

53. Cf. Ant. doc., p. 6.

põe reformas. Suas palavras são, pois, sob esse aspecto, marcadas por um interesse de ordem pragmática.

Vejamos pri

Macedo acusa o ensino das letras de seu país

meiramente as suas acusações. As acusações de José Agostinho relati-

vas ao ensino da literatura, que ocupam o centro de seu pensamento, dizem respeito: 1º) à formação dos futuros escritores: essa estava fundada no estudo de um só autor. Com tal processo, o jovem era obrigado a seguir em suas composições os recursos estilísticos empregados pelo autor que lhe era imposto como exemplo de perfectibilidade. Não tinha, pois, liberdade para criar;⁵⁴ 2º) ao tipo de obras oferecidas aos jovens como modelo: eram obras que se definiam pelo complicado da expressão. E para José Agostinho o valor de uma obra literária não residia nos malabarismos vocabulares ou de pensamento que, por ventura, ela apresentasse;⁵⁵ e 3º) à complexidade da teoria literária então ensinada: tratava-se de uma teoria que tinha por substância a retórica. Por isso, diz ser preciso desterrar "toda a caterna ociosa de preceitos, toda a infinita nomenclatura de tropos e figuras, toda a corja de lugares communs, que tanto embaraço o mesmo entendimento" (Mot. lit., v. 2, p 315).

Examinando-se o teor das acusações de José Agostinho de Macedo, observa-se que todas elas se fundavam num só princípio - o de sua ojeriza ao artificial. Conseqüentemente, todas as reformas propostas por ele esta-

54. Cf. Ant. doc., p. 6.

55. Cf. Ant. doc., p. 6-7.

rão inscritas, conforme veremos, sob a égide do natural.

Macedo propõe soluções para o ensino das letras de seu país:

Para José Agostinho de Macedo o homem é um ser diferenciado não só física,

mas também moralmente - "Não ha dois homens, que perfeitamente se pareçam na indole, como não ha dois rostos entre si perfeitamente semelhantes: ou o não são tanto que se iquivoquem. A variedade, e diversificação que admiramos no mundo fysico, não he menos portentosa no mundo moral, bastão dois dedos, ou duas lambuçadas de filosofia para a reconhecer evidentemente" (Mot. lit., vol. 2, p. 265).

Assim sendo,

a. O "magister dixit" tem que ser substituído por uma ação voluntária do indivíduo.

as suas propostas metodológicas voltadas para o ensino da literatura buscam atender, acima

de tudo, a natureza do ser humano, naquilo que ela tem de especificamente pessoal. Daí, afirmar não poder partir dos instrutores da mocidade a imposição de qualquer autor como modelo. Pelo contrário, a inclinação de espírito do indivíduo passa a ser considerada elemento decisivo nesse processo de ordem seletiva.⁵⁶

Por outro lado, José Agostinho ~~jota~~ ^{goteja} sera elemento positivo para a criação literária, o fato de o jovem afeiçoar-se a diversos autores. Quando isso ocorre, há o aparecimento de um composto estilístico de uma nova ordem.⁵⁷

56. Cf. Antl. doc., p. 7

57. Cf. Antl. doc., p. 7

De qualquer forma, partiria, pois, do jovem a opção. Dessarte, instaurar-se-ia no ensino da literatura o critério da livre escolha. E essa proposição constituiria em Portugal dos primeiros anos do século XIX uma novidade de ordem pedagógica. Pelos menos é isso o que seguramente indica o pensamento de Macedo.

Além disso,

b. O coração tem que ocupar um lugar de relevo

relativamente à prioridade dada à índole dos mancebos, faz-se

necessário considerar que, no sistema de Macedo voltado para o ensino, um novo valor projeta-se no quadro da criação literária. Estamos a referir-nos ao coração.

Na verdade, para José Agostinho um homem sem coração não poderá ser eloquente - "Tenhão agora a bondade de me mostrar hum homem sobre quem a presença dos objectos externos não faça alguma impressão, hum homem sem paixões, sem affeições internas, que tenhão relação sobre o seu espirito, e coração, e se se póde esperar, que este homem seja eloquente?" (Mot. lit., v. 2, p. 307); e a espontaneidade transforma-se na característica desejável da arte oratória, uma vez que "o que não vem do coração, não vai ao coração" (Mot. lit., v. 2, p. 308). Por isso, o discurso de um saloio ou de um algarvio — ambos, criaturas sem qualquer instrução — poderá ser muito mais eloquente, ao defenderem os seus direitos, do que o de um advogado preparadíssimo. Isso porque aquelas criaturas estão emocionalmente identificadas com a matéria de seu discurso. Assim, as suas palavras fluirão natural e impetuosamente de seu espírito. Por outro lado, o advogado,

por estar preocupado acima de tudo com as leis do Direito, acabará apresentando um discurso inane.⁵⁸ Isso porque para Macedo "a maior ou menor força da expressão, depende da diversa têmpera do cora  o"(Mot. lit., v. 2, p. 310). Daí dizer ser "verdade demonstrada por si mesma, que sem impressões não p  de haver eloquencia, e que a eloquencia será mais forte, e patetica, quando mais vivas forem as mesmas impressões"(Mot. lit., v. 2, p. 308). Portanto, quanto    sua signi  fica  o, o cora  o no pensamento de José Agostinho de Macedo está relacionado com a emo  o - quando o cora  o sente, as palavras e mesmo as lágrimas tornam-se intérpretes desse sentimento.⁵⁹

Em suma, a metodologia macediana voltada para o ensino das letras   , no contexto cultural de seu momento, inovadora não só na medida em que propõe a libera  o do eu do futuro escritor de toda e qualquer coer  o contrária    sua natureza, mas também pelo papel de destaque que confere ao cora  o.

Assinalamos

c. Os modelos ideais são os que tocam o cora  o.

que José Agostinho se rebela também quanto ao tipo de autores

oferecidos aos jovens como modelos. Tratava-se de obras que não estimulavam o estro criador. Pelo contrário, sufocavam-no. Tomando-as por guia, aponta Macedo um só resultado - a perda, por parte dos jovens, do gosto pelo cultivo das letras - "Os rapazes não ach  o gosto na leitura de taes obras.

58. Cf. Ant. doc., p. 7-8.

59. Cf. Ant. doc., p. 8.

Longe de lhes sublimarem a alma, e de lhe pôr em movimento o coração, esfrião, e estancão de morte os miseráveis" (Mot. lit., v. 3, p. 73).

Segundo Macedo, "para inspirar aos moços o amor das letras convem interessallos, nem se pôdem fazer interessar pelas letras quando se lhes não batem as ve redas do coração, e do genio" (Mot. lit., v. 3, p. 72).

Ora, os únicos autores que poderiam atender a essa diretriz de pensamento seriam os autores dos primeiros tempos do Cristianismo. Isso porque com eles os jovens aprenderiam a "conhecer o coração do homem, a combatelo, a excita-lo, e a convence-lo" (Mot. lit., v. 2, p. 318). Daí, fazer-lhes sem reservas uma entusiástica apologia. Para Macedo, tratava-se de oradores que atingiam com a força de sua palavra o âmago da alma de seus ouvintes;⁶⁰ daí, afirmar que "os escritos dos padres devem ser os unicos modelos para os oradores" (Mot. lit., v. 2, p. 318).

Além disso, a Bíblia e a poesia dos hebreus transformam-se então nas fontes ideais para o aprendizado da arte de escrever - "Só na Poesia dos Hebreos se encontra este estilo,⁶¹ e sem se estudarem, e possuírem bem alguns dos Livros da Bíblia, não se pôde ser verdadeiro Poeta" (O Or., Disc. prel., p. 100). E a essa mesma idéia liga-se a proclamação de José Agostinho relativa à superioridade das obras vinculadas ao Cristianismo, quando comparadas com as obras legadas pela Antigüidade clássica - "Compôs Pope ou tra ecloga imitada do Polião de Virgilio, onde inserio os di

60. Cf. Ant. doc., p. 9.

61. Por este estilo compreenda-se "hum estilo verdadeiramente poetico, que se annuncia por imagens, e figuras novas, sempre levantadas e sempre formosas" (O Or., Disc. prel., p. 100).

vinos extasis de Isaias, pouco he preciso para se conhecer que a poezia dos Hebreos he superior a tudo quanto os Gregos, e Romanos escreverão de mais levantado" (Mot. lit., v. 2, p. 276).

Assim, as palavras de Macedo concernentes à indicação dos autores ideais para a educação da mocidade testemunham que, nos primórdios do século XIX, se delineava em Portugal a formação de um gosto literário fundado em valores distintos daqueles propugnados pelo mundo clássico.

Ainda quanto à questão relativa aos modelos, é necessário ressaltar que há no pensamento de José Agostinho de Macedo outro aspecto com interesse para este estudo. Apontando-o, estaremos auscultando com maior exatidão o processo de transformação pelo qual atravessavam as letras portuguesas.

E com justiça

d. A Filologia tem que ser substituída pela Lógica. ficado rancor que Macedo se refere ao modo como um discurso de

Cícero era analisado. Os professores estafavam-se ou em apontar a pureza da sintaxe dos seus períodos e a colocação das figuras de retórica ou em resolver problemas relativos a esta ou àquela palavra considerada isoladamente dentro do texto.⁶² José Agostinho aconselha que esse processo de ensino pautado numa fria erudição seja substituído. Para Macedo, o que importa é o conhecimento do espírito da obra. Esse espírito seria atingido, quando fosse realçada a maneira como o

62. Cf. Ant. doc., p. 9-10.

pensamento teria sido construído: a distribuição e desenvolvimento de suas idéias; o objetivo visado, os meios empregados para a obtenção desse objetivo, a adequação do discurso à matéria e, do gênero ao tipo de juízes, de ouvintes e de réu.⁶³ Por essas considerações de Macedo, observa-se que certo interesse pelo conteúdo da obra começa a fazer frente a uma abordagem crítica exclusivamente formal. Por mais uma vez, pois, o natural é valorizado em face do artificial.

Outro aspec-

e. A Retórica tem que ser substituída pela Lógica

to relativo ao ensino das letras em seu país, contra o qual se colo-

ca Macedo, diz respeito à Retórica. Para ele os ensinamentos nela fundados são inúteis - apesar de o número das suas figuras ser notável, ela por si só jamais formará um orador.⁶⁴

Dai, sugerir a sua substituição por um ensino, cuja diretriz fosse o exame de operações de natureza intelectual.⁶⁵

Portanto, o ensino não mais deveria ser desenvolvido por meio de processos artificiais, mas sim por meio de processos fundados na própria observação do funcionamento da razão humana. É a esse ensejo que José Agostinho aponta a utilidade de "hum resumo de observações sobre a theoria das operações do entendimento, quando se applica á contemplação de qualquer materia sobre que deve discorrer" (Mot. lit., v. 2, p. 315). Seria esse resumo que se deveria ensinar "á mocidade, que se applica ao estudo, e destina ao

63. Cf. Ant. doc., p. 10.

64. Cf. Ant. doc., p. 10.

65. Cf. Ant. doc., p. 10-1.

exercício oratório" (Mot. lit., v. 2, p. 315).

Na verdade, admite José Agostinho de Macedo uma só modalidade de regras: aquela que é ensinada pelos filósofos - "Se ateimarem a conservar estas regras, fiquem embora as regras, tenha preceitos de eloquência, haja uma arte, que ensine a persuadir, mas esta aprende-se dos filósofos, mas não dos rhetoricos; os primeiros são verdadeiros oradores, os segundos são simplices, e descarnados declamadores" (Mot. lit., v. 2, p. 315-6). Por isso, para ser orador "he preciso estudar a natureza humana, e o conhecimento do coração humano he a verdadeira filosofia, e a mais interessante; filosofia a mais proxima ao alcance do nosso entendimento. A mechanica, e applicação dos preceitos pedantescos, tem muito parentesco com huma metafysica escolastica, e todas as fadigas, que se dão os mestres de rhetorica são inuteis, e infructuosas para formar o verdadeiro orador" (Mot. lit., v. 2, p. 316-7).

Por essas considerações de Macedo, vê-se que ele coloca acima da arte da palavra a arte de pensar. Aliás, é isso mesmo o que diz, por exemplo, na seguinte passagem do Motim literario - "Se a rhetorica he a arte de dizer, e fallar bem, e se se não póde fallar bem, sem saber primeiro bem pensar, importa muito formar antes de tudo o critério, rectificar as proprias idéas, e simplifica-las" (Mot. lit., v. 2, p. 317-8). Representam, pois, essas idéias de Macedo relativas a uma nova técnica do ensino da arte literária mais um passo no sentido de introduzir nas escolas métodos mais condizentes com os novos tempos - propõe-se dentro, é verdade, dos limites traçados pela cultura de então a subs

tituição de um ensino dogmático por um ensino em que o eu operasse mais livremente.

Essas palavras de Macedo testemunham que, em seu tempo, começa a haver pressão junto ao ensino, no sentido de que este abandone velhos procedimentos pedagógicos, que não mais correspondiam à concepção da literatura em vigor.

De tudo isso que aí dissemos, espe-ramos que tenha ficado patente a proeminência total dada aos valores inscritos na categoria do natural, valores esses situados em oposição àqueles inscritos na categoria do artificial.

Assim sendo,

f. A natureza tem que ser a força motriz do processo criador

perguntamos, representará para José Agostinho de Macedo a nature

za a força motriz da criação literária? A esse respeito, Macedo é bastante explícito. Em diversas passagens do Motim literario, a sua resposta a essa questão é afirmativa.⁶⁶ Na verdade, segundo o seu pensamento, nasce o orador. Consequentemente, não se faz.⁶⁷ Portanto, para José Agostinho de Macedo a natureza é maior do que a arte.

Ao enfatizar a supremacia da natureza sobre a arte, José Agostinho não o faz tendo em vista ex-

66. Referimo-nos especificamente ao Motim literario, uma vez que é nessa obra que José Agostinho de Macedo apresenta o maior número de considerações sobre o problema ora focalizado. Além disso, é nela que essas considerações são desenvolvidas com maior coerência, profundidade e vagar.

67. Cf. Ant. doc., p. 11-2.

clusivamente o homem de seu tempo. Volta-se para a origem das coisas e verifica que tanto na poesia, quanto na eloquência, foi a natureza a primeira a falar. A respeito da poesia diz - "Os gregos derão regras, e modelos, Forão delicados em sentimento, observarão a Natureza, e d'esta observação fizeram regra invariavel. O que elles estimarão como perfeito em Poesia, ainda hoje conserva a mesma estima" (A Nat., Ant., p. 3-4). Esse pensamento de Macedo torna-se talvez mais claro ao nosso intento, quando afirma - "He innegavel a preheminência dos Gregos nas artes poeticas(...); vierão primeiro e se assenhorearão das grandes imagens que a natureza offerece aos verdadeiros contempladores" (Mot. lit., v. 3, p. 207-8). E sobre a Eloquência considera que "todas as regras vierão depois da natureza; a eloquencia existia, antes que existissem as regras; a natureza ministra os materiaes ao orador, e a arte descobrindo com malicia, a malicia alheia, mette em linha de batalha os monumentos sugeridos pela natureza, e manda atacar, ou o juiz, ou os pios ouvintes" (Mot. lit., v. 2, p. 313). Mais um argumento, pois, a favor da natureza, apresenta José Agostinho - esse de cunho histórico.

Não se jul-

g. As regras têm que provir do gênio e não ser impostas a ele

gue, porém, que, por estabelecer o primado da natureza, o pensa-

mento de José Agostinho de Macedo seja inteiramente revolucionário. Dizemos isso, porque José Agostinho não entende "por instinto no escrever(...) a liberdade absoluta de adotar, e seguir indistinctamente tudo aquillo que lhe vem á testa, e de o exprimir de qualquer maneira, e sem consultar

as leis do gosto, e a conveniencia" (Mot. lit., v. 2, p. 267). Por instinto no escrever, José Agostinho entende "o caminho ao qual a natureza destina cada hum dos homens; então o instinto não he outra cousa mais que a voz da mesma natureza, e cumpre absolutamente seguilla, se algum procura sahir bem de qualquer empreza literaria" (Mot. lit., v. 2, p. 267-8). Daí, absolver Horácio, de Corneille, e condenar Júlio César, de Shakespeare - Corneille, apesar de não ter sido fiel às regras ditadas pela poética, produziu uma obra marcada pela genialidade. Isso porque se deixou guiar pela orientação segura da voz da natureza. Por outro lado, Shakespeare, por não ter dado uma direção ~~correta~~ ao seu talento, criou uma obra sem nexos.⁶⁸

Assim sendo, observa-se que a concepção macediana da criação literária não se identifica inteiramente com certas concepções existentes em seu tempo, concepções essas, que conferiam à espontaneidade toda a responsabilidade do ato criador. Tal concepção é encontrada, por exemplo, em certas manifestações do pensamento de Goethe - "Muitas vezes, Goethe descreve o processo criador como puramente inconsciente: escreveu obras como um sonâmbulo, "instintivamente," em sonho."⁶⁹ José Agostinho crê, todavia, na voz da natureza. José Agostinho proclama, conforme vimos, que todo aquele que se queira sair bem de qualquer empresa literaria deverá seguir essa voz. Logo, obedecer à natureza é algo de bom, é algo de válido.

O que separa José Agostinho de Mace-

68. Cf. Ant. doc., p. 13-4.

69. René Wellek, História da crítica moderna. v. 1, p. 187.



do dos que propugnam por uma arte inteiramente instintiva é que para estes a natureza deveria estar livre da jurisdição de qualquer lei. O mesmo não ocorre no pensamento de José Agostinho. Para ele, a natureza era boa apenas, quando trazia em seu bojo determinados princípios estéticos condizentes com o gosto clássico - "Eu não excluo assim de malhão as regras da esfera dos grandes genios, se por estas regras se entendem os principios de unidades, e de ordem, de decencia, de interesse que se deduzem do seio da mesma natureza; estas regras são indispensaveis ainda ao genio mais extraordinario, ou para dizer melhor, estas regras são como naturaes effeitos do mesmo talento, e do mesmo genio, sem as escutar a viva alma, elle atina com ellas, e as segue como por instincto" (Mot. lit., v. 2, p. 290).

Observe-se, porém, que esses princípios estéticos não são válidos, por serem encontrados nos autores da Antigüidade grega ou latina. Desloca-se o eixo de sua justificação. Agora são valorizados, por existirem na natureza - "O grande existe em a natureza, e só o estudo desta o póde fazer conhecer, e apanhar. A escolha do caminho deve ser indicada pela natureza, e seja qual fôr não importa que esteja nos lugares communs das poeticas ou na conducta da decantada Illiada, e divinizada Eneida" (Mot. lit., v. 2, p. 289).

A esse propósito, talvez valha a pena assinalar que José Agostinho de Macedo protesta contra os juízos proferidos pelas Academias que examinaram os poemas de Tasso e de Milton, as peças de Corneille e de Racine. Isso porque tanto as composições daqueles, quanto as destes fo

ram julgadas, segundo a sua perspectiva, pelas obras legadas por Homero e por Eurípides ou Sófocles respectivamente.⁷⁰

Conseqüentemente, Macedo não vê a literatura como uma galeria formada por obras alçadas à categoria de paradigmas, à qual todas as outras teriam que sujeitar-se. O prisma sob o qual focaliza a literatura é, pois, de natureza dinâmica. Daí, dizer com referência aos críticos desse tipo - "Estes frigidíssimos reportórios das estereis regras, como não têm faculdades analogas às produções da arte, e são incapazes de formar modelos intellectuaes, tudo referirão aos modelos existentes" (Mot. lit., v. 2, p. 288-9). Aliás, as regras encontradas nos manuais de retórica são frequentemente qualificadas por José Agostinho de estereis e infecundas. É o que ocorre, por exemplo, no "Anteloquio" de A Natureza - "O compasso frigidissimo das estereis, e infecundas regras, com que nos opprimem alguns pedantes, não tem aqui lugar"(p.9) - e na seguinte passagem do Motim literario - "/ os oradores/ educados na escola de huma luminosa filosofia, sirvão-se das luzes da filosofia, e não dos estereis dictames das artes da rhetorica" (v. 2, p. 319). Na verdade, José Agostinho vê esse tipo de regras como "hum jugo oppressor, que embaração e prendem os livres vôos do genio" (Mot. lit., v. 2, p. 290) e chama os gramáticos e retóricos de "almas pequenas, manietadores do espírito humano" (Mot. lit. v. 2, p. 14). Por essa razão diz no "Discurso preliminar" de O Oriente que no exame do poema camoniano não se demorará "em pequenas, e indifferentes coisas, nem a infracção de huma, ou outra regra das Poeticas deve degradar hum bom engenho da altura a que o levarão seus escritos"(p. 84).

70. Cf. Ant. doc., p. 14-5.



Do ponto de vista do ensino da criação literária, vê José Agostinho outro prejuízo trazido pelas regras; elas esfriam o gênio. Assim, o poeta talentoso em virtude da arte escreverá composições do mesmo nível daquelas escritas por um poeta destituído de talento - "as regras são como queria ser a República Franceza, humas invariáveis, uniformes; possuidas ellas pelo espirito humano, ficão sendo tão regras na alma de hum Chrysostomo, como na alma pequena de hum rhetoricão, e se as regras produzem effeito, este ha de ser igual á sua causa, logo huma oração de pedante será o mesmo que huma homilia ao povo de Constantinopla" (Mot. lit., v. 2, p. 314).

Por outro lado, em suas obras polêmicas, a justificação desta ou daquela idéia não é feita, tendo por base esta ou aquela autoridade. É a natureza, algumas vezes, e a razão, outras, que se tornam as testemunhas de suas idéias. É esse, por exemplo, o procedimento de Macedo na Censuras das Lusiadas - "Nesta Censura não procurarei examinar o Poema á luz das leis arbitrarías dos Pedantes, nem das theorias que se não fizerão se não depois de apparecerem os Poemas que o Genio concebera, e executara. Não ha outra regra mais do que a Razão, e a Natureza; nada pode esta dictar que aquella contradiga" (Introd., p. 11). A esse intento, é curioso assinalar que Horácio se torna sinônimo da boa razão. Na Censura das Lusiadas, são muitas as passagens em que Horácio é identificado com ela. A título de illustração, transcreveremos as que seguem: 1. "Diz Horacio, ou diz a boa razão que quando o Poeta vê coisas, que ditas, e tratadas em Poesia, não podem brilhar, que as deve prudentemente omittir"

(v.1,p.239); 2." Nec Deus intersit, nisi dignus vindice nodus.

'Se o caso não o pedir não venha hum Numen'. Isto he hum dictame da boa razão de Horacio, e de todos os homens" (v. 1, p. 63); 3. "O que se conhece, diz Horacio (ou a boa razão, que he mais que Horacio) que não póde brilhar em Poesia, omitte-se; nesta categoria entrão miudezas de circumstancias, e o que se não póde dizer em tom Poético, não se diz, porque fica então muito mais baixo, que a prosa" (v. 2, p. 106).

Pelo que dissemos acerca da idéia da natureza no pensamento de José Agostinho, verificamos que Portugal dos primórdios do século XIX não se libertara inteiramente das diretrizes culturais do mundo clássico. Isso talvez porque se tratasse de um país praticamente formado sob a égide do Classicismo. Assim sendo, não estava, naquele momento, em condições de romper de forma abrupta com a cultura que lhe configurara o ser. No entanto o estudo do sentido da natureza no pensamento de José Agostinho de Macedo tem-nos mostrado que, no tempo desse autor, essa ruptura estava em pleno devir.

h. A criação literária tem que ser motivada

Não só por esses aspectos, porém, se observa não estar a noção de natureza

no pensamento de José Agostinho de Macedo inteiramente identificada com coordenadas de cariz romântico, apesar de para elas dirigir-se. Referimo-nos ao fato de José Agostinho não acreditar na manifestação não motivada do estro criador.

Para ele a criação literária depende rá do influxo de um agente externo. Este poderá ser uma obra

ou a própria Natureza.⁷¹ Dessarte, vê-se, no que diz respeito à educação literária, que os autores deixam de ocupar o lugar central, tal qual ocorrera, por exemplo, no tempo da Arcádia.⁷² A partir do momento em que todo o crédito é dado à natureza, o papel dos autores torna-se meramente auxiliar, isto é, sua única função é a de estimular os talentos. A esse respeito, são curiosas as palavras de Macedo acerca de Tomás - "Eu darei hum conselho de amigo aos oradores principiantes, que quando se dão á leitura de Thomás, se sirvão d'elle não para imitação, mas como de huma especie de cordial que os anime, ou de licôr espirituoso que os inflamme" (Mot. lit., v. 3, p. 7-8).

Dentro des-

i. A standardização literária tem
que ser banida

sa mesma seqüência de
idéias, cabe-nos assi-
nalar que José Agosti-

nho aponta outro prejuízo trazido à literatura, quando a natureza é sufocada. Referimo-nos à standardização literária. Para Macedo, uma cópia nunca transmite a mesma força artística que pode transmitir a obra original.⁷³ Ao pensar desse modo, parece que José Agostinho está a intuir o que constituiria uma das idéias-chave da teoria da informação, propagada com entusiasmo pelas poéticas de vanguarda de nossa idade - "quanto mais provável seja a mensagem, menor será a informação que propicia".⁷⁴

71. Cf. Ant. doc., p. 15.

72. Cf. Correia Garção, "Dissertação terceira", em suas Obras completas. v. 2, p. 131-8.

73. Cf. Ant. doc., p. 16.

74. Norbert Wiener, Cibernética e sociedade, p. 21.

Portanto, todas as palavras de José Agostinho de Macedo voltadas para a problemática da criação literária valorizam sem condições a natureza e minimizam a arte.

SEGUNDA PARTE

Capítulo I - A obra literária



SEGUNDA PARTE

Sobre a obra literária



A complexidade caracteriza o campo semântico da palavra Natureza. Neste capítulo estudar-se-á a Natureza, enquanto realidade fenomenal

Como se sabe, a palavra Natureza, quando focalizada sob o prisma estético,

apresenta avultado número de acepções. Além de significar coisas distintas, como aptidão do espírito ou realidade exterior, tem apresentado na história das artes e das letras flutuações semânticas notáveis. Cada escritor que medita sobre o seu valor confere-lhe significados distintos.⁷⁵

Nos séculos XVII e XVIII, esse complexo de significações tornou-se especialmente acentuado, em grande parte, porque a palavra Natureza e seus cognatos se tornaram extremamente correntes. O desenvolvimento alcançado pelas Ciências Físicas e Naturais e a proliferação e divulgação das obras publicadas sobre essas matérias foram os grandes responsáveis por esse fato. Seguir a Natureza, ser natural foram as ordens ditadas pelas poéticas de então. Ordens succintas que escondiam, atrás de sua aparente simplicidade, um mundo de interpretações, pois cada autor ou crítico lhes dava o sentido que melhor atendia às suas intenções: por meio delas, certos erros de teor artístico ou literário eram denunciados e em nome delas esses mesmos erros eram justificados. Assim, José Agostinho de Macedo defende-se da acusação de furto invocando o natural - "Tapar os ouvidos com as mãos quando se escuta algum estrondo me-

75. William K. Wimsatt, Jr. e Cleanth Brooks apontam em seu livro - Crítica literária. Breve história - muitos dos sentidos que têm sido conferidos ao termo Natureza. Para se ter uma idéia da pujante riqueza de suas acepções, será útil consultar o vocábulo Natureza em páginas de seu índice remissivo.

donho, ou como o estampido da artilheria, ou algum estrepito desagradavel, como he o zurrar de hum burro, he huma acção tão commum, tão geral a todos que até he natural, e maquinal.(...) Ora esta acção que he propria, que he natural de todos, huma vez que o impeccavel Camões a pinte, fica com hum privilegio exclusivo para usar della, e fica sendo na intelligencia dos Patos hum atentado, hum sacrilegio, hum delicto imperdoavel a qualquer usar da mesma imagem, e pintar a natureza em seus geraes, e universaes movimentos, e tão proprios que não parecem espontaneos, como o não são outros movimentos da nossa corporea maquina" (O Esp. Port., 2º sem., p. 130-1).

Neste capítulo, não nos ocuparemos das acepções da palavra Natureza atinentes ao ato criador, isto é, não precisaremos o seu sentido em frases do tipo - seguir a Natureza e não as regras. Essa questão já foi examinada neste trabalho. Aqui examinaremos a idéia da Natureza no pensamento de José Agostinho, enquanto realidade objetiva, isto é, enquanto realidade exterior que o homem contempla e analisa.

Sabe-se que

Nos séculos XVII e XVIII, os poetas celebram a Natureza sob os seus mais diferentes aspectos

a Natureza nunca esteve ausente da literatura. No contexto das

literaturas modernas, foi, porém, nos séculos XVII ou XVIII, conforme os países, que ela deixou de ocupar uma função subsidiária, isto é, de mero ponto de apoio da matéria poética. Torna-se em certas manifestações literárias, ou seja, nos chamados poemas didáticos, o seu assunto exclusivo. Foi

então que esse gênero alcançou surpreendente florescência.⁷⁶ Por meio dele, foram celebrados os mais diferentes aspectos da Natureza - quer aqueles relativos aos fenômenos físicos, quer aqueles relativos às recentes descobertas do reino mineral, vegetal ou animal. A testemunhar tal fato está o rol de poemas dessa natureza apresentado por José Agostinho de Macedo no "Discurso preliminar" do Newton.⁷⁷ Ocupa nada mais nada menos que doze páginas. Além de essa relação surpreender-nos pela sua extensão, por ela verificamos que os interesses científicos dos homens de então eram bastante variados. Percorrem uma gama que vai desde poemas, cujos títulos refletem preocupações por assuntos de ordem geral, como os chamados A Cultivação, Botânica e Física, até poemas, cujos títulos indicam interesses de ordem bem mais restrita e para nós bastante curiosos. Nesta categoria, estão incluídos, entre outros poemas, os seguintes: Banhos quentes de Ischia, Chocolate, Enxofre, Vidro, Morangos e Barômetros. E As Geórgicas, de Vergílio, num contexto cultural com tais interesses, passam a ter outro valor perante os demais poemas do mundo antigo - "Conheceo-se então o verdadeiro preço das Georgicas, o mais acabado, e perfeito Poema que nos deixou a antiguidade" (A Nat., Ant., p. 7). Esse pensamento de José Agostinho deve corresponder a uma opinião generalizada.

76. Aqui é necessário assinalar que, apesar de o Classicismo ter produzido também poemas didáticos, não os produziu na mesma escala em que os produziram os séculos XVII e XVIII.

77. Cf. p. 9 e segs.

Em Portugal, é no início do século XIX que o poema didático é valorizado. José Agostinho de Macedo é o introdutor desse gênero na Literatura Portuguesa

Se a proliferação de poemas didáticos ocorreu em certos países europeus durante o século

XVII - Itália, por exemplo - ou durante o século XVIII - como na Inglaterra e França - em Portugal, esse gênero manifestou-se mais tarde. Suas primeiras expressões situam-se no início do século XIX.

A verdade é que ~~no~~ quando em que José Agostinho de Macedo inscreveu a Contemplação da natureza (1801) - seu primeiro poema didático dado à luz - na história das letras lusas, Portugal já conhecera pela pena de Bocage um poema desse gênero - Os Jardins (1800).⁷⁸ Esse poema, todavia, não fora criação original de Elmano. De autoria de Delille, cabia, pois, a ele apenas o mérito da tradução. José Agostinho de Macedo deve, conseqüentemente, ser considerado o introdutor do poema didático em Portugal,⁷⁹ e a Contemplação da natureza representa o elo inicial de uma cadeia de poemas de sua autoria vazados nesse mesmo gênero.

78. Os Jardins, de Delille, obra traduzida por Bocage representa a primeira manifestação do gênero didático publicado em língua portuguesa. No entanto não foi Bocage o único poeta a interessar-se por tal gênero. Seus contemporâneos Sousa Caldas e a Marquesa de Alorna também o cultivaram. Mas os seus poemas didáticos - As Aves e Recreações botânicas - são publicações póstumas: foram editados em 1821 e 1844, respectivamente.

79. Se hoje julgamos esse fato com indiferença, por tal gênero não corresponder nem de longe ao nosso gosto, deve ter-se presente o momento cultural em que se desenrolaram tais acontecimentos. Naquele momento, rico de aquisições científicas, mas paupérrimo, quanto ao sentido de poesia, o poema didático representava uma das manifestações máximas do gênio poético. Dentro desse contexto, é, pois, historicamente significativo ter-se sido o primeiro a instaurar tal gênero nas letras de qualquer país. E em Portugal, esse título cabe a José Agostinho de Macedo.

Trata-se de A Meditação (1813), de Newton (1813), da Viagem extatica ao templo da sabedoria (1830), de A Natureza (1846) e de A Creação (1865).⁸⁰ Esses poemas, apesar de constituírem publicações distintas, são, quanto à sua matéria refunções de duas matrizes, isto é, de A Creação e de Newton. A Creação forneceu substância para a Contemplanção da natureza, A Meditação e A Natureza, enquanto a Viagem extatica ao templo da sabedoria representa uma reformulação de Newton.

Dito isso,

José Agostinho de Macedo vê Natureza sob dois prismas: 1. enquanto repositório de conhecimentos científicos e 2. enquanto paisagem

passemos ao estudo da Natureza no pensamento de José Agostinho de Macedo.

O autor de O Oriente vê a Natureza, enquanto realidade fenomenal, sob dois prismas: ora é o repositório de fatos científicos; ora é a paisagem que deslumbra os sentidos. A primeira concepção é sobretudo a encontrada nas dissertações que antecedem os seus poemas didáticos (discursos, prefações ou antelóquios); a segunda é encontrada em páginas do Motim literario e das Cartas filosóficas a Attico. E por José Agostinho de Macedo focalizar a Natureza sob dois aspectos distintos, examiná-los-emos separadamente, já que cada um deles, em consequência de sua especificidade, suscita uma ordem diferente de considerações e de problemas.

80. Enfileiramos os poemas na ordem em que foram publicados. Se atentássemos às datas de sua criação, a ordem seria outra. À guisa de esclarecimento, devemos dizer que o poema A Creação foi escrito em 1793 e o poema A Natureza em 1806.

1. A NATUREZA, ENQUANTO REPOSITÓRIO DE CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS

Cantou-se a Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, não só por admiração à Ciência, mas também porque as suas verdades correspondiam às verdades da Arte. O pensamento de Macedo é rico em testemunhos dessa ordem

reconhecido como século eminentemente científico. Hernâni Cidade, por exemplo, numa passagem de suas Lições de cultura e literatura portuguesas diz que nós "homens do século XX, habituados como estamos aos triunfos da ciência e suas técnicas sobre as forças da Natureza, não podemos bem compreender o álaçre optimismo confiante do Século das Luzes. Todavia, a emoção de ver a Natureza em profundidade, que os homens de Setecentos criam sentir, deve quase equivaler à que, descortinando-a em extensão, sentiram os navegadores e exploradores do Renascimento. De aí uma vibração de tom lírico, expressa em tantas obras de poesia descritiva e filosófica; de aí a impregnação da literatura de imaginação pelo espírito científico."⁸¹

Além do entusiasmo para com os resultados obtidos pela Ciência, é preciso, contudo, pôr em relevo que a matéria Natureza, enquanto repositório de conhe

Sabe-se que o século XVIII foi tão vincadamente marcado pela Ciência que a ela chegou a dever a sua qualificação mais conseqüente. Hoje é

81. v. 2, p. 51.

cimentos científicos, também foi celebrada naquela conjuntura, porque - assim o cremos - os poetas de então puderam nela encontrar fortes motivações de natureza estética. De fato, a Ciência aduzira da Natureza leis que, além de expressarem verdades científicas, expressavam verdades estéticas, isto é, verdades condizentes com a concepção que então se tinha do Belo. Estão nessa categoria, por exemplo, a averiguação científica da presença no âmbito da natureza quer animal, vegetal ou cósmica do princípio da unidade na variedade e da natureza harmônica e simples das leis que regem a máquina do mundo, além de outras, conforme veremos. São, pois, princípios científicos que concordam plenamente com os postulados estéticos vigentes no momento em que os poemas didáticos proliferaram mais intensamente. E se essa idéia pudemos aventar, foi porque o pensamento de José Agostinho forneceu elementos convincentes para tal.

Procurando

As verdades propugnadas pela Arte, que se identificavam com as verdades científicas, podem ser examinadas A. quanto à invenção; B. quanto à disposição e C. quanto à elocução

dar uma sistematização às considerações macedianas desse teor, que vêm ao encontro do nosso ponto

de vista, trataremos primeiramente de aspectos atinentes à invenção, depois daqueles voltados para a disposição e finalmente daqueles relativos à elocução.

Quanto à

A Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, focalizada sob a perspectiva da invenção:

invenção, é possível verificar no pensamento de José Agostinho de Macedo que o assun-

to Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, não contrariava as idéias estéticas vigentes naquele momento sob dois aspectos:⁸² um, no que diz respeito à sua própria natureza intrínseca e outro, referente ao processo criador.

José Agos-

a. A Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, constitui matéria de teor nobre

tinho ressalta que a Natureza, enquanto repositório de conheci-

mentos científicos, situa-se ao nível das matérias de teor nobre. Para ele a Poesia alcança o seu verdadeiro estatuto, ao tratar a Natureza.⁸³

Era esse, aliás, um gosto generalizado em seu tempo. Admirava-se tudo o que possuísse uma nota de grandíloquo, de elevado. Esse gosto representa provavelmente uma filiação de natureza palaciana, aristocrática. Atente-se para as expressões hiperbólicas com que José Agostinho de Macedo qualificava a Natureza - "pasmoso theatro", "sublime scena" (Cont. da nat., p. 164), "machina espantosa"

82. É necessário aqui ressaltar que, quando falamos em idéias estéticas vigentes naquele momento, não estamos pensando em nenhum movimento literário em especial. Pelo contrário, pensamos no complexo de idéias estéticas que o enformaram. Como diz Afrânio Coutinho - "o Século XVIII é uma encruzilhada de correntes espirituais e estéticas. Vindas de longe, atingem esse grande estuário, onde se chocam e misturam, desaparecendo umas, outras se transformando. A atmosfera cultural do século denota essa interpenetração de tendências aparentes até nas figuras e obras que o representam. Não há absoluta pureza de estilos e ideologias. As correntes que atravessam a época impregnam-se mutuamente, como se, por caminhos diferentes, todas se inclinassem para o mesmo objetivo, havendo partido de uma só fonte, carreando elementos espirituais idênticos." (Introdução à literatura no Brasil, p. 127).

83. Cf. Ant. doc., p. 19.

(Contemp. da nat., p. 168) e "espectaculo(...) o mais brilhante, e o mais pomposo de todos os quadros"(A Cr , p. V). Expressões essas que - é o que nos parece - evocam a pompa, o monumental da corte de Luís XIV e de todas aquelas que se moldaram sob o influxo de seu exemplo. Tratava-se, pois, de uma corrente que contrastava com aquela que preferia o gracioso, também presente no século XVIII, e que refletiria antes um gosto de procedência burguesa.⁸⁴

Durante os séculos do Classicismo, a apopéia e a tragédia foram consideradas as expressões supremas a que a poesia poderia chegar. E esses gêneros sempre apresentaram assuntos elevados. Mas, na transição do Neoclassicismo para o Romantismo, tais gêneros estavam gastos. Assim, a celebração da Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, devido ao teor nobre de sua matéria, poderia substituir, sem quebrar a diretriz do gosto de então, os poemas épicos. Diz José Agostinho - "E teremos e admiraremos sempre grandes Poemas, livres do tedioso andamento épico em quanto houver Poetas capazes de fitar os olhos no quadro da Natureza Física"(Newt., Disc. prel., p. 20).

Não era, no entanto, só por esse aspecto que o assunto Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, não contrariava o gosto de então.

84. Cf. Arnold Hauser, Historia social de la literatura y el arte, v. 2, p. 161 e p. 173-4.

Como se sa

b. A Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, constitui matéria que reflete a verdade

be, o Classicismo colocara a verossimilhança acima da verdade.⁸⁵ A esse respeito,

Boileau em sua obra Art poétique, que aparece "comme une réflexion sur des chefs-d'oeuvre antérieurs et non point comme un code auquel se seraient soumis nos grands classiques",⁸⁶ é bastante explícito -

"Jamais au spectateur n'offrez rien d'incroyable:

Le vrai peut quelquefois n'être pas vraisemblable."⁸⁷

Já o século XVIII tivera uma preferência de ordem inversa. Para ele a arte deveria estar vinculada à Verdade e a Verdade era o que ocorria no mundo fenomenal. Com efeito, era essa uma tendência generalizada. Quanto a esse ponto, esclarece-nos Philippe Van Tieghem, ao analisar os princípios da doutrina estética vigentes na literatura francesa de Setecentos - "Un troisième principe, c'est que l'art doit représenter la vie réelle. Non pas indirectement, à travers les affabulations traditionnelles, mais directement."⁸⁸

E como não poderia deixar de ser, o poema didático, em consequência de sua própria natureza, ia

85. Cf. René Bray, La formation de la doctrine classique en France, p. 191-214.

86. André Lagard e Laurent Michard, XVII^e siècle, p. 339.

87. Boileau, L'art poétique, III, vv. 47-8.

88. Petite histoire des grandes doctrines littéraires en France. De la Pléiade au Surréalisme., p. 118.

ao encontro dessa mesma diretriz, pois "Si la poésie a, en effet, plus que la prose, la faculté de pénétrer l'esprit par son harmonie, ne doit-elle pas, mieux que la prose, répandre les grandes vérités que l'homme a conquises sur le mystère de la nature? Devant un public en grande majorité passionné d'idées et de faits, ne doit elle pas exposer, en les parant de ses agréments, des idées nouvelles et des faits importants ou curieux?"⁸⁹

Logo, o assunto Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, satisfazia, quanto a esse aspecto, os novos padrões estéticos defendidos en tão.

Na literatura portuguesa, ainda que tardiamente, representa José Agostinho de Macedo o porta-voz dessa diretriz estética, pois para ele o que ocorre no mundo fenomenal é matéria mais eloquente do que aquela que brota da fantasia.⁹⁰

E, tendo por guia tal pensamento, é que José Agostinho de Macedo, refletindo provavelmente uma opinião generalizada em seu tempo, situa os poemas épicos na categoria dos romances - "posso asseverar, e attestar por experiencia propria, e pelo meu proprio tacto(...) que encontro mais Poesia nos poemas scientificos, e didascalicos, que abração huma parte de Fisica, ou de Historia natural, que em todos os Romances chamados Poemas Epicos "(Newt., Disc. prel., p. 8). Como se sabe, o século XVIII compreendeu o romance como o gênero que "em linguagem empolada e eleva-

89. Philippe Van Tieghem, ibid., p. 121.

90. Cf. Ant. doc., p. 19.

da, descreve o que nunca aconteceu nem é provável que aconteça", ⁹¹ segundo a esclarecedora definição de Clara Reeve feita em obra publicada em 1785. Portanto José Agostinho colocava em relevo o aspecto fantasioso, não realista da epopeia. O que está a indicar a preferência daquele tempo por obras literárias que expressassem a verdade.

Nesse sentido, José Agostinho chega, inclusive, a fazer depender o mérito de um poema do grau de verdade por ele veiculada. Macedo argumenta da seguinte maneira - a Ciência de seu tempo estava mais adiantada do que a Ciência dos séculos anteriores, logo os poemas do seu momento seriam mais perfeitos do que os do passado. É a dedução que se tira, ao ler a seguinte passagem da "Prefacção" da Contemplanção da natureza - "Grandes exemplos tinha para esta ardua empresa em as nações antigas e modernas. Porém são sem duvida imperfeitas as produções que até agora temos sobre esta materia, porque dependia do tempo, da experiencia e das indagações o verdadeiro conhecimento da Natureza(...) Aventurei-me a compôr depois d'estes grandes homens, tanto por vêr mais intensa a esphera da Historia natural, como por me sentir arrebatado do desejo de dar a Portugal um poema d'este genero, nunca tentado pelos nossos poetas, que em todos os outros generos têm dado tão perfeitos modelos" (p. 162).

E é, por tomar a verdade como critério de valor, que José Agostinho de Macedo situa o poeta acima do cientista. Aquele, graças às suas faculdades, não

91. Clara Reeve, Progress of romance, apud René Wellek e Austin Warren, Teoria da literatura, p. 272.

está circunscrito à realidade visível. Poderá ir além dela. Assim sendo, tem maiores possibilidades de descobrir a verdade do que o cientista, que tem como instrumentos para apreensão do mundo fenomenal apenas seus sentidos e a razão -

"Quão longe estou da Terra! Eis se esvaéce
Engolfada no ar... Entusiasmo,
Pára, detem-te aqui... (...)
(...)

Inda me alongo mais; rápido vôo
Mais que a fuga do rápido Cometa
Me leva pelos Ceos onde não chega,
Nem fugindo por séculos, hum raio
Do fulgurante Sol. Do espaço eu tóco
A extremidade incógnita aos humanos,
Onde a luz desfalléce, onde se perde
De orgulhosos Filósofos o estudo " (A Med. p.

256)⁹². Procedendo dessa maneira, José Agostinho está evidentemente imbuído de um sentido de defesa da Poesia em face da Ciência. Tal defesa fazia-se necessária, tendo em vista o alto grau de interesse que a Ciência despertava nos espíritos de então. O pensamento de José Agostinho de Macedo testemunha, pois, ainda, na passagem do século XVIII para o XIX, a existência do velho debate Ciência versus Poesia.⁹³

92. O grifo é nosso.

93. Cf. Ernst Curtius, Literatura européia e Idade Média latina, cap. XI (= "Poesia e Filosofia").

A matéria

c. A Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, constitui matéria que exprime o universal

Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, não satisfazia, porém,

as exigências estéticas do momento a que pertenceu José Agostinho de Macedo apenas nos aspectos examinados por nós até agora. Satisfazia-as também relativamente à categoria estética da universalidade.

Essa afirmação poderá parecer, num primeiro exame, contraditória, uma vez que o universal está em relação direta com o verossímil,⁹⁴ identificado na estética clássica, como se sabe, com o que deve ser e não com o que é. Ora, observou-se que José Agostinho de Macedo, ao tratar em versos a matéria Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, estava interessado em expressar essa matéria em sua verdade. Em princípio, sabe-se que a representação da realidade, tal qual é, não pode ser universal.⁹⁵ Os clássicos, inclusive, em seu esforço para criar uma arte universal, acabaram por criar uma arte inteiramente desvinculada da realidade de seu momento histórico. Assim sendo, num primeiro exame do problema, parece haver impossibilidade da matéria Natureza, enquanto repositório de

94. Cf. René Bray, La formation de la doctrine classique en France, p. 212.

95. A esse propósito, considera Chapelain em seus Sentiments de l'Académie: "L'art se proposant l'idée universelle des choses, les épure des défauts et des irrégularités particulières que l'histoire par la sévérité de ses lois est contrainte d'y souffrir" (Apud René Bray, La formation de la doctrine classique en France, p. 213).

conhecimentos científicos, atender ao postulado estético da universalidade.

Esse problema poderá, contudo, ficar esclarecido, na medida em que observarmos que, se a arte clássica depurava a realidade,⁹⁶ era porque a realidade por ela tratada era uma realidade imperfeita. Não obstante o mesmo não ocorria com a matéria Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos. Essa matéria, em sua própria natureza intrínseca, era universal. A ordem e a harmonia de suas leis, por exemplo, constituíam dados de sua universalidade.⁹⁷ Dessarte, não cabia ao poeta o esforço de elevar essa matéria ao nível do universal. O universal estava contido nela mesma. Por mais esse aspecto, pois, o assunto Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, ia ao encontro dos postulados estéticos vigentes no tempo de José Agostinho de Macedo.

Portanto as propriedades intrínsecas da matéria Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, condiziam com a estética daquele momento.

96. A esse respeito, diz Vítor Manuel de Aguiar e Silva elucidando um pensamento de Castelvetro - "partindo dos dados empíricos e particulares que são os homens, os seus sentimentos e as suas acções, atinge-se, através de uma operação abstractiva o universal - "Tal ou tal espécie de homem" que dirá ou fará" tais ou tais coisas verosímil ou necessariamente". A verosimilhança identifica-se, pois, na estética de Aristóteles, com a categorialidade da experiência e o universal poético confunde-se com uma idealidade que o artista capta nos factos acontecidos. O verosímil aparece assim como uma transposição - não em sentido místico - fantástico, mas em sentido categorial, como fica dito - do real e do acontecido " Para uma interpretação do Classicismo, p. 97).

97. Cf. Ant. doc., p. 19-20.

Todavia o pensamento de José Agostinho de Macedo mostra-nos que não só por esses aspectos os poetas encontraram nela es tículos de natureza estética.

Sabe-se que

d. A Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, atende aos requisitos do ato criador: gênio, arte e ciência

tanto a poética clássica (antiga ou moderna), quanto a poética neoclássica apresenta

ram, algumas vezes, reflexões sobre a criação literária. A esse respeito, fundamentalmente, considerou questões acerca do gênio, da arte (= técnica) e da ciência (= saber, soma de conhecimentos). Pois bem, o assunto Natureza, sob a perspectiva em que o estamos examinando, podia satisfazer aos três elementos constitutivos do processo criador, tal qual foi postulado pelo Classicismo. É o que deixa patente José Agostinho.

O autor de O Oriente coloca, por exemplo, a matéria de cunho didático acima da matéria de cunho épico, porque aquela aguça o estro criador de maneira mais intensa.⁹⁸ Logo para José Agostinho de Macedo a Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, não constitui matéria estéril, incapaz de provocar o frêmito da criatividade. Pelo contrário, ela propicia o seu aparecimento.

Assim sendo, vê-se que José Agostinho não concebe a poesia como um fruto exclusivo da arte. Essa sua posição torna-se mais evidente, quando descreve a

98. Cf. Ant. doc., p. 20.

maneira como compõe aqueles poemas, cujos assuntos estão instaurados no âmbito da Natureza - "Não faria hum Poema, se eu comprehendesse em versos a nua historia da Natureza, isto fazem muito melhor Plinio, e Buffon: quando a pinto, deixo que o engenho corra, e se precipite, aproveitando para os seus Quadros quantos objectos em ordem natural, e exacta, se lhe offerecem em sua impetuosa, e sempre livre carreira" (A Med., Disc. á Univ. de Coimbra, p. VI). Aí estabelece, pois, uma diferenciação entre conhecimento poético e conhecimento científico. E mais uma vez, ao longo de seu pensamento, patenteia-se a oposição entre Ciência e Poesia. Portanto José Agostinho de Macedo exalta também a matéria Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, uma vez que ela age diretamente sobre a fonte do ato criador, ou seja, sobre o entusiasmo.

Não se deve ver, porém, nessa atitude de Macedo algum traço afim com o sentimento revelado pelos românticos, quando em face da Natureza. Para estes a contemplação da Natureza tinha por fim "nourrir leur rêverie" e "bercer leur mélancolie"⁹⁹ e para José Agostinho de Macedo a contemplação da Natureza "não era só uma simples vista, mas uma recordação dos principios astronomicos que /ele/ possuia" (A Cr., p. VII). Assim, nesse ponto do pensamento de José Agostinho, a satisfação intelectual e lógica substituí a emoção. Sob esse aspecto, pois, as suas idéias refletem uma coordenada de cunho nitidamente setecentista.¹⁰⁰

99. Paul Van Tieghem, Le romantisme dans la littérature européenne, p. 231.

100. Cf. Afrânio Coutinho, Introdução à literatura no Brasil, p. 134.

Apesar de José Agostinho enaltecer o desabrochar do ímpeto criador na contemplação da Natureza, não deixa também de aludir às dificuldades, aos obstáculos que essa matéria apresenta ao poeta. Isso porque para ele a composição de um poema didático implica em técnica, implica em toda uma problemática do fazer poético.¹⁰¹

O relevo dado por José Agostinho de Macedo ao esforço no processo da criação literária é de tal monta que se tem a impressão de o mérito de um poema estar para o autor de O Oriente, em grande parte, relacionado com as dificuldades trazidas por ele. É sintomático dessa concepção o orgulho com que se refere às refacções a que submeteu os seus poemas - "O Poema Épico o O Oriente, obra de hum trabalho immenso, de huma seria, e aturada applicação, de huma paciencia invicta em o polir, e repolir, não deixará de passar á Posteridade, e isto bastaria para me satisfazer: com tudo os pais sempre tem predilecção por alguns dos filhos, sendo, todos seus: tanto me succede com o presente Poema Newton; eu lhe dou a preferencia entre todos no estado em que agora o publico, e lhe chamo a melhor, e a mais perfeita das minhas composições nestes segundos cuidados." (Newt., Disc. prel., p. 25). E sabemos que a compreensão da criação poética como resultado de luta, de esforço, e de paciência provém de uma concepção da criação poética vigente em seu momento,¹⁰² de natureza oposta à que norteou o Romantismo.

101. Cf. Ant. doc., p. 20-1.

102. A doutrina literária da Arcádia que ainda não morrera de todo no tempo de José Agostinho de Macedo espelhava em sua substância o ideal estético do Classicismo francês (Cf. Vítor Manuel Pires de Aguiar e Silva, Para uma interpretação do Classicismo, p. 135). E sabemos

Além do gênio e da arte, José Agostinho fala também da ciência. De fato, o entusiasmo expresso por Macedo diante dos poemas do Abade Conti, todos eles plenos de erudição, conforme o seu próprio testemunho, representa um dos aspectos pelos quais a ciência deveria constituir um dos ingredientes do poético, segundo o seu pensamento estético-literário.¹⁰³ E o assunto Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, não iria ao encontro dessa sua exigência de teor estético? Sabemos que sim. Dessarte, verifica-se que em Portugal dos primórdios do século XIX a ciência continuava a ser elemento necessário na composição de um poema.

A Natureza,

A Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, focalizada sob a perspectiva da disposição: ela constitui matéria que reflete a lei da unidade na variedade

enquanto repositório de conhecimentos científicos, não só por essas qualidades, porém, tornava-se, na-

aquele contexto cultural, matéria propícia a receber um tratamento poético. Ela também possuía outras propriedades de cunho estético, conforme no-lo indica José Agostinho de Macedo.

Vejamo-las, para assim melhor determinar a natureza das coordenadas estéticas de seu pensamen-

que para os autores franceses do século XVII a espontaneidade não definia a Arte. A lição de René Bray sobre esse assunto permite-nos, inclusive, a definir aquele momento com a seguinte frase de Huet - "Rien ne plaît s'il ne coûte " (Cf. La formation de la doctrine classique en France, p. 90-4).

103. Cf. Ant. doc., p. 21.



to.

Sabe-se que os clássicos gregos foram, acima de tudo, estetas. Assim, entre os sofistas, por volta do século V a.C., já havia a preocupação em estabelecer diretrizes, para levar o artista a criar uma obra sem defeitos. Entre essas, encontra-se aquela referente à maneira de dispor a matéria literária - essa deveria ser desenvolvida, segundo um plano de unidade perfeita, ainda que essa unidade tivesse que ser regida pela variedade. Trata-se, pois, do princípio da "unidade na variedade", conforme a denominação pela qual ficou conhecido nos séculos do Classicismo. É um dos princípios daquela que foi considerada pela Retórica antiga a segunda fase do processo criador, ou seja, a disposição.

Ora, José Agostinho de Macedo viu a realização desse postulado estético na Natureza. Com efeito, é com entusiasmo que ele coloca em relevo o seu aspecto simultaneamente vários e uno.¹⁰⁴

Chamando a atenção sobre tal propriedade da Natureza, José Agostinho parece querer tornar patente a perfeição da matéria que se propõe a celebrar, perfeição essa tanto mais acabada, na medida em que é compreendida como obra da Divindade - "Não ha para mim outro modello mais, que o Universo, onde tantos objectos varios, mas concatenados, compõem huma Totalidade tão pasmosa, ella por si só, he a expressão do SER immortal, seu artifice, e seu Arbitro" (A Med., Disc.ª Univ. de Coimbra, p. V-VI).

104. Cf. Ant. doc., 21-2.

Logo, por ser una e vária, a matéria Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, também ia ao encontro dos postulados estéticos dominantes no tempo de José Agostinho.

A Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, focalizada sob a perspectiva da elocução: ela constitui matéria que reflete a lei da simplicidade

Por outro lado, como se José Agostinho de Macedo quisesse ressaltar, em toda a sua extensão, a perfeição estética da

matéria Natureza, vê nela também elementos que correspondem ao postulado da simplicidade. Para ele esse postulado não representaria uma qualidade estética exclusiva dos autores do século XVI, pois poderia ser encontrado na própria Natureza.¹⁰⁵ É apenas esse o aspecto de cunho estético relativo à elocução depreendido por José Agostinho da Natureza. É pouco. No entanto deve notar-se ser esse um aspecto bastante significativo, se levarmos em conta o contexto cultural, onde é apontado, pois foi, sobretudo, por meio da exaltação da simplicidade que o Neoclassicismo combateu o Barroco.

A Natureza, compreendida enquanto repositório de conhecimentos científicos, satisfazia, pois, plenamente aos postulados estéticos em vigor no tempo de José Agostinho de Macedo. Como vimos, não contrariava as coordenadas que regiam as diferentes fases do processo criador e, além disso, era vista como assunto ideal.

105. Cf. Ant. doc., p. 22.

Sendo maté

A Natureza é vista como modelo. Assim sendo, ela substitui as regras

ria perfeita, pois, não é de estranhar que José Agostinho

de Macedo registre a idéia de ela ter sido elevada à categoria de modelo. A Natureza passa a ser, conseqüentemente, a mestra, a guia, na medida em que é retentora da Beleza.¹⁰⁶

Em conseqüência desse seu novo estatuto, é que a Natureza pôde substituir as regras até aquele momento veneradas com tanto respeito. Defendendo-se de uma crítica de António Maria do Couto, conclui José Agostinho ser o sermão pregado em São Julião de boa qualidade, por ele estar de acordo com as regras depreendidas da Natureza e não dos mestres da Retórica.¹⁰⁷

A Natureza,

A matéria Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, impõe-se no campo da poesia pelo que apresenta de inaudito. Não obstante o que é apresentado como novo é justificado pelos poemas da Antigüidade

focalizada sob dada perspectiva, constituíra-se, pois, em novo padrão do Belo. Nesse sentido, podia satisfazer à ânsia pelo

que fosse diferente - ideal em pleno processo de configuração em muitos espíritos de então. Paradoxalmente, porém, em Portugal, a Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, também foi tratada pela poesia na passagem do século XVIII para o século XIX, porque oferecia o conforto dos caminhos trilhados e, como tal, perfeitamente demarcados.

106. Cf. Ant. doc., p. 22.

107. Cf. Ant. doc., p. 22.

A Antigüidade legara poemas que tiveram por assunto a Natureza. E a voz da Antigüidade, apesar de então estar perdendo o seu avultado prestígio, era ainda uma voz que existia, uma voz que dava testemunhos e, que, sobretudo, representava uma garantia - se tal assunto fora tratado no passado com sucesso, poderia sê-lo também no presente.¹⁰⁸

Nesse ponto, manifesta-se no pensamento de José Agostinho de Macedo a complexidade estética de seu momento. Por um lado, conforme já vimos, a afirmação do novo por meio da negação do passado e conseqüente exaltação do presente, e por outro, a justificação do novo pelo testemunho do passado. Não chegara ainda o tempo de o novo impor-se por intermédio de uma altiva rejeição dos valores legados pela tradição. O passado representava, pois, ainda, elemento significativo na avaliação de uma obra literária.

José Agostinho de Macedo em frente de questões que implicam numa opção de natureza ideológica:

se constitui em matéria literária apenas porque pôde responder às exigências estéticas de seu momento. Outras razões levam José Agostinho a falar sobre ela.

De um modo geral, como já o dissemos, os séculos XVII e XVIII são dominados pelos estudos sobre a Natureza e foi graças a uma mudança de direção metodo

A Natureza,

enquanto repositório de conhecimentos científicos, porém, não

108. Cf. Ant. doc., p. 23.

lógica na perquirição do mundo físico e natural que a Natureza pôde ser conhecida em sua realidade. Com efeito, foi, sobretudo, pela observação atenta e pela experimentação cuidadosa que o mundo pôde ser visto e explicado com objetividade pela primeira vez. Antes do advento dessa floração científica, cabia à Teologia explicar a origem e a formação do mundo. Diferentemente, porém, das verdades aduzidas pela Ciência, as verdades teológicas, na medida em que se situavam na categoria de verdades reveladas, estavam isentas de comprovação - a sua validade era decretada pela Igreja.

Processos tão díspares na apreensão da realidade só poderiam ter como resultado concepções diferentes dessa mesma realidade. De fato, as verdades reveladas não puderam ser confirmadas pelas verdades descobertas pela Ciência. Assim, enquanto a Ciência concluía que a criação do mundo fora um processo de milênios, a Teologia ensinava que o mundo fora criado em dias. A grande revolução cultural do mundo moderno fora, pois, marcada pela Ciência.

As verdades por ela defendidas não se impuseram, porém, de um momento para o outro. A Ciência teve duradoura dissensão com a Teologia, dissensão essa que atravessou o século XVIII,¹⁰⁹ e que, em Portugal, chegou inclusive até o século XIX.

A análise do pensamento de José Agostinho de Macedo a respeito da Natureza, compreendida enquanto repositório de conhecimentos científicos, também nos possibilita estudar esse estado de coisas. Na verdade, ana-

109. Cf. Daniel Mornet, La pensée française au XVIII^e siècle, p. 84-99.

lisá-lo equivale a explicitar os valores ideológicos que em basaram as relações de José Agostinho de Macedo com a Natureza. Desse modo, ter-se-á uma idéia mais precisa e completa de um aspecto importante da concepção formada por José Agostinho acerca da Natureza, sobretudo, se levarmos em conta o contexto cultural e estético-literário por ele vivido.

Com efeito, do ponto de vista dos valores ideológicos, a posição de José Agostinho de Macedo em frente da Natureza é, quando não perscrutada em profundidade e um tanto minuciosamente, contraditória. De um lado, José Agostinho patenteia uma franca adesão aos novos métodos científicos - "Segui um plano de physica geral fundado sobre a experiencia que é o mais infallivel de todos os methodos, os factos que demonstra a physica experimental são mais concludentes que as subtis especulações da physica systematica" (A Cr., Pref., p. VII)¹¹⁰ - e de outro, expressa a sua profunda convicção cristã -

"Sacro Annalista do nascente Mundo,

O Volume escreveo, que impressos guarda

Da Eterna Sapiencia os Caracteres:

He baze da Verdade a Voz do Eterno " (A Nat., p. 25).

a. José Agostinho vê a criação e a formação do mundo, e o movimento da matéria sob uma perspectiva de cunho religioso

Se examinarmos, porém, as afirmações de José Agostinho de Macedo

110. Apesar de crer no método experimental, José Agostinho de Macedo faz a ele uma ressalva: "contudo não é justo imaginar, ou supormos que na mesma physica experimental tudo seja evidente e claro " (A Cr., Pref. , p. VII-VIII).

com atenção e sob o prisma de sua natureza intrínseca, verificaremos que a escolha desse ou daquele caminho dependerá exclusivamente do aspecto da Natureza a ser focalizado. Ao referir-se, por exemplo, a questões relativas à criação ou à formação do mundo ou ao movimento da matéria, manifesta José Agostinho uma visão enformada pelos ensinamentos da Igreja.

Assim, a criação e a formação do mundo são explicadas por José Agostinho, segundo a palavra da Bíblia,¹¹¹ e, contestando doutrinas de seu tempo, atribui a Deus o movimento da matéria.¹¹²

b. José Agostinho vê certas descobertas do mundo da Ciência e certos fenômenos da Natureza sob uma perspectiva de cunho científico

Por outro lado, quando se volve para a descrição de certas descobertas físicas ou de certos fenômenos da Natureza,

opta Macedo por uma descrição francamente científica. Com efeito, canta as novas descobertas da Ciência;¹¹³ expõe os resultados das pesquisas de Newton;¹¹⁴ mostra a importância da Mecânica;¹¹⁵ descreve, sob uma perspectiva científica, o relâmpago;¹¹⁶ tenta afastar o terror infundido pelos cometas;¹¹⁷ e com relação ao eclipse, esclarece não haver ra-

111. Cf. Ant. doc., p. 23-4.

112. Cf. Ant. doc., p. 24.

113. Cf. Ant. doc., p. 24-5.

114. Cf. Ant. doc., p. 25-6.

115. Cf. Ant. doc., p. 26.

116. Cf. Ant. doc., p. 26-7.

117. Cf. Ant. doc., p. 27.

zões para receios.¹¹⁸ São esses, dentre tantos, alguns aspectos pelos quais fica patente que José Agostinho de Macedo não foi indiferente ao mundo da Ciência.

Na verdade, o pensamento de José Agostinho sobre a Natureza, ao manifestar concomitantemente duas ordens de valores ideologicamente antagônicos, reflete um momento cultural especialíssimo. Um momento que, de um lado, acatara com respeito as verdades da Ciência, mas que, de outro, não se desfizera das verdades ensinadas pela Religião. Um momento cultural que pode, pois, ser definido como caracteristicamente setecentista,¹¹⁹ mas que, em Portugal, conforme documenta, tão claramente o pensamento de José Agostinho, se configura naquele despontar do século XIX.

118. Cf. Ant. doc., p. 28.

119. Daniel Mornet descreve de forma succinta esse momento cultural. Ainda que sua descrição não coincida em todos os pontos com o pensamento de Macedo, ela tem a vantagem de indicar que, em França, na segunda metade do século XVIII, coexistiram de forma amigável Ciência e Religião. Daí, para esclarecimento de nosso pensamento, julgamos oportuno transcrevê-la: "On en vint donc à une autre conviction, la plus sûre, celle qui devait faire la plus longue et sans doute une éternelle fortune. C'est qu'il y a des vérités de plusieurs ordres, qui n'ont ni à compléter ni à contrôler, qui se développent sur des plans parallèles, à jamais séparés: les vérités de la foi ou du coeur, les vérités de la raison ou de la science, - les vérités pour la conduite de la vie, "pragmatiques", et celles de l'intelligence constructive, de l'explication du monde. Nous pouvons donc être chrétiens d'une part et savants de l'autre, croire à la fois nos livres saints et nos dogmes, nos observations et nos expériences, Même s'il se contredisent. Ce fut la conviction, ou l'affirmation de presque tout le monde à partir de 1750, de Needham, de l'abbé Nollet, de Réaumur, de Diderot et quelques autres" (La pensée française au XVIII^e siècle, p. 88-9).

O sentimento da Natureza em José Agostinho: a Natureza fornece argumentos que provam a existência de Deus

da ideologia que enfor-
ma a posição de José
Agostinho de Macedo em
frente da Natureza não

nos permite, porém, ver apenas um dos aspectos pelos quais se patenteia a complexidade da cultura portuguesa em princípios de Oitocentos. Na verdade, é a posição ideológica de José Agostinho em face da Natureza que abre caminho para a compreensão do sentimento que ele lhe consagrou.

Com efeito, ver a Natureza como criação de Deus e por esse fato cantar-lhe as excelências, corresponde ao primeiro passo¹²⁰ para a visão da Natureza como Deus, visão essa apresentada em certas composições de Lamar-tine e Hugo, Shelley e Byron, por exemplo. Além de ser elemento "de première importance dans le préromantisme européen", segundo o juízo de Paul Van Tieghem,¹²¹ o sentimento da natureza representa uma das notas mais vivas do novo estado das letras,¹²² que se irá definir em Portugal um pouco mais além na escala do tempo. Representa esse outro proble-

120. Foi Paul Van Tieghem que escreveu talvez pela primeira vez que foi pela admiração de Deus em suas obras "que le sentiment de la nature a conquis ses grandes entrées dans la poésie." (Le romantisme dans la littérature européenne, p. 58).

121. Le romantisme dans la littérature européenne, p. 477, nota 72.

122. Pela lição de Paul Van Tieghem, sabemos que os clássicos não foram, enquanto homens, insensíveis aos encantos da Natureza, mas que, enquanto escritores, preferiram expressá-la "sans détails précis et colorés, sans émotion intime, comme cadre d'une action romanesque ou de réflexions morales ou religieuses" (Le romantisme dans la littérature européenne, p. 57).

ma que se levanta, quando se estuda a significação da Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, no pensamento de José Agostinho de Macedo.

Para estudá-lo, é necessário observar antes de mais nada que os poemas em que José Agostinho de Macedo escreve sobre a Natureza, embora se situem no gênero didático e embora pertençam a um período marcado pela Ciência, não têm por objetivo primeiro a divulgação de conhecimentos científicos. José Agostinho de Macedo diz expressamente no "Anteloquio" de A Natureza que "os Poemas de vem ter um fim moral. Este tem por fim estabelecer com argumentos sensíveis, e pela Contemplação das Causas finais a Existência de Deus" (p. 9). Deus, pois, constitui o núcleo para onde convergem as palavras de Macedo. Num momento acentuadamente marcado pelo materialismo e pela negação de Deus, visa José Agostinho de Macedo a convencer os homens de que Deus existe. Para isso, porém, não recorre a argumentos que se imponham por sua natureza coercitiva, tais como os dogmas da Igreja, nem a argumentos que se imponham pela força do raciocínio e da ortodoxia que os embasam, tais como as idéias legadas pelos Padres da Igreja. Talvez esses argumentos fossem demasiadamente abstratos para os leitores de seu tempo e como tal não convincentes. Vai à Natureza, porque nela encontra, conforme as suas próprias palavras, "argumentos sensíveis" para a comprovação de suas idéias.

Vejamo-los.

Para ele, a Natureza em suas mais diferentes manifestações é assinalada pelos atributos da Divindade. Desses atributos são colocadas em relevo a bondade,

a sabedoria e a providência divinas. A árvore, por exemplo, oferece seus dons, para que o homem possa proteger-se das intempéries;¹²³ a utilidade do coqueiro é explicitada em toda a sua extensão¹²⁴ e ao trigo endereça José Agostinho palavras calorosas.¹²⁵ Mas a Natureza, além de ser celebrada em suas manifestações vegetais, o é também por meio de seus espécimes animais, pois afirma que

"O Eterno, o sabio Architector de Tudo,
Não só deo mudos troncos, toscas plantas
Aos miseros mortaes por companhia" (A Med., p. 178). Há também

"Entes mais nobres, entes mais subidos
Que o vegetal Imperio, a terra pizão" (A Med., p. 178-9). E estes também José Agostinho exalta sob o mesmo prisma, sob o qual exaltara a natureza vegetal, pois os mais diferentes exemplares do reino animal revelam atributos divinos.¹²⁶ Basta, pois, ao homem ver a Natureza, para ficar convencido de que Deus é uma realidade -

"Meditação profunda, eia, suspende
O vôo audacioso, hum Deos achaste,
Console-se a razão, calle-se o impio,
Dos Systemas no pélagos se abysme:
A simples inspecção da Natureza,
Ao pensador só basta, hum Deos encontra" (A Med., p. 267-8). Com efeito, conforme ficou patenteado, ela

123. Cf. Ant. doc., p. 28.

124. Cf. Ant. doc., p. 28-9.

125. Cf. Ant. doc., p. 29-30.

126. Cf. Ant. doc., p. 30.

fornece inúmeros exemplos da bondade, da providência e da sabedoria divinas. José Agostinho não tem, pois, diante da Natureza uma atitude objetiva, uma atitude de mero analista. Para ele vê-se que a Natureza não tem um valor em si. Pelo contrário, ela representa o testemunho pleno da existência de Deus.

Foi essa uma das maneiras pelas quais o sentimento da Natureza se manifestou no pensamento de José Agostinho de Macedo. Como corolários dessa sua atitude em face da Natureza, há a ressaltar 1º) o fato de ele salientar a improcedência de teorias que, fundadas na razão, buscam explicar a formação e a criação do mundo -

"(...) No abysmo, e sombra

Se engolfa, e perde humano entendimento,

Se firmado em si mesmo intenta, e busca

Rasgar o augusto véo do impervio arcano,

Que só Revelação declara aos homens:

O sempiterno Sol de quem reflexo,

Ou sombra he esta alampada do dia,

Da verdade os reverberos brilhantes

Fez luzir no Synái: não me envergonho

De deixar por Moisés, Newton, Descartes" (A

Nat., p. 25) - e 2º) o fato de crer ser a razão impotente,

para explicar as leis da Natureza - "As leis que o Supremo

Author deo á natureza são incognitas. Ut non inveniat homo

opus Dei a principio usque ad finem. Para o entendimento hu

mano á vista desta viva maquina do Universo não ha senão

duas funções, admirar, e ignorar" (Newt., nota da p. 35).

Essas considerações de Macedo são,

a nosso ver, bastante significativas. Manifestam o processo pelo qual a razão, no contexto cultural em que viveu, vai deixando de ser a via exclusiva de acesso à verdade. Em compensação, noutras passagens, o pensamento de José Agostinho de Macedo patenteia o despontar de outra via capaz de conhecer - o coração. Assim, no Canto IV de A Meditação afirma com a certeza proporcionada pela fé que -

"No seio da impostura hum Deos não vejo.

Vive em meu coração, eu nelle o encontro;

Alli sem véo se móstra, alli fulgúra,

Onde tem Natureza imperio, e throno.

Sem a crença d'hum Deos, que cousa he Mundo?"

(A Med., p. 243). Logo, segundo José Agostinho de Macedo, pelo coração é possível chegar-se ao conhecimento da verdade. Tais idéias são, a nosso ver, significativamente eloquentes, pois não é da índole de um clássico negar os valores da razão ou manifestar as razões do coração.

Além disso, é necessário chamar-se a atenção para o fato de que todos os argumentos invocados por José Agostinho de Macedo, para provar a existência de Deus, são apresentados como argumentos eminentemente pessoais.¹²⁷ É o eu que sente serem os diferentes aspectos da

127. Dissemos são apresentados como argumentos eminentemente pessoais, porque se sabe que a idéia de provar a existência de Deus pela celebração da Natureza provém de uma tradição instaurada num momento em que a História Natural constituía um ramo da Teologia. Referindo-nos a esse fato, não queremos, porém, minimizar o papel de José Agostinho como autor que reflete em certos momentos de seu pensamento estético-literário tendências prenunciadoras da formação de um novo gosto literário. Quanto a esse fato, talvez seja oportuno lembrar que Chateaubriand também se acha ligado a essa tradição (Cf. Daniel Mornet, La pensée française au XVIII^e siècle, p. 85).

Natureza provas flagrantes da existência de Deus. Assim, em páginas de Newton proclama -

"Eu sinto, eu sinto hum Deos; não foi do Acaso

A milagrosa produção do Mundo!

Obras só foi do Artifice supremo:

Hum rio origem tem, o effeito causa.

Tantas estrellas lucidas dispersas

Nesta estendida cúpula azulada,

Esta Lua, este Sol, o dia, a sombra,

(Constante alternativa,) a luz, e os ares

São cifras com qu'escreve a mão suprema

De hum Ente Summo, Sapiente, Immenso.

Na flor, na planta, no mimoso fructo,

No que s'esconde pequenino insecto

Que vêr não podem desarmados olhos,

E só com lente augmentadora, observo

Como impalpavel atomo mover-se;

Nos rostos varios, e animaes diversos,

Nos sons, nas côres, na minha alma o vejo,

Almo thesouro da Clemencia eterna" (Newt., p.

44-5). Logo, afigura-nos ser a convicção pessoal outro dado que nos possibilita ver em José Agostinho de Macedo certas predisposições pré-românticas.

Em suma, é por defender valores de cunho religioso que José Agostinho deixa extravasar idéias que foram mais tarde reconhecidas como antecessoras do Romantismo. E não representará tal gesto a opção da Literatura perante o mundo fenomenal? Evidentemente que sim, pois, como se sabe, as idéias científicas que bradavam no tempo

de José Agostinho de Macedo foram marcadas pela negação de Deus.

Assim, com o estudo da Natureza, en quanto repositório de conhecimentos científicos, no pensamento de José Agostinho de Macedo, esperamos ter mostrado algumas das tendências mais flagrantes da estética literária portuguesa que antecedeu o Romantismo - de um lado, a presença de valores identificados com a poética neoclássica e de outro, valores prenunciadores do novo rumo que iria ser tomado pelas letras.

2. A NATUREZA, ENQUANTO PAISAGEM

Nos séculos do Classicismo, a literatura apresenta uma paisagem desvinculada da realidade fenomenal: trata-se de uma paisagem-padrão. E nos momentos anteriores ao Romantismo que ela se individualiza: é apresentada em seus acidentes e não em sua essência

Do ponto de vista estético, é no século XVIII que a paisagem começa a adquirir, dentro do contexto europeu, uma importância até então desconhecida. Nos sé-

culos do Classicismo, a Natureza foi vista exclusivamente como cenário. E como cenário não ultrapassava jamais os limites impostos por uma convenção enraizada na Grécia. De qualquer forma, manifestada em repouso ou expressa em convulsão, a natureza obedecia sempre aos estereótipos ditados pelos antigos. E nos momentos anteriores ao Romantismo, a paisagem passa a ter uma nova significação: cada autor passa a descrevê-la como a vê ou como a sente. Representa essa mudança um dos sinais mais característicos dos novos tempos.

Um dos traços mais marcantes da personalidade do novo homem que se anuncia no século XVIII é representado pelo gosto da aventura. Não se trata mais evidentemente, tal qual ocorrera em Quatrocentos, daquelas aventuras que tiveram como cenário o mar e como resultado o alargamento dos limites do mundo. Agora o homem busca conhecer um mundo mais próximo de si - o mundo misterioso da Natureza. E na medida em que se empenha em conhecê-lo, acaba empolgando-se em vê-lo. Nesse sentido, a literatura desse pe-

ríodo é bastante significativa. São muitos e muitos os testemunhos de escritores que registraram as suas impressões sobre a Natureza. Nesses quadros, a nova nota caracteriza-se por vibrações provenientes da sensibilidade. A Natureza não é vista com os olhos atentos, mas frios do analista. Pelo contrário, o homem deixa comover-se com os seus mais diferentes aspectos, porque, na verdade, é ~~pe~~ primeira vez que a vê. E essa sensibilidade manifesta-se quer pela descrição de aspectos da Natureza até então inauditos, quer pela linguagem empregada nessa descrição.

Ora, José

A Natureza, enquanto paisagem, na obra de José Agostinho, apresenta características distintas, conforme se trate de obras escritas em verso ou de obras escritas em prosa:

Agostinho de Macedo situa-se exatamente nesse momento de transição cultural. Estudar, pois, em seu pensamento a idéia da Na

tureza, enquanto paisagem, significa tentar desvendar as diretrizes estéticas concernentes à paisagem manifestadas na literatura portuguesa dos primeiros anos do Século XIX. Representam elas o reflexo de um gosto acadêmico ou anunciam a formação de um novo gosto literário?

Quanto a esse tópico, poderemos verificar que a obra de José Agostinho de Macedo é bem diferenciada, uma vez que a paisagem descrita em seus poemas é de natureza distinta daquela apresentada em suas obras em prosa.

Nas obras

a. A paisagem descrita por Macedo em suas obras em verso caracteriza-se por um acentuado academicismo e por um exagerado verbalismo

literárias em verso, dominam, de um modo geral, os preceitos de escola: o estro criador praticamente não

se desvia dos caminhos já trilhados. Assim sendo, a paisagem apresentada é uma paisagem construída, segundo os moldes clássicos.

Nesse caso, os seus versos documentam amplamente o estado em que havia chegado o estereótipo clássico da Natureza, enquanto a paisagem: não havendo como mudar o seu traçado, é no trato com a palavra que o poeta procura patentear o seu talento. Torna-se, então, um "virtuoso" da linguagem - maneja-a com extrema perícia, mas não consegue insuflar-lhe vida. Consequentemente, não há a notação do particular, ou seja, de um traço da Natureza que seja fruto de uma visão individual.¹²⁸

Vê-se, pois, que, nessas obras em verso, patenteia José Agostinho de Macedo a sua total adesão à poética clássica: são ainda os velhos quadros ideais que nos são apresentados.¹²⁹ O fato de continuar a descre-

128. Cf. Ant. doc., p. 30-2.

129. Nesta nota, gostaríamos de registrar que, por vezes, os versos de José Agostinho apresentam uma ou outra expressão mais espontânea. Tal ocorre, por exemplo, quando se refere ao milhano -

"Quanto he gostoso vêr, quando em sombrias
Nuvens s'envolve o Ceo no pardo Outono,
Que a prumo sobre a Aldêa peneirando
Anda o cruel carnívoro Milhano!" (A Med.,
p. 186) - ou quando fala das gralhas -
"Quanto me apraz, sentado ao Sol que nasce,
Ver em bandos voar palreiras Gralhas;

ver a paisagem com essas características indica que José Agostinho de Macedo fora incapaz de abandonar a tradição clássica em favor de uma nova visão da Natureza. Isso é tanto mais notável, sobretudo, se levarmos em conta que conheceu Rousseau e Young, Ossian e Thomson, nomes representativos dos novos tempos, acima de tudo por terem imprimido à descrição da paisagem vibrações de cunho pessoal.¹³⁰

Poderá,

Nas obras em verso de José Agostinho, o emprego do verbo ver em primeira pessoa tem uma função exclusivamente retórica

contudo, perguntar um leitor que tenha lido um tanto superficialmente fragmentos de

certos poemas didáticos de José Agostinho - não usa o autor de A Meditação em seus poemas verbos da natureza de ver? E isso não constitui índice de que José Agostinho de Macedo teve um contacto direto com a Natureza?

Do affogueado Sol deixando o Clima
Vêm buscar entre nós pasto, e guarida!"
(A Med., p. 188).

130. No solilóquio II do Motim literario, fala de Young - "Young he hum poeta extraordinario, grande amigo dos coveiros, e teimoso inquilino dos cemiterios" (v. 1, p. 37). Nesse mesmo solilóquio, refere-se também a Thomson - "(...) Tompson foi dos modernos o primeiro que acarretou a poezia para o seu verdadeiro emprego, que he o quadro do universo, e a pintura da natureza; tiralla daqui he deitar perolas a porcos" (v. 1, p. 37-8). De Rousseau, entre outras coisas, diz - "Sobre hum mesmo objecto discorre, e sente de hum modo tão diverso e tao opposto, que parece ha nelle duas almas, huma que diz sim, e outra que diz nao. Que diga mal das novellas licenciosas, e componha huma novella lasciva como Eloisa, nao me admiro, queria comer, e o seculo he o dos romances" (v. 1, p. 171). E no "Discurso preliminar" de Newton faz alusão a Ossian - "Sevastano no Poema Botanica, entre materias mais aridas faz rebentar flores, de que nem hum leve perfume se encontra ou nos soporiferos cantos da Arancana, ou nas hiperboreas guerrêas de Ossian filho de Fingal!" (p. 9-10).

Devemos esclarecer que não.

Com efeito, são muitas as passagens em que José Agostinho se utiliza desses verbos e, em primeira pessoa. No entanto apresentam eles aí uma função meramente retórica, pois não indicam a percepção real deste ou daquele fato ou fenômeno da Natureza. Na verdade, ele não vê com os olhos dos sentidos, mas com os olhos do espírito -

"Eis-que sinto levar-me ...(e como e onde

Eu não posso dizer); voei nas azas

De arrebatados extasis sublimes.

Sonho não foi, que mil confusas

Na fantasia imagens atropéla,

Extasi foi sómente, e conduzido

Eu fui d'hum Genio habitador do Olympo,

Que aos olhos do Filosofo franquêa

Do eterno arcano as ferrolhadas portas,

E, n'hum centro de luz, lhe mostra o quadro

Da sempre mesma, e varia Natureza" (Newt., p.

29-30). É pelo êxtase que José Agostinho penetra na atmosfera;¹³¹ é pelo êxtase que José Agostinho vê o Sol;¹³² e pelo êxtase vê também os mais variados fenômenos da Natureza.¹³³

Se assim

b. A paisagem descrita por Macedo em suas obras em prosa caracteriza-se pela apresentação de traços que não se ajustam à lição legada pelos árcades

procedeu José Agostinho de Macedo em suas composições de teor poético, o mesmo ^{mesmo} ocor

131. Cf. Ant. doc., p. 32-3.

132. Cf. Ant. doc., p. 33.

133. Cf. Ant. doc., p. 33.

reu em algumas passagens de suas composições em prosa. Referimo-nos ao Motim literario e às Cartas filosoficas a Attico.

No Motim literario, fala de certos acidentes de natureza paisagística, ao transcrever algumas idéias do iconoclasta Mercier, relativas à problemática da imitação da Natureza.

Ao apresentar as idéias de Mercier, José Agostinho o faz como se fossem suas próprias idéias, pois desgostar os homens"de tudo isso que se chama bellas artes" (Mot. lit., v. 4, p. 41), era projeto que, segundo as suas palavras, há muito "me bailava a mim na cabeça" (Mot. lit., v. 4, p. 41). Portanto havia uma concordância plena de suas idéias com as de Mercier. José Agostinho ama as idéias esdrúxulas. O que o atrai em Mercier é a excentricidade do pensamento do escritor francês - "Antes de me dar, e entregar á pura meditação, obedecendo a impulsão da innocente mania da leitura, sentia hum prazer extremo pela necrologia, e biografia. Gostava de saber dos homens, dos seus escriptos, de suas opiniões, e quanto mais extravagantes, e paradoxaes os encontrava, mais gostava delles, porque mais se conformavão ao meu genio, character, e inclinações. Entre os modernos nenhum excitava mais minha curiosidade que Mercier, posto que tambem asniou bastante em se metter a membro da fatalissima convenção nacional" (Mot. lit., v. 4, p. 32). Assim sendo, sente-se José Agostinho plenamente à vontade, ao parafrasear as idéias do autor de O meu barrete de dormir.

Para o estudo da idéia da Natureza,

enquanto paisagem, no pensamento de José Agostinho de Macedo, o que há de mais notável nessa paráfrase, é a referência a certos traços que não se identificam com os moldes propostos pelo Arcadismo. Sabe-se que essa ramificação do Classicismo a que José Agostinho de Macedo dera a sua adesão¹³⁴ teve como um de seus traços característicos a paisagem idealizada. A paisagem de contornos arrojados estava, pois, fora de seus quadros. Mas no Motim literario alude José Agostinho de Macedo exatamente a esses aspectos da Natureza.¹³⁵ Na verdade, o autor de O Oriente considera como dados de beleza "o chimborazo na America meridional" e "o Pico de Tenerife", "as montanhas do Jura" e as "immensas cordilheiras dos Andes", ao demonstrar a superioridade da Natureza perante a Arte (Mot. lit., v. 4, p. 43).

A novidade maior, porém, não está no registro desses traços. A literatura do século XVIII já acumulara descrições de aspectos de cunho paisagístico desse tipo.¹³⁶ Com efeito, nesse contexto, o que mais aproxima

134. Macedo foi um dos sócios da Nova Arcádia, instituição que pretendia continuar a lição saneadora da Arcádia Lusitana. Pertenceu também à Arcádia de Roma com o nome de Elmiro Tagideu.

135. Cf. Ant. doc., p. 33-4.

136. Quanto a esse aspecto da literatura setecentista, Paul Van Tieghem faz uma referência: "Même désir de sortir du monde déjà connu, de frayer à la littérature de nouvelles voies, dans l'expansion de l'exotisme, que le XVIII^e siècle déjà n'ignorait pas, mais qui occupe dans le romantisme une place beaucoup plus importante. Nous entendons ici l'exotisme dans son acception la plus large: intérêt porté aux pays étrangers, aussi bien européens que situés au-delà des mers, pour ce qu'offrent de différent, de nouveau, leurs paysages, leurs habitants, leurs mœurs" (Le romantisme dans la littérature européenne, p. 258-9).

o pensamento de José Agostinho de Macedo do Romantismo é serem tais traços expressos com uma nota insistente no fator experiência individual. Assim, ao contestar que "hum a corja de rebecas, gaitas, e trombetinhas" (Mot. lit., v. 4, p. 42) possam ser capazes de imitar a Natureza, observe-se que expressa o seu gosto pessoal - "Ha magestade mais terrivel que a voz de hum grande sino, tocado em dobre no silencio, de huma noite bem fechada, e bem triste?" (Mot. lit., v. 4, p. 42) - e, ao sobrepor a Natureza à Arte, veja-se que, na verdade, está a defender o contacto direto do homem com ela - "Que são estas paisagens ainda que sejam de Parele, ou de Vanloo, estas marinhas de Vernet, e esses fogos do insigne Diogo Pereira para quem sabe bem olhar para a pintura dos ceos, para o apparato, e formosura da terra, para quem contemplou já ou o chimborazo na America meridional, ou o Pico de Tenerife, ou as montanhas do Jura, ou as immensas cordilheiras dos Andes?" (Mot. lit., v. 4, p. 43). Na medida, pois, em que José Agostinho de Macedo assinala esses aspectos da paisagem, mostra não ter sido inteiramente indiferente às tendências estéticas dos novos tempos. Sob esse aspecto, as suas palavras apresentam um valor histórico - mostram que, na entrada do século XIX, havia em Portugal espíritos capazes de simpatizarem-se com idéias que anunciavam um novo momento literário.

Além disso, viu-se que essas notações feitas por Macedo a propósito da paisagem estão relacionadas com o seu eu. Quanto a esse aspecto, são indicadores daquilo que poderia ser considerado o reverso de um pensamento tipicamente setecentista. Sabe-se constituir um dos

traços mais característicos desse pensamento o pragmatismo. A arte, inclusive, deveria ter um fim útil. Ora, uma vez que José Agostinho de Macedo valoriza certos aspectos da paisagem, simplesmente por eles impressionarem o seu eu, está, na verdade, afastando-se dos quadros de uma cultura ortodoxamente setecentista. As suas palavras testemunham, no âmbito da cultura portuguesa, a infiltração da arte no reino do gratuito. Diz José Agostinho - "Eu gosto de impressões fortes, e fugirei voluntariamente de concerto de opera bufa (...) para ouvir reproduzido o som do órgão pelas vastas abobedas do templo de Belém" (Mot. lit., v. 4, p. 42). Ainda que essa afirmação não se refira expressamente à Natureza, ela é bem representativa do contexto em que José Agostinho exprime as suas preferências de ordem paisagística - elas estão sob a égide do eu gosto ou do eu não gosto. E não será esse sentimento que não espera da contemplação da Natureza nenhum proveito imediato, a não ser o prazer proporcionado pelo próprio ato de contemplar, uma das características mais expressivas do Romantismo? Sabemos que sim. E Rousseau que, segundo Lassere, "é já todo o Romantismo"¹³⁷ testemunha tal fato eloquentemente em suas confissões de Les rêveries du promeneur solitaire.¹³⁸ São esses os elemen

137. Apud Poetas do romantismo, v. 1, p. 7.

138. "Mais s'il est un état où l'âme trouve une assiette assez solide pour s'y reposer tout entière et rassembler là tout son être, sans avoir besoin de rappeler le passé ni d'enjamber sur l'avenir; où le temps ne soit rien pour elle, où le présent dure toujours sans néanmoins marquer sa durée et sans aucune trace de succession, sans aucun autre sentiment de privation ni de jouissance, de plaisir ni de peine, de désir ni de crainte que celui seul de notre existence, et que ce sentiment seul puisse la remplir tout entière; tant que cet état dure celui qui s'y trouve peut s'appeler

tos relativos à paisagem, que apresentam interesse para este estudo, encontrados no Motim literário.

Nas Cartas filosóficas a Attico, as palavras de José Agostinho de Macedo a respeito da paisagem são motivadas por suas considerações sobre o sublime.

Ao falar sobre o sublime na "Carta VII", José Agostinho distingue o "sublime de pensamentos expressos nas palavras" (C. fil. a Att., p. 82) e o "sublime das coisas, ou dos objectos apresentados imediatamente aos sentidos (C. fil. a Att., p. 82). E é, ao considerar o sublime das coisas, que José Agostinho se refere à paisagem, na medida em que insere alguns de seus aspectos nessa categoria estética.¹³⁹ Nessa carta, as considerações feitas por Macedo sobre o sublime das coisas interessam-nos não só por explicitarem determinados aspectos da paisagem, mas também por indicarem a ação desses aspectos sobre o homem.

Antes disso, porém, parece-nos necessário determinar a natureza do tom que Macedo confere às

heureaux, non d'un bonheur imparfait, pauvre et relatif, tel que celui qu'on trouve dans les plaisirs de la vie mais d'un bonheur suffisant, parfait et plein, que ni faisse dans l'âme aucun vide qu'elle sente le besoin de remplir. Tel est l'état où je me suis trouvé souvent à l'île de Saint-Pierre dans mes rêveries solitaires, soit couché dans mon bateau que je laissais sur les rives du lac agité, soit ailleurs, au bord d'une belle rivière ou d'un ruisseau murmurant sur le gravier" (p. 102).

139. A passagem que nos permitiu afirmar representar o sublime para José Agostinho uma categoria estética é a seguinte - "Nada ha mais sublime, que huma grande força. Hum rio que pobre de aguas com tortuosos gyros es corre entre floridas margens, he objeto bello, e delectavel; mas quando se entumece, e corre impetuoso, e estrepitoso, então se torna sublime" (C. fil. a Att., p. 91).

suas palavras no Motim literario e nas Cartas filosoficas a Attico. Assim, poderemos estabelecer com maior precisão o significado da paisagem em seu pensamento.

No Motim literario, José Agostinho impregna suas palavras com a espontaneidade daquele que fala consigo próprio. Atente-se que o nome completo dessa obra é Motim literario em fôrma de soliloquios e que entre outras coisas, na sua "Preparação" diz - "Escrevo para mim, porque escrevo o que conversei, e fallei comigo" (Mot. lit., v. 1, p. 9). Por outro lado, nas Cartas filosoficas a Attico, Macedo expõe suas idéias com contensão. De fato, ao escrever a outrem, Macedo toma a atitude daquele que dita idéias com o objetivo de persuadir. Assim sendo, o seu pensamento sobre a paisagem exposto nessa obra, além de ser apresentado como a expressão de uma verdade universal e não como a expressão de sua verdade, apresenta um desenvolvimento muito mais coerente do que no Motim literario.

Os aspectos da Natureza referidos por José Agostinho de Macedo na "Carta VII" também chamam a nossa atenção, sobretudo, por fugirem aos padrões arcádicos. Aí Macedo põe em relevo a sua dimensão. Nesse caso, a paisagem caracteriza-se, pois, quer pela sua amplidão desenvolvida acentuadamente num sentido horizontal, quer pela sua profundidade ou altura excepcionais.¹⁴⁰

Nesse contexto, fala também José Agostinho de Macedo de objetos que apresentam uma "grande força posta em acção" (C. fil. a Att., p. 90). Quando isso

140. Cf. Ant. doc., p. 34.

ocorre, refere-se Macedo "aos terremotos, às erupções volcânicas, às grandes conflagrações, ao borrasco Oceano, aos vortices das águas, aos ventos impetuosos, aos trovões, aos relâmpagos, e a todos os extraordinários e impetuosos movimentos da Natureza" (C. fil. a Att., p. 90-1). São essas também facetas da Natureza que não se enquadram na categoria da normalidade. José Agostinho de Macedo, ao fazer alusão a esses aspectos, mostra o quanto o seu espírito estava identificado com certos valores de cunho estético que podem ser considerados novos.

Sabe-se que as produções artísticas seladas pelo Classicismo registraram, por vezes, alguns dos aspectos paisagísticos referidos por José Agostinho. Não obstante, nele, esses elementos, além de não serem dominantes, não tinham um valor em si. A tempestade, por exemplo, era ingrediente indispensável na elaboração dos poemas épicos, cuja ação transcorresse no mar. Mas, nesses poemas, ela apresentava um valor meramente funcional. Na verdade, o fenômeno da Natureza não era ressaltado por seus valores intrínsecos: pela tempestade, provava-se tão-somente a bravura do herói. Outrossim, por via de regra, não era o excepcional que atraía o clássico. Segundo a lição do autor de Le romantisme dans la littérature européenne, "le vrai classique se plaît à contempler les 'coteaux modérés' qu'aimera encore Sainte-Beuve, très peu romantique sur ce point."¹⁴¹

Na "Carta VII", o que ressalta José Agostinho de Macedo, além dos aspectos não normais da Natureza, é o grau de sublimidade implícito nos fenômenos consi

141. Le romantisme dans la littérature européenne, p. 256.

derados em si mesmos. Depois de referir-se "aos terremotos, às erupções volcânicas, às grandes conflagrações", etc, José Agostinho afirma - "Nada ha mais sublime, que huma grande força" (C. fil. a Att., p. 91). Ora, admirar tais aspectos da Natureza, na verdade, significa apresentar um gosto caracteristicamente romântico, pois, conforme diz Paul Van Tieghem, "les classiques se montraient en général très modérés dans les dimensions qu'il donnaient aux éléments du monde extérieur. Ils aiment que ces objets ou ces phénomènes gardassent une certaine proportion avec l'homme, que restait le principal sujet de leur activité littéraire (...). Ils montraient peu d'intérêt pour l'illimité, le démesuré, l'énorme au sens étymologique du mot, le gigantesque."¹⁴² É o romântico que "aime ce que frappe, étonne par sa grandeur, ce qui donne l'impression de l'infini".¹⁴³ Portanto, na medida em que José Agostinho de Macedo põe em relevo nas Cartas filosoficas a Attico traços paisagísticos que só podem ser inscritos na categoria do excepcional, patenteia que a infiltração de certas diretrizes estéticas, que depois foram definidas como românticas, já se faziam sentir em Portugal, por volta de 1815.¹⁴⁴

Sabe-se que a paisagem na poesia arcaica, poesia que, pelo menos oficialmente, vigorava em Portugal, quando José Agostinho de Macedo escreveu suas Cartas filosoficas a Attico, constituía, de um modo geral, elemento indispensável. Mas, como dissemos, ao descrevê-la, o

142. Ibid., p. 256.

143. Ibid., p. 256.

144. Foi em 1815 que as Cartas filosoficas a Attico foram publicadas.

poeta não buscava transcrever as impressões pessoais que acaso pudesse ter tido num contato direto com ela. Limitava-se a servir-se dos estereótipos que lhe eram fornecidos por um repertório bem limitado. Dessarte, a "Carta VII" chama-nos a atenção, uma vez que José Agostinho de Macedo fala numa primeira instância da presença física do homem em frente da Natureza. Assim, alude a "espaçosa planície onde os olhos não descobrem limites" (C. fil. a Att., p. 89) e à "alta montanha a cuja cima erguemos os olhos" (C. fil. a Att., p. 89). Só depois de esses objetos terem sido experimentados pelos sentidos é que atingiriam a alma. Então, produzir-se-ia o sublime - "Qualquer objeto que offerecido aos nossos sentidos desperta em nossa alma simultaneamente grandes idéas, he sublime; porque estas idéas despertadas pelo objecto contemplado deixão n'alma huma profunda impressão" (C. fil. a Att., p. 88).

Não seria, pois, o sublime nos termos colocados por José Agostinho de Macedo uma das primeiras formas pelas quais se teria manifestado um dos sentimentos mais característicos dos tempos românticos, ou seja, o sentimento da natureza? Na verdade, para o produção do sublime era necessário que houvesse uma comunhão do homem com a paisagem. E sabemos que o sentimento da natureza, tal qual foi expresso pelos românticos, exigia idêntica situação.

Assim sendo, José Agostinho de Macedo patenteia nessas considerações sobre o sublime não só o caminhar da literatura para o mundo da realidade, mundo esse que será poucas vezes abandonado pela história das literaturas ocidentais, mas também o despontar das primeiras

emoções do homem em face da Natureza. Portanto, o sublime das coisas, segundo José Agostinho de Macedo, é fruto da relação direta do homem com determinados aspectos da Natureza. Todavia, se, na "Carta VII", Macedo busca ser preciso e completo, quanto ao modo pelo qual o sublime possa ser alcançado, não o consegue ser, quanto à definição dessa categoria estética.

O sentimento do indefinível não caracterizou a literatura do século XVIII. Esta primou pela defesa das idéias claras e a matéria de cunho científico, que dava ensejo quase que exclusivamente a explicações e a definições, constituía uma de suas notas mais típicas. Foram, sobretudo, os românticos que sentiram-se atraídos pelo sentimento do inexprimível. Ora, José Agostinho de Macedo, ao buscar definir o sublime, reflete bem a ambigüidade do momento estético, que Portugal atravessava, quando escreveu as Cartas filosoficas a Attico. Assim, em dada passagem, José Agostinho confere ao sublime uma categoria racional - "Finalmente, meu Attico, eu tenho encontrado authores, que affirmão que o sublime deve ser sentido, e não definido, coisa que seria evidente, se o sublime fosse huma simples percepção (C. fil. a Att., p. 82). José Agostinho de Macedo manifesta-se aí o homem que quer encontrar pela razão a explicação da essência das coisas. Mas, ao concluir a "Carta VII", diz - "Eu concluo, meu Attico, esta tão espendida questão do sublime, dizendo que para elle não ha regras: a imaginação exaltada o produz ao acaso, não se fórma, vem elle. Só o homem, ou Prosador, ou Poeta, muito penetrado dos objectos de que trata o produz sem o socorro das regras infruc-

tuosas no calor da composição" (C. fil. a Att., p. 93). Nessa passagem, refere-se José Agostinho à qualidade imponderável do sublime. Revela-se, então, o homem que confere ao sublime um estatuto fundado no irracional. E é, na verdade, ao fazer tal colocação que o seu pensamento intui as diretrizes estéticas dos novos tempos.

Em suma, essa análise mostra-nos que no pensamento de José Agostinho de Macedo coexistiram duas idéias da Natureza, enquanto paisagem: uma de nítidos contornos clássicos e outra constituída por um traçado característico do gosto romântico. A primeira é encontrada em suas obras poéticas e a segunda, em suas obras de cunho teórico. Assim sendo, é nas obras teóricas que o espírito de José Agostinho de Macedo se mostra mais identificado com os valores da modernidade. Talvez isso ocorra, porque somente nessas obras é que tenha tido condições de exprimir tais idéias. A lição clássica, que marcara mui fortemente o seu eu e que imperara em seu contexto cultural, impedira-o, pois, de afrontar o novo no campo da criação literária.



Neste capí

No pensamento de José Agostinho de Macedo, a concepção da obra literária, enquanto um todo formado por conteúdo e forma, ora é apresentada sob uma perspectiva clássica, ora sob uma perspectiva romântica

tulo, situamo-nos frente ao problema da natureza da obra literária, do ponto de vista de sua constituição.

Daí, antes de quaisquer outras indagações, colocar-se aquela referente ao modo como se relacionavam, segundo o pensamento de José Agostinho de Macedo, aqueles elementos que têm sido comumente chamados de conteúdo e forma: foram eles compreendidos como uma única realidade, estando nesse caso o conteúdo englobado na forma e a forma englobada no conteúdo? Ou compuseram eles duas realidades independentes - de um lado, a idéia e de outro, a expressão que revestisse essa idéia?

Sabe-se que também em face da problemática da constituição da obra literária, possuíram o Classicismo e o Romantismo idéias diametralmente opostas. Para o clássico a forma constituía algo bem diferenciado do conteúdo: a forma implicava em técnica, enquanto o conteúdo dizia respeito à invenção. Forma e conteúdo pertenciam, pois, a fases distintas do processo criador. Por sua vez, o romântico reagiu contra essa concepção da obra literária. Daí tê-la compreendido como um todo indissolúvel: para ele não havia um conteúdo a que seria dada uma forma - havia tão-somente a obra. E no pensamento de Herder, de Goethe e dos Schlegel que se encontram, segundo a lição de René Wellek, as palavras "todo" ou "organismo", para conciliar a

oposição ^{entre} forma e conteúdo.¹⁴⁵

Também quanto a essa questão, o pensamento de José Agostinho de Macedo é bem representativo de seu momento cultural: não deu a ela uma só resposta - ora fala-nos da obra como uma realidade bipartida, ora compreende-a como uma totalidade indissolúvel.

O conteúdo e a forma constituem elementos autônomos dentro da obra literária

Assim, em páginas de O Espectador Português, ao expor suas idéias sobre a eloquência,

manifesta uma concepção nitidamente clássica da obra literária - de um lado, situa o pensamento e de outro, a expressão desse pensamento.¹⁴⁶

O conteúdo e a forma constituem na obra literária um todo indissolúvel

Por outro lado, também se encontra em José Agostinho passagens em que ele vê

a obra literária como um só todo. Nelas, Macedo não mais distingue a fase propriamente técnica do processo criador da sua fase inventiva: a criação literária envolveria um só momento, uma vez que conteúdo e forma nasceriam simultaneamente.¹⁴⁷

Portanto o pensamento de José Agostinho de Macedo permite-nos observar que também, quanto à problemática do conteúdo e da forma, o momento das opções definitivas pelo novo não chegara. Na verdade, em seu momen

145. René Wellek, História da crítica moderna, v. 2, p. 43.

146. Cf. Ant. doc., p. 36.

147. Cf. Ant. doc., p. 36-7.

to, o velho e o novo coexistiam. E o que levava José Agostinho a manifestar essa ou aquela idéia parece serem antes as circunstâncias criadas pelo desenrolar de seu pensamento do que a defesa de uma convicção arraigadamente pessoal.

Examinada

Neste trabalho, o conteúdo e a forma serão estudados isoladamente, em consequência do próprio modo como José Agostinho focaliza a obra literária

a posição de José Agostinho de Macedo concernente à maneira de relacionarem-se o conteúdo e a forma, cabe-nos es-

tudar o seu ideal, quanto ao conteúdo e quanto à forma da obra literária.

Talvez se estranhe o modo pelo qual nos propomos a desenvolver este capítulo - o estudo em separado dos ingredientes da obra literária. No entanto, se assim procedemos, é em decorrência da própria natureza do pensamento de José Agostinho de Macedo. Apesar de condenar enfaticamente os mestres que não examinavam o espírito da obra, mas apenas a sua expressão,¹⁴⁸ na análise deste ou da

148. "Cicero he hum grande author, e creio, que em razão do meu officio, e do sério estudo, que para o exercitar tenho feito, não houve ainda quem mais o gostasse apesar dos grammaticões de quinhentos, que bebião Cicero, isto he, as palavras, os torneos, e as desinencias dos periodos de Cicero. Ora pois ainda que o limitar-se a hum unico author, e aos authors de huma só nação, quando se trata de formar a mocidade seja hum absurdo, quero conceder-lhe, ou dar-lhe de barato, que as orações interpoladas, e retalhadas de Cicero bastem por si só para formar a juventude, e desenvolver-lhe o genio para a eloquencia. Com tudo, será sempre verdade, que nem Cicero, nem outro melhor que Cicero, se acaso existisse, bastará para se conseguir este fim se os professores de rethorica não tiverem barbas para lhe fazer conhecer o espírito " (Mot. lit., v. 3, p. 74-5).

quele autor, põe em relevo aspectos de natureza formal. Por outro lado, em certas passagens, há considerações em que so bressaem idéias relativas ao conteúdo. Assim sendo, somente pelo estudo do conteúdo, de um lado, e da forma, de outro, alcançaremos perscrutar a natureza da atmosfera cultural vigente em seu momento.

Quanto ao

A Literatura deve tratar assuntos que a enalteçam: a. A celebração da Natureza; b. O canto de fatos heróicos - passados ou presentes - e c. O cultivo de matérias inscritas sob a égide do Cristianismo

conteúdo, o pensamento de José Agostinho é marcado por um vincado ideal de renovação. Para ele a literatura pátria estava

em processo de degenerescência - "Ferreio tempo! Parece que se não caminha, mas que se existe já no regaço obscuríssimo da barbaridade." (Newt., Disc. prel., p. 22). Perante esse processo de verdadeira corrosão pelo qual sentia estar a literatura portuguesa passando, julga-se Macedo com forças suficientes, para insuflar-lhe novos haustos de vida.

Como? poder-se-á, contudo, indagar. Tratando assuntos que, segundo sua concepção do Belo, viriam enaltecer as letras de seu país. Estão nesse caso a celebração da Natureza, o canto de fatos heróicos - passados ou presentes - e o cultivo de matérias que estivessem sob a égide do Cristianismo.

José Agos-

a. A celebração da Natureza

tinho tinha convicção de que a Natureza

constituía assunto capaz de revigorar as letras pá-

trias, já que ela possibilitaria o despertar do gênio criador.¹⁴⁹

Entusiasmara-se Macedo pelo assunto Natureza, conforme já o dissemos, por ele constituir "O poeta, e a quem lêr seus versos na feliz necessidade de celebrar o poder, a immensidade; e a sabedoria do Auctor d'estas maravilhas tanto mais dignas de admiração do homem, quanto mais o homem as medita e profunda." (A Cr., Pref. p. V). O assunto Natureza inscrevera-se, pois, - dizemo-lo mais uma vez, ressaltando agora o problema concernente ao conteúdo - na faixa dos assuntos elevados, dos assuntos nobres. E não foram esses os assuntos de preferência dos neoclássicos? Sabemos que sim. Logo o pensamento de José Agostinho de Macedo, quanto a esse aspecto está filiado a um gosto de cariz eminentemente neoclássico.

A musa de

b. O canto dos fatos heróicos -
passados ou presentes

José Agostinho de Macedo, contudo, não o levou a cantar na categoria

de assuntos elevados somente a Natureza. Levou-o também a celebrar a pátria em seus aspectos grandiosos. E para José Agostinho não havia assunto que mais dignificasse a glória nacional lusa do que a viagem de Vasco da Gama às Índias, uma vez que esse constituía um assunto que elevava Portugal acima de todas as outras nações do mundo.¹⁵⁰ Por pensar dessa maneira, vê-se em José Agostinho de Macedo a presença de um sentimento de exaltado nacionalismo. E não é

149. Cf. Ant. doc., p. 37.

150. Cf. Ant. doc., p. 37-8.

somente aí que assim se expressa Macedo.

Em 1809, sai à luz o poema O Novo Argonauta. O que levou José Agostinho a escrevê-lo? Tão-somente a impressão que lhe causara o motivo da "viagem promtentosa, que o Tenente da Armada Real e Cavalleiro da Ordem de Christo Manoel de Oliveira Nobre se atreveo a fazer atravessando o Oceano na sua maior extensão em hum pequeno Caïque" (O Nov. Arg., p. III). Isso porque "em toda a Historia de Roma se não pódem marcar hum facto, que prove mais heroico Patriotismo, mais honra, mais lealdade, e mais virtude" (O Nov. Arg., p. III). Para José Agostinho a viagem de Manoel de Oliveira Nobre tinha, pois, dimensões heróicas e, como tal, precisava ser celebrada, a fim de que a posteridade dela tivesse conhecimento.¹⁵¹

Portanto José Agostinho de Macedo acredita poder contribuir para o levantamento da literatura de seu país, tratando assuntos nobres. Para ele, pois, a natureza do conteúdo representa fator importante no julgamento de uma obra literária. Conseqüentemente, terão mais valor aquelas obras, cujo conteúdo estiver inscrito na categoria do grandioso.

Além desses assuntos - científicos e heróicos - que constituíram o apanágio da literatura neoclássica, apresenta o pensamento de José Agostinho de Macedo um franco entusiasmo por um assunto de novo teor. Referimo-no ao Cristianismo. Para ele os ora-

c. O cultivo de matérias inscritas sob a égide do Cristianismo

151. Cf. Ant. doc., p. 38.

dores dos primeiros séculos da era cristã excedem aos oradores de maior projeção da Antiguidade Clássica - "As arengas de Demosthenes, os arrezoados de Cicero, a pezar de todo o estudado tornêo de seus periodos, nada avultão se os compa-ro com as produções dos oradores dos primeiros 3 seculos do christianismo "(Mot. lit., v. 1, p. 81). E essa superioridade, segundo Macedo, estava fundada apenas na matéria de senvolvida por eles.¹⁵² Isso porque para o autor de O Orien-te as matérias apresentadas pelos oradores cristãos "fazião desenvolver mais a força do entendimento, e o enchão de hum divinal enthusiasmo "(Mot. lit., v. 3, p. 217-8). José Agostinho de Macedo considerava ainda que Arnóbio "nos li-vros contra os Gentios tem hum impeto, huma força, huma har-monia tal que leva comsigo a alma de hum leitor illustrado "(Mot. lit., v. 1, p. 218). E que "estas qualidades nascem da materia que trata, capaz de dar esta elevação ao espírito "(Mot. lit., v. 1, p. 218).

Hoje está estabelecida como caracte-rística romântica o gosto por assuntos de índole cristã: no Romantismo, pois, os interesses culturais deixam a Antigüi-dade Clássica em favor do Cristianismo. E José Agostinho de Macedo, dando primazia aos oradores cristãos, ao fazer o pa-ralelo entre estes e os oradores do mundo clássico antigo, testemunha que, em Portugal dos primórdios de Oitocentos, uma nova ordem de idéias começa a impor-se.

152. Cf. Ant. doc., p. 39.



Para José Agostinho a linguagem literária perfeita deve atender

- a. à lei da mudança literária,
- b. ao ideal da vernaculidade, c.
- ao ideal da naturalidade e d.
- ao ideal da correção gramatical

mo, as discussões em torno da linguagem ocuparam um lugar de relevo: o combate aos excessos gongóricos levou o homem de letras

do século XVIII a refletir sobre a linguagem.¹⁵³ José Agostinho não deixou de ser receptivo a tal clima que ainda estava em vigência em seu momento: as suas numerosas considerações sobre a linguagem atestam-no. Aqui nos cabe examiná-las com o objetivo de desvendar o seu ideal de linguagem literária. E essa forma ideal, pela qual propugna José Agostinho, desenha-se principalmente nas críticas feitas a certas linguagens: do que é apontado como erro se depreende o que para ele constituiria o certo. Assim sendo, faz-se mister examinar essas críticas uma por uma.

A linguagem

a. A Lei da mudança na Literatura

gem dos autores do século XVI fora erigida pelos árcades em modelo.

Ao tomar essa atitude, objetivavam desbastar a língua portuguesa de todos os inconvenientes trazidos pelo Barroco. O árcade buscava, pois, a simplicidade de expressão. José Agostinho avaliou corretamente o significado do movimento levado a cabo por eles: "Na verdade, desde a morte de Fran-

153. Cf. Hernâni Cidade, Lições de cultura e literatura portuguesa, v. 2, p. 240-254.

cisco Rodrigues Lobo, e Vasco Mouzinho de Quevedo, até á criação da Arcadia, temos hum intervalo lastimoso. Houve, assim he, hum Diluvio de Poetas, e huma innundação de parvoices. Existio eclipsado o Astro da Poesia, e foi surgindo das sombras, chegou a Época da sua emersão, quando apparecêrão Antonio Diniz da Cruz, e Pedro Antonio Correa Garção. Estes se atrevêrão a hir desenterrar do pó das Bibliothecas os bons Quinhentistas. Leo-se, imitou-se Camoens, Ferreira, Bernardes, Lobo; lembrou-se hum Academico bemmerito de fazer huma nova Edicção de Fernão Alvares do Oriente, e envergonhárão-se os Portuguezes de haverem acordado tão tarde, quando França lhe offerecia Modellos em todo o genero acabados. Estimou-se, e reproduzio-se a antiga lingoagem, desterrárão-se os Equivocos, e reinou aquella magestosa simplicidade, que he o Character dos grandes Homens, e das Grandes Obras. Houve quem lesse, e entendesse Horacio, e esta Revolução felicissima contra as arreigadas preoccupaçoes, e corrompido gosto, fez que a Poesia se aproximasse áquella perfeição de que tão desgraçadamente havia cahido " (Obr. de Hor., Pref., p. VIII-IX).

Já se falou muito sobre os benefícios trazidos por essa luta empreendida pela Arcádia. Não obstante, conforme se deduz das palavras de José Agostinho, esse movimento com o passar do tempo perdeu seu sentido salutar: o gosto pelos frutos literários de Quinhentos transformara-se em cego fanatismo. E é contra esse estado de coisas marcado pelo exagero que se bate Macedo. Daí ter endereçado àqueles que ora chama de "Quinhentistas", ora de "Pala

vristas" justificadas palavras de rancor.¹⁵⁴ Isso porque Macedo vê na adoração fanática à literatura do século XVI um efeito de natureza desastrosa para as letras de seu país: o embotamento do estro criador.¹⁵⁵

Aqui se faz necessário notar que essa exprobração não representa a manifestação de um temperamento atrabiliário. Ela está fundada em razões. José Agostinho de Macedo acredita na mudança literária. É o que fica patente em suas palavras escritas no Semanario de Instrução, e Recreio - "Não me pude conter, vendo que homens, aliás grandes, e conspícuos, não querião saber, que a Língua Portuguesa (e todas) são semelhantes ao composto humano, tem épocas, tem idades, tem estados: estado de embrião, estado de infancia, estado de adolescencia, estado de virilidade, e estado de madurez perfeita, e terão estado de decrepitude; e que o maior cuidado do Sabio deve ser conservar a lingua no estado de virilidade perfeita. Pois não foi assim: teimárão em reproduzir a lingua no seu estado de Embryão, e assentárão que o Traductor de Rodolfo de Saxonia, Fr. Bernardo d'Alcobaça, era um Classico para se seguir, e imitar agora. Nem hum homem de ferro se poderia aquietar com semelhante destempero. Ralhei, e gritei contra os nossos Quinhentistas!!!"(p. 333). Por isso, não pôde aceitar que se escrevesse nos primórdios de Oitocentos como se escrevia em Quinhentos.

Se no tem

b. O ideal da vernaculidade

po da Arcádia se visou a atingir a pureza da

154. Cf. Ant. doc., p. 39-40.

155. Cf. Ant. doc., p. 40.

língua portuguesa pelo combate ao influxo do castelhano, no final do século XVIII e início do século XIX, as bombardas voltaram-se contra a francesia. Filinto Elísio, por exemplo, na carta dirigida ao seu amigo Francisco José Maria de Brito brada:

"Cumpre de pé dos pendões enfileirar-nos;
Entrarmos na refrega cos cediços
Pedantes, cos casquilhos da moderna,
Que nos mofam, nos seguem, nos perseguem,
Quais bandos de pigmeos e vem armados
Cada um como um Sansão, como um Alcides,
Valentes como impávidos Quixotes,
Os da corja académico-tarouca
Com bexigas e estalos farfalhudos;
E os mais com pélas de francês conducta,
De afféres, rango, massacrar, ressortes,
Egídio, populácea, e iguais remendos
De mal alinhavada francesia."¹⁵⁶ Mas justifica-se:
"Não que à língua Francesa eu ódio tenha
Que fôra absurdo em mim. Ninguém confessa,
Mais sincero, o valor de seus bons livros,
De todo o bom saber patentes cofres,
De polidez e de eloquencia ornados.
(...)
Mas, como fôra escarnecido em França
O que empreendesse impar de frases lusas
Um discurso francês em prosa ou verso,

156. Filinto Elísio, "Carta ao Senhor F.J.M. de B.", em suas Poesias, p. 4-5.

Assim pede entre nós ser apupado
 O tareco doutor que à pura fôrça
 Quer atochar de têrmos bordalengos
 O nativo desdém da nossa fala."¹⁵⁷

José Agostinho de Macedo também não aceita tal estado de coisas. Daí denunciar a ação maléfica da língua francesa sobre a sintaxe da língua portuguesa. Essa ação, ressaltasse de passagem, fazia-se por intermédio das más traduções. É o que testemunha o pensamento de José Agostinho de Macedo.¹⁵⁸

A defesa da integridade da língua portuguesa parece, porém, não ter como causa exclusiva um zelo de cunho lingüístico. Como se sabe, na primeira década de Oitocentos, Portugal fora invadido três vezes pelas forças militares de Napoleão (1807, 1808 e 1809). Assim, expulsas essas forças (1814), era natural a eclosão de um forte sentimento nacionalista. Dessarte, é provável que a intransigente posição de José Agostinho de Macedo em prol da pureza do idioma pátrio possa ser explicada como uma das manifestações desse sentimento.¹⁵⁹

157. Id., ibid., p. 5-6.

158. Cf. Ant. doc., p. 40-1.

159. Na verdade, são muitas as passagens em que José Agostinho de Macedo alude em termos desairosos aos franceses. Acreditamos que mais por rancor de terem eles ofendido os brios nacionais portugueses do que por qualquer outra razão. A título de ilustração, transcreveremos as seguintes passagens: ao falar dos espartanos, por exemplo, conclui - "Além de orgulhosos, eram egoístas, e só menos mãos que os Francezes" (Mot. lit., v. 4, p. 22) - e no solilóquio LXXI afirma - "Entre as camadas de críticos que entulham a chamada República das letras não ha outros mais desprezíveis, e aborrecíveis que certos gelados Aristarcos armados de hum tedioso aranzel de regras, e preceitos inuteis, e infructuosos."

A pena de

c. O ideal da naturalidadeMacedo, todavia, não vi
bra somente contra aque

les que se servem de termos quinhentistas e contra aqueles que escrevem não atentando para a pureza da língua pátria. Macedo também não aceita o modo pelo qual Filinto Elísio buscava renovar o idioma português. É o que deixa expresso, entre outras, na seguinte passagem de O Espectador Portuguez - "O Poeta Longuinhas, que fez a viagem de França só para ver o Poeta Nascimento, e estudar com elle o novo, e inventado methodo de dar cabo da Lingua Portuguesa com a sa gaz junctura, como elles dizem, de palavras novas, e de palavras velhas, fazendo-se Gregos em Portuguez, depois de deixar o Sóco de Thalia, e o Cothurno de Melpómene." (O Esp. Port., 1º sem., p. 107). Para Macedo um poema trabalhado, segundo essa lição, ficaria caracterizado tão-somente pela sua artificialidade oca.¹⁶⁰

Por fazer tais críticas, vê-se que a linguagem perfeita, segundo José Agostinho de Macedo, deve atender à lei da mudança na literatura, ao ideal da vernaculidade e ao da naturalidade.

Ainda que

d. O ideal da correção gramaticalJosé Agostinho de Ma
cedo acredite na mu

(...) Cada hum delles se julga hum Muratori nos excellentes tratados do bom gosto, nas sciencias, e armas, ou hum honrado Francez do tempo dos homens de bem (raça extincta nesse paiz de França) chamado o abbade de Bós, nas profundas reflexoes sobre todas as artes, chamadas por alcunha artes de imitação." (Mot. lit., v. 4, p. 57) O grifo é nosso.

160. Cf. Ant. doc., p. 41.

dança literária (é o que fica patente, ao criticar o padrão quinhentista, pelo qual se guiavam certos ~~escritores, de sua con-~~
~~temporânea~~, não se julgue que para o autor de O Oriente a perfectibilidade lingüística estaria em seu tempo. Pelo contrário, proclama que "entre os estragos mais lastimosos do presente tempo, o de nossa maternal linguagem he o mais sensível. Já não he Portuguez o que se falla, e o que se escreve." (Newt. Disc. prel. p. 23). Na verdade, para o autor de A Meditação representa a prosa de Manuel Bernardes o ponto mais alto a que pudera chegar a língua portuguesa, pois fora nesse autor, que José Agostinho vira chegar a nossa língua "ao maior grao de perfeição, de magestade, de doçura, de gravidade, e de fartura de que póde ser susceptivel a linguagem mortal, fazendo-a não só hobrear, mas exceder á de Athenas, e de Roma nos dias de Platão, e de Marco Tullio" (Mot. lit., v. 4, p. 73).¹⁶¹ Ao apontar o autor de Nova floresta, como autor exemplar, fica implícito o juízo de que a perfeição lingüística envolveria não só a idéia de pureza, mas também a de correção gramatical. Na sua Censura das Lusíadas, aliás, por mais de uma vez, José Agostinho refere-se às incorreções gramaticais que vê no poema épico camonian.¹⁶² Portanto, na medida em que a expressão natural e castiça aliada à correção gramatical constituem os ingredientes do ideal lingüístico de José Agostinho de Macedo, verificamos achar-se esse ideal vinculado ao ideal neoclássico da linguagem, isto é, ao ideal da linguagem construída, se-

161. No texto, essa passagem está em forma interrogativa.

162. Cf. Ant. doc., p. 41-2.

gundo os ditames da razão. Indubitavelmente, é essa a diretriz dominante de seu pensamento no que diz respeito à linguagem.

Encontram-

José Agostinho, por vezes, apresenta idéias que não se ajustam ao seu ideal de perfectibilidade lingüística

se por vezes, em Macedo, idéias que fogem a essa diretriz. Isso ocorre, por exemplo,

quando exalta a força do estilo de Rousseau¹⁶³ ou quando mostra dever o homem estar identificado pelo coração com a matéria sobre a qual fala¹⁶⁴ ou ainda, quando critica a esterilidade da dicção de D'Alembert.¹⁶⁵ É claro que essas idéias constituem exceções no pensamento estético-literário de José Agostinho de Macedo. Mas elas dão-nos conta de que também, quanto à linguagem, um novo ideal começava a fazer pressão sobre a ordem estabelecida.

Constitui também exceção no ideário estético-literário de José Agostinho de Macedo o pensamento expresso no Solilóquio XXXVI. Transcrevamo-lo: "O crítico que imagina, que a verdade, a particularização, e evidencia mathematica devem entrar em huma descrição poetica, achará que louvar nas frialdades de Camões, quando trata do resgate que o Gama faz de seu irmão, por dois fardos de panno da Covilhã; mas o crítico, que busca a parte animada, e dramatica; que quer ser não escutador tranquilo, mas espectador agitado, e quasi em perigo, que exige presteza, e tumulto

163. Cf. Ant. doc., p. 42-3.

164. Cf. Ant. doc., p. 43.

165. Cf. Ant. doc., p. 43-4.

de affectos, contrastes improvisos de terror, e de ternura, relampagos subitos de character, e até interrupção de estilo, sobriedade fecunda, desordem artificiosa, escolha de incidentes, e circumstancias que fallem, não encontrará muito de que se pague em todas as Lusiadas, e em muitas mais obras desta relé em varias linguas bem cultas da Europa "(Mot. lit., v. 2, p. 294-5). Observe-se que José Agostinho de Macedo fa la em "interrupção de estilo", em "sobriedade fecunda" e em "desordem artificiosa." Com tais palavras não estará José Agostinho de Macedo pondo em cheque o seu ideal de linguagem natural? Vemos que sim. Mas contradições dessa natureza são explicáveis num momento de intensa efervescência intellectual, como aquele vivido por José Agostinho de Macedo. Essa, porém, que aí apontamos, ilustra o ~~desmontar~~ nascer de um no vo gosto.

Parece-nos

Macedo reflete sobre a rima e sobre a tradução

serem essas as idéias fundamentais expressas por José Agostinho

de Macedo sobre o conteúdo e sobre a forma. Apesar de ser assim, acreditamos que estas linhas se completariam, se investigássemos a posição de José Agostinho em frente da problemática da rima e da tradução. Tanto esta como aquela foram problemas, como se sabe, bastante discutidos em seu tempo. Assim sendo, achamos que há interesse em estudar como José Agostinho de Macedo os abordou.

As idéias

José Agostinho vê a rima sob a mesma perspectiva pela qual a viram os árcades:

de José Agostinho sobre a rima não apresentam novidade em re

lação àquilo que já fora dito pelos árcades. Estes consideraram-na sobretudo como um empecilho à manifestação plena do estro criador -

"Se a rima, como escravo, te traz preso,
Perdida a liberdade, ao duro cepo,
Quebra as fortes cadeias; não é justo
Que o contínuo zum-zum do consoante,
Que o ouvido agita só, a alma não,
Esfrie o fogo que na ideia nasce."¹⁶⁶ José Agos

tinho a vê sob a mesma perspectiva.

Daí, defini-

a. A rima prejudica a expressão da
idéia

la como um "jugo bárbaro" (O Or., Disc. prel, p. 41); daí, cri

ticar certas passagens de Os Lusíadas, por ver nelas a idéia prejudicada por causa da rima.¹⁶⁷

Além disso,

b. A poesia dirige-se à razão e
não aos ouvidos

da mesma forma que os árcades, José Agos tinha acreditava que

a poesia se endereçava à razão e não aos ouvidos.¹⁶⁸ Logo a poesia estava na substância do poema e não na sua musicalidade. Nesse passo, deve observar-se também que Macedo menos preza a rima por seu caráter efêmero: ela satisfaz tão-somente aos sentidos. E para o clássico a única satisfação du

166. Correia Garção, "Epístola I", vv.11-6, em suas Obras completas, v. 1, p. 199.

167. Cf. Ant. doc., p. 44.

168. Cf. Ant. doc., p. 45.

radoura era aquela proporcionada pela razão.

Não é, con-

c. A rima contraria as leis da Natureza

tudo, apenas quanto a esses aspectos que a idéia macediana da

rima se ajusta aos cânones clássicos. Em certa passagem do Motim literario, José Agostinho de Macedo ressalta não imitar a rima a Natureza naquilo que esta tem de vário.¹⁶⁹

E não falta a essas considerações de José Agostinho de Macedo referência feita em termos elogiosos à autoridade dos escritores da Antigüidade Clássica: para José Agostinho o modo como gregos e romanos escreveram seus versos constituiria "exemplo que devia desde então ser seguido "(O Or., Disc. prel., p. 41).

Em suma, as idéias teóricas de Macedo sobre a rima nada acrescentam às concepções arcádicas: de veria ser desterrada, porque era compreendida como algo artificial.

Quanto à

A posição de José Agostinho de Macedo em face da tradução: na tradução não há lugar para a criatividade

tradução, fez José Agostinho de Macedo algumas considerações que nos esclare

cem relativamente à sua concepção diante do conteúdo e diante da forma da obra literária. Não obstante ter feito considerações de tal ordem, não se pode caracterizar José Agostinho pela sua atividade como tradutor - as traduções ocupam

169. Cf. Ant. doc., p. 45.

em sua obra um lugar verdadeiramente à margem.

Tal atitude estranha-se num homem que como ele participou tão ativamente da vida intelectual de seu momento. Sabe-se que em seu tempo a tradução constituía atividade da moda: todos queriam traduzir - "Ministros de Estado, cujos nomes serão immortaes nos fastos da Diplomacia Europea, e Brasilica, Barca, Aguiar, Targini, o maximo Financeiro do seculo 19.^o, renunciando a gloria de arbitros dos Negocios do novo, e do antigo Continente, quizerão antes parecer Auctores, Traductores, e Copiadores de huma Elegia de Grai, e os dous de hum retalho de Pope, com que lhe pareceo occupar as primeiras Sédes do Monte-bipartido " (Viag. ext. ao temp. da Sab., Adv., p. 14). É o que o próprio Macedo nos diz.

Podemos afirmar que, na verdade, o autor de O Oriente traduziu três obras: as obras completas de Horácio, A Tebaida de Estácio e o Elogio do sumo Pontifice Pio VII. São essas as traduções a que Macedo se refere com certo orgulho. Sobre as outras de que Inocêncio faz o rol¹⁷⁰ - diversas odes, um poema, uma ladainha, um fragmento de poema, uma epístola e uma coletânea de poesias italianas - silencia. Essa atitude desusada num homem que gostava de falar de si e de sua obra explica-se: José Agostinho de Macedo considerava a tradução atividade menor do espírito humano - "Eu detesto o mister de traductor, mas se tivesse hum intervallo de ocio em minha vida, ou paciencia de estar

170. Cf. "Bibliografia das obras de José Agostinho de Macedo", In: Innocencio Francisco da Silva, Memorias para a vida intima de José Agostinho de Macedo, p. 199-293.

olhando para hum livro, e escrevendo em hum papel, não deixava sem huma traducção o Poema do Vidro, he a cousa mais formosa que existe em Parnaso Latino " (Newt., Disc. prel., p. 15). Para ele, pois, o ato de traduzir representava uma atividade mecânica, em que não havia lugar para a criatividade.

Se José

A tradução só tem sentido, quando tem por objetivo a divulgação de obras de valor, mas inacessíveis devido à sua língua

Agostinho de Macedo traduziu, fê-lo movido por um único ideal - o da divulgação. Pelo

menos, é isso que deixa manifesto, quando fala de suas traduções de Horácio ou de Estácio ou ainda do Elogio do sumo Pontífice Pio VII.

Macedo via sua época como um momento carente de manifestações literárias de peso - "O commercio das letras extinguiu-se; e quanto me tem custado o ficar de pé no meio destas ruínas! Eu não passo com a consideração além do circulo deste Reino. Que escritos apparecem! Que Poesias! Que ludibrios! Vai a perder-se, e consumir-se tudo; e até as mesmas esperanças de huma regeneração em litteratura!" (Newt., Disc. prel., p. 23). Daí a oportunidade de Horácio, visto por José Agostinho como "a Lei, e o Exemplo" (Obr. de Hor., Pref., p. X). Traduzindo Horácio, Macedo objetiva, pois, levantar o nível artístico das letras lusas. Foi essa, indubitavelmente, a justificação maior que deu ao seu trabalho. Mas aponta outras: o desconhecimento em que ia caindo a língua latina e a inexistência em língua portuguesa das obras de Horácio em verso.¹⁷¹ O fato de apresentar

171. Cf. Ant. doc., p. 46.

tantas justificativas reflete a medida dos escrúpulos com que Macedo empreendia a atividade de tradutor.

Por outro lado, acreditamos também ter sido o ideal de divulgar Estácio que tenha levado José Agostinho de Macedo a traduzi-lo. Na verdade, Macedo nutria por Estácio uma admiração profunda, pois era este o seu autor predileto.¹⁷² Traduzindo-o, estaria, pois, José Agostinho fazendo com que os leitores de língua portuguesa travassem conhecimento com um grande nome da Latinidade clássica.¹⁷³

Idêntico teria sido o móvel responsável pela tradução do Elogio funebre de Pio 7º. José Agostinho via essa obra com admiração: enviando-a ao Arcebispo Vigário Geral, D. António José Ferreira de Sousa, diz - "Offereço a V. Exª esse exemplar do Elogio funebre de Pio 7º, que eu fiz apenas comecei a ler o original italiano, que me mandou o Nuncio(...); eu não vi, não li, nem conheço coisa mais admiravel "(Cart., p. 155). Daí ter sucumbido à tentação de traduzi-la. Por mais uma vez manifesta-se, pois,

172. Cf. Ant. doc., p. 46-7

173. Da tradução das Obras completas de Horácio, só restou o volume de Odes e epodos. Isso porque o volume que continha as Epístolas, as Sátiras e a Arte poética desapareceu. Quanto a A Tebaida só há notícia do manuscrito do segundo volume de setenta e nove versos do livro I (Cf. Innocencio Francisco da Silva, Memorias para a vida intima de José Agostinho de Macedo, p. 263). É com pesar que fala José Agostinho do destino dessas obras - "Das obras de Horacio fuge-me hum capucho com o segundo volume, resta o primeiro impresso; das obras do maior poeta latino, Stacio, tambem traduzido, perde-me uma creada o primeiro volume, seis livros, e resta o segundo, que sao outros seis livros, na mão de Lopes: que hei de fazer? O primeiro de hum, ou o segundo do outro? Farei o segundo do outro, que é mais conhecido do Horacio, e mais estimado do mundo todo, porque o mundo todo se engana no juizo dos poetas, e de versos; imprimir-se-ha tudo com uniformidade, e em papel grande, e bons caracteres " (Cart., p. 66). Plano esse que não chegou a ser realizado.

em Macedo, o ideal de divulgação - o ideal de fazer conhecido aquilo que julgava belo.

Com tais A tradução deve ser literal considerações, fica estabelecido, ainda que implicitamente, o princípio primeiro do pensamento macediano referente à tradução - ela deve ser literal. Expliquemos: José Agostinho traduzia tão-somente o que julgava belo ou útil, não com o fim de recriar, mas com o objetivo de divulgar a beleza da obra original. Assim sendo, a tradução deveria ser literal: era nesse sentido que se dirigiam os seus esforços no ato de traduzir.¹⁷⁴ Logo o conceito de literalidade de uma tradução representa um conceito nodal no pensamento macediano. Daí a necessidade de esclarecê-lo: afinal, o que vem a ser uma tradução literal para José Agostinho de Macedo?

Sem preâmbulos, podemos dizer A tradução, para ser literal, deverá transmitir a substância da obra focalizada que a tradução literal para Macedo é aquela que transmite a substância da obra focalizada.¹⁷⁵ Portanto José Agostinho não busca reproduzir em suas traduções as peculiaridades situadas ao nível do significante. Estas seriam consideradas aspectos secundários da obra e, como tal, poderiam ser desprezadas. Interessa-lhe apenas transmitir por não importa que significante o significado da obra traduzida.

174. Cf. Ant. doc., p. 47.

175. Cf. Ant. doc., p. 47.

A tradução não representa óbice
para a avaliação de uma obra

Apesar de
esse postulado ser pro-
clamado com convicção
nas páginas de abertu-

ra de sua tradução da obra de Horácio, reconhecia José Agostinho de Macedo a distância que separa a obra original da obra traduzida. Na familiaridade de uma carta dirigida ao amigo Doutor Frei Domingos de Carvalho escreve - "eu traduzi todos os doze livros da Thebaida em optimos versos, que por bons que fossem nunca poderiam corresponder ao impeto e ao fogo do original." (Cart., p. 166). Não obstante, se com referência à sua tradução de A Tebaida deixa escapar esse pensamento - impossibilidade de uma obra traduzida retratar em toda a sua dimensão a obra original -, ao falar da tradução de A Ilíada e da de Os Lusíadas, manifesta, por mais uma vez, uma concepção bipartida da obra literária. Por ela a substância representa o único valor de peso de uma obra.

José Agostinho não tem acesso à língua grega - "Eu não entendo Grego, nem huma palavra só desta lingua me he conhecida, entendo pessimamente Francez, me diocrementemente Italiano, e perfeitissimamente Latim. O Doutor Clarke(...) deo-se a traduzir Homero em prosa Latina, que he oiro, e fio o = fidus interpres do apregoado Horacio; por esta traducção me tenho governado." (Par. que deo o P.J. A. de M. sobre o mer. de Hom., p. 5). Mas, segundo Macedo, tal fato não constituía desvantagem: para Macedo um homem que como ele não entende Grego "vê e observa o espirito deste poeta nú e crú, e como escutador ou espreitador neutro, e não preocupado examina o corpo de seus pensamentos." (Mot.

lit., v. 1, p. 52). Logo não há necessidade de conhecer-se a obra no original, para poder-se vir a falar dela.¹⁷⁶

Com referência às traduções de Os Lusíadas, toma Macedo idêntico ponto de vista. Os autores portugueses defendiam o poema épico camoniano das investidas críticas feitas por alguns estrangeiros com o argumento da tradução - o poema camoniano fora criticado, porque fora lido em tradução e não no original. Contra tal argumento, retruca Macedo sem qualquer complacência.¹⁷⁷

Logo, segundo esses juízos proferidos a propósito da tradução, para José Agostinho de Macedo somente os valores cognitivos da mensagem tinham importância na consideração da obra literária. Não lhe interessava, pois, a intelecção do poema, enquanto artesanato, enquanto dicção.

Em suma, a concepção bipartida da obra literária - conteúdo, de um lado, e forma, de outro - revela-se também nitidamente no pensamento de José Agostinho de Macedo, quando este fala da tradução. É essa indubitavelmente a concepção dominante em seu pensamento.¹⁷⁸ Não obs-

176. Cf. Ant. doc., p. 47-8.

177. Cf. Ant. doc., p. 48-9.

178. Foi por acreditar na existência individualizada do conteúdo e da forma que Macedo elaborou uma classificação bastante curiosa dos poetas portugueses: "Nós os Portuguezes nos podemos dividir em tres classes de poetas: os primeiros tinham coisas, e não tinham versos: os segundos não tinham nem coisas, nem versos: e os terceiros tem versos, e não tem coisas. Eu não nomearei ninguém pelo seu nome; porém os primeiros são os quinhentistas, a quem sobrou espírito filosofico, e faltou ouvido harmonico. Os segundos são os seiscentistas, que viverão em ar tão crasso, que tudo lhes faltou. Os terceiros são quasi todos os existentes, ou ha pouco findos, grandes buscadores de palavras grandes, architectos de embrexados, mas vazios de substancia. Talvez me

tante, conforme vimos, podemos encontrar em Macedo passagens que expressam uma concepção monolítica do fenômeno literário, isto é, a concepção de que forma e conteúdo constituem um só bloco. Apesar de não ser essa a concepção dominante em seu pensamento, é essa a concepção que indica fermentarem em Portugal de José Agostinho de Macedo idéias acerca da obra literária que não se ajustavam inteiramente ao programa de há muito estabelecido pelos Clássicos.¹⁷⁹

devêra agora tapar a boca Antonio Diniz da Cruz: He verdade, tem coisas, e tem versos, foi o primeiro que sahio das sombras, e posso dizer delle o que o judicio so Quintiliano disse de Horacio, - he o unico dos nossos liricos, digno de ser lido." (Mot. lit., v. 1, p. 38-9).

179. Foi quiçá August Wilhelm Schlegel o primeiro autor a expressar as diferenças entre uma concepção clássica e uma concepção romântica da obra literária do ponto de vista da relação daqueles que são considerados os seus ingredientes constitutivos - conteúdo e forma. Para August Wilhelm o clássico teria uma concepção mecânica da forma - "A forma se diz mecânica, quando, por meio de influências exteriores, é conferida a uma matéria, simplesmente como acréscimo accidental, sem relação com sua natureza (como, por exemplo, quando damos uma forma arbitrária a uma massa maleável, de modo que ela a retenha depois de endurecer" (Conferências dramáticas, apud René Wellek, História da crítica moderna, v. 2, p. 44) - enquanto a idéia romântica da forma seria orgânica - "a forma orgânica é inata: desenvolve-se de dentro para fora e adquire a sua definibilidade simultaneamente com o desenvolvimento total do germe" (Id., ibid., v. 2, p. 44).

CAPÍTULO TERCEIRO:

A imitação dos antigos e a originalidade



Na passagem do século XVIII para o século XIX, o preceito da imitação dos antigos passa a ter uma significação diversa daquela que teve entre os árcades:

toda e qualquer coação?

Qual é a obra que apresenta maior valor? A que tem os antigos como modelos ou aquela que foi criada livre de

Eis uma das questões fulcrais colocadas pela estética literária de Setecentos. E é, na passagem do século XVIII para o século XIX, que tal questão se configura nas letras portuguesas. É esse o momento que em Portugal o preceito da imitação dos antigos entra em acentuada crise. Pelo menos, é isso o que patenteia o pensamento estético-literário de José Agostinho de Macedo.

Durante os anos dominados pelo Arcadismo, tornara-se o preceito da imitação dos antigos em apoio imprescindível de toda e qualquer criação literária. De fato, em tal conjuntura, não poderia ser de outra forma: aos excessos verbalísticos dos seiscentistas só se lhes poderia opor como dique a imitação daqueles autores que se celebrizaram pela simplicidade de expressão, ou seja, os antigos e os quinhentistas. São esses, como se sabe, os paradigmas cultivados pelos árcades.

Apesar de ocupar esse preceito um lugar de honra dentro do código estético-literário do Neoclassicismo, é preciso convir que ele não deve ser compreendido em sua significação linear. Com isso queremos dizer que, se era postulada a imitação dos antigos, não era postulada, como então se dizia, uma simples tradução ou uma imi-

tação servil. É contra esse perigo, cujo resultado seria a asfixia das faculdades criadoras do poeta, que se levanta Correia Garção, quando afirma em sua "Dissertação terceira": "hoje todos desejam imitar os Antigos, todos estudam pelos Gregos, pelos Latinos e pelos nossos bons autores: mas, fingido de Cila, quantos varam em Caríbdis?"¹⁸⁰ Com isso, o árcade queria dizer que certos poetas, ao abandonarem determinados processos seiscentistas de composição, não faziam mais do que copiar os antigos. E tal procedimento era condenado com veemência.

Logo, mesmo no âmbito da estética neoclássica, a imitação dos antigos é entendida em termos - imite-se, mas não se copiem os antigos. É o que Correia Garção nos diz mais explicitamente na seguinte passagem dessa mesma Dissertação - "Devemos imitar e seguir os Antigos: assim no-lo ensina Horácio, no-lo dita a razão, e o confessa todo o mundo literário. Mas esta doutrina, este bom conselho, devem abraçá-lo e segui-lo de modo que mais pareça que o rejeitamos, isto é, imitando e não traduzindo."¹⁸¹ Portanto o preceito da imitação dos antigos defendido pelos árcades constituía mais uma norma disciplinadora do que uma norma que impedisse a manifestação do gênio criador. Essa é, em linhas gerais, a significação da imitação dos antigos entre os árcades.

No final

a. Imitar os antigos = roubar

do século XVIII e pri-

180. Correia Garção, "Dissertação terceira", em suas Obras completas, v. 2, p. 133.

181. Id., ibid., v. 2, p. 134-5.

mórdios do século XIX, o quadro apresenta-se diferenciado. A esse respeito, o pensamento de José Agostinho de Macedo é bastante eloquente: defendia-se a originalidade, e a imitação dos antigos, em qualquer grau em que fosse praticada, era qualificada de latrocínio ou furto. De qualquer forma, a ação de imitar os antigos estava inscrita entre as ações menos dignas do credo literário de então.

Hoje nos parece um tanto exagerado o empenho com que José Agostinho de Macedo se defende da pecha de ladrão que lhe foi imputada por António Maria do Couto, a propósito de um dos seus sermões. Irritara-se profundamente o autor de O Oriente com a acusação de ter-se apropriado de passagens assinadas por António Vieira.¹⁸² Na verdade, somente a compreensão do aparecimento de uma nova estética, estética essa que valorizava a originalidade, é que nos poderá fazer entender todo o rancor do Padre Macedo.

Não é, porém, somente em defesa de sua obra que se observa ser a imitação dos autores compreendida em seu momento como um crime. Em suas páginas de teor crítico, a mesma idéia apresenta-se. Tal fato talvez explique as suas exigências em frente de Os Lusíadas. Assim, em determinado momento de sua crítica, depois de colocar em relevo diversos passos do poema épico camoniano que vê como cópias de poetas latinos ou italianos, afirma categoricamente não serem Os Lusíadas um poema original.¹⁸³ José Agostinho de Macedo não podia compreender ter sido visto sob uma outra perspectiva o preceito da imitação dos autores em Qui

182. Cf. Ant. doc., p. 51.

183. Cf. Ant. doc., p. 51-2.

nhentos. De fato, conforme os ensinamentos de Segismundo Spina, nesse período, "a imitação dos modelos chegou a ser formulada como um dos princípios essenciais da arte."¹⁸⁴

Esse é o critério que guia Manuel de Faria e Sousa nos alentados comentários que tece em sua edição de Os Lusíadas.¹⁸⁵ Como se sabe, Manuel de Faria e Sousa ocupa-se nessa obra em apontar as fontes do máximo poema épico da língua portuguesa. Mas o faz com espírito totalmente oposto daquele que orientou José Agostinho na elaboração de sua Censura das Lusiadas. Naquele, há o gosto em descobrir em seu querido poema esta ou aquela passagem encontrada nos autores clássicos; neste, a ânsia pelo que constituía a sua verdade. Essa ânsia foi manifestada com tanta força que chegou, inclusive, a sobrepor-se a um justo zelo de cunho patriótico acalentado pela opinião pública. Afinal, naquele momento de crise histórica da nação portuguesa, alçara-se Camões, conforme já o dissemos, em uma de suas glórias mais veneradas - "Vejo e conheço que isto he ir em frente combater a opinião publica; mas tambem sei, que não sou temerario, quando me lembro que escrevo para aquelles que amão mais a verdade que a prevenção, e que sabem que não vai a gloria da Patria em não haver originalidade em hum Poeta " (O Or., Disc. prel., p. 53).

A consideração da imitação dos antigos como um crime é um dos aspectos pelos quais podemos perscrutar a mudança estético-literária que se começava a

184. Introdução à poética clássica, p. 91.

185. Luis de Camoens, Lusiadas comentadas por Manuel de Faria e Sousa.

operar no início do século XIX em Portugal. Mas não representa ela o único aspecto dessa mudança.

De fato,

b. O preceito da imitação dos antigos deixa de ser levado em conta na avaliação de uma obra literária: busca-se criar uma obra original

nesse período, a originalidade passa a representar um índice de valor da criação literária. Uma obra,

para ter merecimento, precisava ser original. Daí José Agostinho falar na "Prefação" de A Natureza ou na "Preparação" do Motim literario sobre a originalidade dessas suas obras.¹⁸⁶ Para Macedo torna-se, pois, a originalidade um dado estético de valor positivo: dizer ser certa obra original, já era dizer algo a favor da mesma. Esse pensamento de José Agostinho é bem característico do clima cultural em que o poeta viveu. Ele expressa o orgulho de teor iluminístico com que se proclama o ser o primeiro a dar ao país determinado tipo de produção.¹⁸⁷

São muitas as passagens de sua vasta produção literária em que José Agostinho de Macedo considera com impaciência a infinidade de obras que outra característica não apresentam do que a de repetirem-se umas às outras. E entre essas, não nos deixa de provocar riso aquela em que nos retrata qual seria a situação das letras no século XX - "Quando considero a multidão intolerável, e perniciosa dos livros que ha, tem havido, e vai havendo, digo:

186. Cf. Ant. doc., p. 52.

187. Cf. António Coimbra Martins, "Luzes", In: Joel Serrão (Dir.), Dicionário de História de Portugal, v. 2, p. 837 a.

Não cessarão por huma vez os homens de repizar, e imprimir o que já está repizado, e impresso tantas vezes?(...) Que será dos homens do vīgessimo século, quando todos os Professores que estão ainda por vir até lá, tiverem feito imprimir suas locubrações, todos os Academicos as suas Memorias, todos os Economistas os seus alvitres, todos os Politicos as suas regenerações?" (O Esp. Port., 1º sem., p. 195-8). São palavras sinceras, plenas de um justo temor, de quem ansiando pelo novo, não vê senão a repetição interminável de obras vazadas no mesmo molde.

Assim sendo, o gesto ideal entrevisto por Macedo no ato da criação literária seria o de fechar todos os livros - "Quiz compor originalmente, e houve mister fechar todos os livros, e entregar-me á seria contemplação do objecto em si mesmo, e em todas as suas possiveis relações " (O Or., Disc. prel., p. 98). Gesto simbólico que pode ser quiçá interpretado como a afirmação de os antigos não serem mais necessários.

c. O conhecimento de diferentes obras passa a ser compreendido como um fator de natureza opressiva para a manifestação do gênio criador do poeta

Aliás, o estar só, isto é, o não ter exemplares em que se apoiar, transforma-se na condição ideal daquele que cria. É o

que José Agostinho proclama na "Dedicatória á Nação Portuguesa" - "Lembrei-me quando compuz que eu era só no Universo, e só quem se esquece de exemplares póde ser original " (O Or., p. 27) — e em carta dirigida ao amigo Padre Frei Joaquim da Cruz, que então exercia a função de Procurador-

Geral do Mosteiro de Alcobaça, confessa ser-lhe nociva a leitura, quando compõe.¹⁸⁸ Por outro lado, José Agostinho compreende as imitações de Camões como fruto da muita erudição do poeta.¹⁸⁹ Esse pensamento é como que uma justificativa conferida por Macedo àquilo que vê como o grande defeito de Os Lusíadas, ou seja, a sua falta de invenção. De fato, Macedo concebe como poeta, na acepção plena da palavra, tão-somente aquele que inventa - "O que nelles /=nos poetas/ he indispensavel, e sem o qual não são Poetas, he a originalidade na invenção; eis-aqui o que se não encontra em Camões" (O Or., Disc. prel., p. 56-7).

Portanto

d. O novo deve ser defendido, a fim de que as letras não percam a sua razão de existir

poder-se-á inquirir
por essa altura: nega
José Agostinho de Macedo

do "in totum" a imitação dos antigos?

Sim. Na verdade, José Agostinho de Macedo nega o preceito da imitação dos antigos e vê o seu tempo como o momento em que o novo deve ser estimulado. Daí, chamar de sublimes aos críticos que aceitam as livres expansões do gênio e de pigmeos àqueles que nada conseguem ver, além do que fora de antemão estabelecido por outros autores;¹⁹⁰ daí, ponderar que as livrarias não cresceriam tanto com obras verdadeiramente desnecessárias, por dizerem o já dito, se se procurasse compor originalmente.¹⁹¹ Logo é para o novo que se volta José Agostinho. Tal fato talvez expli-

188. Cf. Ant. doc., p. 52-3.

189. Cf. Ant. doc., p. 53.

190. Cf. Ant. doc., p. 53.

191. Cf. Ant. doc., p. 53-4.

que o entusiasmo com que Macedo recebeu o poema de Castilho - Cartas de Eco e Narciso. A respeito das composições contidas nessa obra, escreve Macedo - "Com suas poesias vejo que não pode marcar limites a perfectibilidade do sêr humano." (Cart., p. 195) - numa clara alusão ao que de novo apresentava o dito livro.¹⁹²

Por José

e. Os autores clássicos devem ser examinados à luz da razão e não impostos com a alegação de seu duradouro prestígio

Agostinho de Macedo
fazer sua profissão
de fé em favor da originalidade, não se

julgue, contudo, que ele sempre se tenha voltado com desprezo para o mundo clássico. Se assinalássemos apenas esse aspecto de seu pensamento, não estaríamos examinando-o em toda a sua dimensão. Afinal, o culto pelos antigos tivera bastante força, para que fosse radicalmente extinto de uma hora para outra.

Na verdade, José Agostinho não lança propriamente ao fogo os autores clássicos do passado, pois vê neles alguma serventia - "Se estudar a poesia, e a eloquência pelo único, e grande livro da natureza, he hum

192. Teófilo Braga interpreta os elogios dispensados por Macedo a Castilho como uma flagrante hostilidade do Padre endereçada a Almeida Garret - "Os elogios de José Agostinho de Macedo, na censura das Cartas de Eco e Narciso, chamando a Castilho um prodígio, visavam a amesquinhar Garret, que a este tempo já tinha publicado os bellos poemas Camões e D. Branca" (Theophilo Braga, "Breve estudo sobre a História da Censura Literária em Portugal", In: José Agostinho de Macedo, Obras inéditas. Censuras a diversas obras. Composições lyricas, didacticas e dramaticas, p. XXIII). À luz, porém, das idéias estético-literárias defendidas por Macedo, acreditamos precisar esse juízo ser revisto.

negocio de costa acima, como alguns indiscretamente cuidão, estude-se menos esta natureza, tomando na mão huma lanterna, ou huma bugia, que he a observação exacta dos bons exemplares, e quando se embicar n'alguna passagem, que arrebate, e prenda nosso espirito, vejamos então attentamente como aquelle author a pilhou no seio da natureza "(Mot. lit., v. 2, p. 271-2). Contudo Macedo não lhes confere uma admiração cega. Assim, Homero deve ser julgado, segundo a razão e não segundo a opinião que os séculos têm formado sobre ele.¹⁹³

Manifesta-se de modo evidente nesse raciocínio de Macedo o influxo de uma lei de cunho científico - a lei do livre-exame - aplicada às questões literárias. A esse intento, talvez valha a pena transcrever um passo do Parecer que deo o Padre José Agostinho de Macedo sobre o merecimento de Homero. Aí vemos em toda a sua extensão o descaso com que José Agostinho se coloca diante das autoridades. Vejamo-lo: "Mas eu prescindindo destas decisões o nome de Cicero, e de Tasso, fazem a mesma sensação em meus nervos acusticos, que fazem os nomes Braz, André, Valerio, etc." (p.6). Quanto aos gregos, Macedo reconhece com respeito, é verdade, que "foram os primeiros, que nos encaminharão pela estrada Coimbrãa direita e boa" (Mot. lit., v. 1, p. 44); mas também reconhece que "vierão novos talentos, que ensinando-nos tambem a imitar a natureza, se tornarão por isso mesmo originaes. Seguirão estes as veredas dos primeiros, colhendo de caminho aquelas flores, que os antigos não tinham achado, e observado" (Mot. lit., v. 3, p. 12).

193. Cf. Ant. doc., p. 54.

No exame, pois, do modo como José Agostinho de Macedo viu os antigos, é interessante observar-se que ele os considera sob aspectos que não foram salientados pelos árcades. Um deles foi o que acabamos de nos referir - nem tudo fora dito pelos mestres da Antiguidade. Do ponto de vista histórico, compreende-se perfeitamente essa concepção de Macedo. O mundo de então já conhecera Milton e Thomson. Daí José Agostinho afirmar com orgulho - "A Iliada, a Eneida, a Jerusalem, quasi são hum mesmo Corpo, mas com diversas attitudēs. Sahio d'este circulo o Genio Inglez, e Milton deu hum Poema, que não tem similhante, nem teve modelo. Com elle vimos que os limites da Poesia erão muito mais dilatados do que se imaginava. Não ficarão aqui os Inglezes. Thompson appareceo com o Poema das Estações, e eis-aqui huma revolução no Imperio da Poesia, como as descobertas de Galiléo, e Newton a havião feito nos dominios da Filosofia. Conheceo-se a Poesia Descriptiva, e Thompson foi imitado pelos maiores Poetas da Europa. O bom, e o verdadeiro, de todos se faz sentir, e amar." (A Nat., Ant., p. 6-7). Outro aspecto diz respeito a reinterpretação sofrida pelo conhecido preceito horaciano - "Vos exemplaria Graeca / nocturna versate manu, versate diurna."¹⁹⁴ Para ele, Horácio, ao aconselhar o manuseio contínuo dos gregos, não quis referir-se senão ao aprendizado da maneira como esses autores imitaram a Natureza - "Mas com isto, eu não pertendo excluir a observação, o estudo, e a imitação sobre os antigos modélos, mas só para ver como elles seguirão a natureza, es

194. Horace, "Art poétique", em suas Oeuvres complètes, t. 2, vv. 268-9.

te o espirito, a intenção de Horacio, quando mandou folhear noute, e dia os cartapacios Gregos, mas tambem digo com o mesmo Horacio 'oh rebanho servil de imitadores' "(Mot. lit., v. 2, p. 270-1).

Por essas

f.A Natureza torna-se o padrão afe-
ridor do Belo literário. em subs-
tituição ao padrão formado pelas
leis ditadas pela Antiguidade
Clássica

palavras de Macedo,
vê-se que, mesmo quan-
do se refere aos anti-
gos, não os apresenta
sob aquela autoridade

de que gozaram quer entre os árcades, quer entre os quinhentistas. Na verdade, no pensamento estético-literário de José Agostinho, os autores clássicos deixam de ocupar a função de guias todo-poderosos das letras. Tal papel passa então a ser desempenhado pela Natureza.¹⁹⁵

Até aqui, procuramos mostrar pelo testemunho do pensamento de José Agostinho de Macedo toda a extensão com que o ideal da originalidade se impôs na estética literária portuguesa que antecedeu imediatamente à eclosão do Romantismo. A esse respeito, conforme vimos, as idéias de Macedo são bastante precisas.

Além de to

No trânsito do século XVIII para
o século XIX, reflete-se sobre
os meios adequados para a reali-
zação de uma obra original:

da essa pregação teó-
rica em prol da origi-
nalidade, há outro as-
pecto atinente a essa

problemática em que José Agostinho também se inscreve entre aqueles espíritos que se esforçam em levantar algo de novo

195. Cf. Ant. doc., p. 54-5.

na esfera literária. Referimo-nos ao seu pensamento, quanto aos meios pelos quais a originalidade poderia ser efetivada.

Assim, a

a. A matéria conhecida, ao ser submetida a novo tratamento, torna-se original

leitura de sua obra, que reflete sobre o fenômeno literário permite-

nos afiançar ver Macedo duas vias para a consecução da originalidade. Uma que se concretizaria pela forma nova a ser dada a matérias velhas.¹⁹⁶ Aliás, é sob essa perspectiva que Macedo assinala a originalidade de Voltaire - "hum ladrão eminentíssimo, e tão destro, que sendo o corpo alheio, o vestido com que o enrôpa he sempre proprio, e sempre seu." (Mot. lit., v. 1, p. 108). Note-se que esse pensamento, quanto à sua essência, afasta-se um tanto daquele que lhe é afim pregado por Correia Garção na "Dissertação terceira", na medida em que José Agostinho coloca em relevo a originalidade. Diz o árcade Córion Erimanteu - "Os poetas devem ser imitados nas fábulas, nas imagens, nos pensamentos, no estilo; mas quem imita deve fazer seu o que imita. Se imito a fábula, devo conservar a acção, ou alma da fábula; mas devo variar de forma os episódios que pareça outra nova e minha. Se imito as pinturas, não devo no meu poema introduzir um Polifemo, mas do painel deste gigante posso tirar as cores para um Adamastor. Se imito o estilo, não devo servir-me das palavras dos Antigos, mas achar na linguagem portuguesa termos equivalentes, enérgicos e majestosos, sem torcer as frases, nem adoptar barbarismos."¹⁹⁷

196. Cf. Ant. doc., p. 55.

197. Em suas Obras completas, v. 2, p. 135

Outra via

b. A transferência do que foi visto na realidade fenomenal para a arte tem como efeito a criação do novo. Logo é mais importante observar os homens do que ler livros

de acesso ao novo a que se refere Macedo diz respeito ao modo como a Natureza deve ser observada. Para

ele a Arte deverá ser povoada somente por seres existentes no mundo fenomenal.¹⁹⁸ Por outro lado, o pensamento estético-literário do Padre Francisco José Freire, quanto a esse tópico, afasta-se diametralmente dessa idéia.

Hernâni Cidade, em sua interpretação da concepção da poesia de Cândido Lusitano, põe em relevo o conceito que este árcade apresenta da imitação. Transcrevamos as palavras do autor de Lições de cultura e de literatura portuguesa, a fim de salientar a diferença entre uma concepção da imitação da Natureza expressa na primeira metade do século XVIII e outra, no dealbar do século XIX - "Em vez, porém, de concluir com Escalígero, que a esta forma de arte, como à história, basta que nos apresente da realidade imagem icástica e não fantástica, quer dizer realista, concreta, individual, e não esquematizada pela abstracção ou transfigurada pela fantasia, não se afasta muito de Platão, ao afirmar no Phedon que o poeta para ser tal é preciso que componha fábulas e não discursos, e é na criação das fábulas, ou seja, do que o sonho poético acrescenta ao mundo real, e não apenas na métrica da linguagem que lhe é própria, que essencialmente consiste a poesia, em cuja raiz

198. Cf. Ant. doc., p. 55.



se encontra o significado de criação."¹⁹⁹ Como se vê, esses pensamentos de José Agostinho de Macedo são indicativos de que alguma mudança literária se esboçava no cenário das letras portuguesas.

Onde, porém, o pensamento macediano parece afastar-se com maior decisão dos ensinamentos defendidos pela Arcádia é quando coloca acima dos livros a observação dos homens - "Menos volumes compõe agora a minha vasta biblioteca. Hum Juvenal, e Petrarca não he pequeno arojo. Não são pequenos livrinhos os homens, e elles bastão para quem se matriculou, e estuda na universidade do mundo "(Mot. lit., v. 1, p. 147). Ainda que esse pensamento seja um topo - "O livro da Natureza ou do mundo" - com suas raízes na latimidade medieval, conforme os ensinamentos de Ernst Curtius,²⁰⁰ é necessário convir que, no limiar de Oitocentos, ele é bastante significativo. Na verdade, aí ele faz eco a todas as manifestações da época que tendem a aproximar cada vez mais a literatura da realidade. Uma literatura assinalada por convenções seculares, tal qual a neoclássica começa a deixar de ter sua razão de existir.

Em face da questão relativa ao progresso das artes e das ciências, o pensamento de José Agostinho não se define de forma bem nítida: ora afirma a sua crença

Outro aspecto, cuja abordagem acreditamos ser imprescindível nas linhas deste capítulo,

199. Lições de cultura e de literatura portuguesa, v. 2, p. 167.

200. Cf. Literatura européia e Idade Média latina, p. 332 e segs.

no desenvolvimento progressivo dessas manifestações do espírito humano; ora faz restrições a esse mesmo desenvolvimento, no que concerne às ciências chamadas por ele de intelectuais e às artes de imitação

das Artes e das Ciências? Ou foi ele contrário a tal pensamento?

diz respeito à posição de Macedo em frente da questão do progresso nas Ciências e nas Artes. Acreditava José Agostinho no progresso

Foi essa, como se sabe, uma das questões candentes do século XVIII, cuja discussão prosseguiu com intensidade nos primórdios do século XIX. Em Oitocentos, o reacender da polêmica em torno dessa questão parece ser devido exclusivamente a Madame de Staël, que no seu livro - De la littérature - a aborda sob uma perspectiva "sui-generis" para o seu momento. Aí, como se sabe, Madame de Staël manifesta a sua crença no aperfeiçoamento progressivo das letras e da civilização. O próprio Macedo mostra não desconhecer essa obra da filha de Necker. Assim, no solilóquio LVII, depois de estabelecer que as ciências e artes "que para se aperfeiçoarem dependem só das faculdades intellectuais do homem(...) tem chegado ao gráo da possível perfectibilidade" (Mot. lit., v. 3, p. 201-2) conclui numa contestação direta ao pensamento de Madame de Staël: "Ora esta perfectibilidade he como hum effeito, ou hum indice de sua causa, e posso tambem dizer, que a perfectibilidade do individuo humano tocará o seu ponto extremo nesta parte, e que não ha por isto perfectibilidade progressiva, como querem alguns calculadores filosofos do seculo, e entre elles a habilidosa madama Staél em seu decantado livro, que se chama 'a li-

teratura considerada relativamente às instituições sociais." (Mot. lit., v. 3, p. 202).

Apesar da importância cultural de que se reveste essa questão, o pensamento de Macedo mostra-se perante ela um tanto ambíguo. Expliquemo-nos: José Agostinho, por vezes, perfila o pensamento daqueles que como a autora de De l'Allemagne foram os porta-vozes de uma nova ordem cultural, isto é, crê no progresso ilimitado das artes e das ciências.²⁰¹ Mesmo nos Discursos preliminares que abrem o Gama e O Oriente expressa a mesma idéia: em O Oriente afirma que no tempo de Camões "se não conhecia o grande principio de que o melhor sempre he possivel." (p. 57) e no Gama patenteia a possibilidade de o homem poder sempre ultrapassar o estágio atingido anteriormente - "Vivo em hum seculo, em que o Imperio da Razão tem dilatado quasi infinitamente seus limites. Na Filosofia, nas Sciencias exactas, no conhecimento da Natureza, temos progredido prodigiosamente. Spinosa, Newton, Buffon, La Place, Locke, dilatarão os confins do entendimento. E porque não ha de igualmente progredir o Imperio da Imaginação? Porque havemos de ficar sempre áquem dos que nos precederão nas obras de puro engenho? A servil imitação, e a estúpida admiração dos Antigos, nos encadeia desgraçadamente. Se eu não transgredir felizmente as vergonhosas ballizas, que a nossa indolencia tem plantado no campo immenso das boas Artes, com a minha mesma quêda realizarei a possibilidade que ha de as passarmos " (p. XIV-XV).²⁰²

201. Cf. Ant. doc., p. 56.

202. A propósito desse pensamento, gostaríamos de aqui salientar que nos parece ter sido uma convicção de cunho

Outras vezes, porém, o pensamento de José Agostinho manifesta-se de outra forma, isto é, mostra não crer no desenvolvimento indefinido das letras. No Motim literario, há um solilóquio - o solilóquio LVII, a que há pouco nos referimos - onde José Agostinho se dedica a elucidar "a questão da perfectibilidade do engenho, ou bestunto humano nas sciencias, e artes, ou de sólida utilidade, ou de mero desenfado, e honesto, e apuradissimo prazer "(v. 3, p. 199). Nesse solilóquio, Macedo faz um paralelo das ciências que chama de intelectuais - por dependerem exclusivamente do espírito humano - e das artes de imitação²⁰³ com as ciências e artes "que não só dependem do espírito humano, mas do tempo, dos acasos, e das circumsntancias"(Mot. lit., v. 3, p. 219),²⁰⁴ perscrutando o seu estado na Grécia e em Roma, a fim de ver se evoluirem.²⁰⁵ Depois de estudar sob essa perspectiva as ciências intelectuais, considera Macedo dogmaticamente não haver perfectibilidade progressiva, no que concerne às ciências ditas intelectuais e às ar

teórico e um destemor em face da autoridade que levaram Macedo a compor um poema com o mesmo assunto de Os Lusíadas. Constitui esse um problema que, nestas linhas, não nos cabe estudar. Não obstante sentimo-nos na obrigação de dizer que, entre outros aspectos da obra e mesmo do perfil psicológico de José Agostinho de Macedo, acreditamos precisar ser revisto o juízo que apresenta Macedo como inimigo de Camões.

203. As Ciências exatas, a Política, o Direito, a Ética, a Filosofia são algumas das ciências intelectuais desse grupo a que se reporta José Agostinho. Quanto às artes de imitação, refere-se à Poesia e à Eloquência.
204. Segundo José Agostinho, participam das ciências desse grupo a Astronomia e a Física.
205. Macedo justifica-se, por não estender esse paralelo a uma faixa de tempo e de espaço mais ampla - "Hum paralelo, ou assimilação de todos os seculos, e de todas as nações cultas me obrigaria a fallar eternamente comigo mesmo, e não ha forças humanas, que me obriguem por longo tempo a fixar-se sobre hum, e mesmo objeto; (...) Bastará pois deitar huma vista de olhos para os Gregos, e para os Romanos "(Mot. lit., v. 3, p. 203).

tes de imitação.²⁰⁶ Por outro lado, quanto àquelas ciências e artes que não só dependem do espírito humano crê poder "esperar-se alguma perfectibilidade progressiva " (Mot. lit., v. 3, p. 219-20).

Apesar de não acreditar no progresso indefinido das ciências e das artes dependentes apenas da força do engenho humano, José Agostinho crê estarem essas ciências e artes sujeitas a estágios ora mais ~~ora~~ menos avançados - "vejo, que a marcha do engenho he perfeitamente semelhante á do sol, (marcha apparente, porque na verdade elle sempre esteve, e continuará a estar repimpado no mesmo lugar) vai gradativamente até hum tropico, que he seu limite intransgredível, e em alli tocando torna para traz, atraza-se pouco a pouco, até chegar a tocar no outro, e de novo começa a progredir. Assim o engenho nas sciencias, que só d'elle dependem, vão andando até tocar no ponto da marcada perfeição, e volta " (Mot. lit., v. 3, p. 215). Daí acreditar terem sido quatro as épocas de desenvolvimento mais acentuado dessas ciências e artes - "Sem me appartar da verdade historica, eu conto quatro revoluções, ou periodos de apparição, e sumiço deste cometa. O seculo de Pericles, o de Augusto, o de Leão X^o, o de Luiz XIV^o." (Mot. lit., v. 3, p. 215). Afirmando, pois, a sua crença no progresso humano - quer numa escala indefinida, quer colocando limites a esse progresso - José Agostinho de Macedo está, na verdade, assinalando a sua crença na história: o ser humano é um ser suscetível de transformação através dos tempos. E não constitui esse pensamento uma idéia moderna para o seu momento?

206. Cf. Ant. doc., p. 56-7.



Sabemos que sim.

Até aqui, relativamente à problemática da originalidade, vimos José Agostinho de Macedo como um autor, cujo pensamento estético-literário se identifica, sob certos aspectos, com aquelas coordenadas que proporcionam o advento de um novo estado de coisas no mundo da literatura.

Para José Agostinho a idéia do Belo é invariável

Apesar de
essa diretriz recorrer-se em seu pensamento com bastante

nitidez, é preciso dizer que José Agostinho de Macedo não acredita poder a idéia do Belo variar no tempo, uma vez que os gregos, ao apossarem-se das grandes imagens existentes na Natureza, colocaram uma barreira a todo o progresso ulterior.²⁰⁷ Isso porque para Macedo "a idéa do bom, e do bello he invariavel "(A Nat., Ant., p. 4). Afirmação de idêntico teor faz José Agostinho, em páginas do Motim literario, sobre o teatro português de seu tempo - "Pois a triste Melpomene! Quam abatida, e vilipendiada se tem visto entre nós! Protestão respeita-la, e assim mesmo a tem transfigurado. Era huma grande matronaça no theatro Grego, Latino, e Francez, pois muito pouco se distingue já de huma prostituta. Forçarão-se os meios tragicos, e as grandes paixões, tambem forão rendidas por huma coisa, que se chama golpes de theatro, grandes, complicados, e enormes acontecimentos, e aventuras romanescas, e monstruosas. Despedirão-se de nossos theatros a simplicidade Grega, e a magestade dos primeiros

207. Cf. Ant. doc., p. 57.

exemplares Francezes. Em fim, ás maravilhas da arte thea-
tral succedêrão delirios de imaginação, e tem chegado a ex-
travagancia, a corrupção do gosto, e manía da novidade no
bom que he sempre invariavel, até a formar tragedias de as-
sumptos fantasticos, que se não encontram nem pelo Paiz da
fabula, nem nos vastos, e dilatados campos da historia "
(Mot. lit., v. 4, p. 109-10)²⁰⁸. Trata-se evidentemente da
posição um tanto contraditória de um homem que propugna pe-
lo novo, mas que o aceita apenas na medida em que esse novo
possa encaixar-se dentro da concepção do Belo estabelecida
pelos gregos. Portanto José Agostinho viu a necessidade de
instaurar o novo, mas não chegou a formular com nitidez uma
concepção que rompesse sob todos os aspectos com a doutrina
clássica.

208. O grifo é nosso.



O preceito da verossimilhança é interpretado como a regra-mestra da poética clássica, de acordo com a seguinte definição:

permeando a obra poética clássica, há a regra da verossimilhança em si

gar de especial destaque.

Segundo Bray, por exemplo, considera-se

“a regra essencial da nossa doutrina. Ditada por la raison, fundada na lei moral assignada à la poësie, elle contient l'interprétation véritable du naturalisme classique. C'est en son nom que se livrent toutes les batailles littéraires, elle est à la base de toutes les critiques.”

CAPÍTULO QUARTO:

A verossimilhança

e

a verdade

Segundo Bray, a verossimilhança, com as suas múltiplas implicações, representa o princípio que mais intimamente configura o classicismo.²⁰⁹ Para Segismundo Espino a verossimilhança é “a essência da arte da poesia” e “a doutrina que regula a arte da poesia”.²¹⁰ Ela é considerada a base da doutrina poética pelo Classicismo. É ela que nos fornece as regras da arte poética, a poética, e Aristóteles, ainda que não esteja claro (talvez porque a sua Poética nos chegou mutilada), parece haver alcançado, com este termo, o ponto mais alto da ciência literária, pois com ela nos dá por legado a mais perfeita

209. La formation de la doctrine classique en France, p. 192.

210. Para uma interpretação do Classicismo, p. 25.

O preceito da verossimilhança é interpretado como a viga-mestra do receituário poético do Classicismo

percucientes acerca da poética clássica conferem à regra da verossimilhança um lu

gar de especial destaque.

René Bray, por exemplo, considera-a - "la règle essentielle de notre doctrine. Dictée par la raison, fondée sur la fin morale assignée à la poésie, elle contient l'interprétation véritable du naturalisme classique. C'est en son nom que se livrent toutes les batailles littéraires, elle est à la base de toutes les critiques. C'est dire qu'elle touche à tous les problèmes essentiels de notre étude";²⁰⁹ Vítor Manuel Pires de Aguiar e Silva, por sua vez, afirma que "no sistema de valores da estética clássica, avulta como fundamental o conceito de verossimilhança. Creio que a verossimilhança, com as suas múltiplas consequências e implicações, representa o princípio que mais intimamente configura o classicismo";²¹⁰ e para Segismundo Spina a verossimilhança dá-lhe "a sensação de ser a pedra de toque de toda a doutrina criada pelo Classicismo. É ela um dos achados teóricos mais extraordinários da especulação poética, e Aristóteles, ainda que nem sempre claro (talvez porque a sua Poética nos chegasse mutilada), parece haver alcançado, com esta noção, o ponto mais alto da ciência literária, pois com ela acabou por legar-nos a mais perfeita

209. La formation de la doctrine classique en France, p. 192.

210. Para uma interpretação do Classicismo, p. 95.

definição do fenômeno literário."²¹¹

Neste capítulo, cabe-nos deslindar a significação dessa regra primordial do credo clássico no pensamento de José Agostinho de Macedo. Com essa pesquisa, acreditamos que nos seja possibilitado ver a sua configuração no momento imediatamente anterior ao Romantismo.

O preceito da verossimilhança não teve em Portugal as mesmas aceções nos diferentes momentos culturais do século XVIII:

pela regra da verossimilhança em autores portugueses de diferentes momentos culturais do século XVIII. Dessa forma, estaremos em condições - é o que pensamos - de compreender melhor a sua aceção no ideário estético-literário de José Agostinho de Macedo.

a. Para Verney somente a verdade é capaz de constituir o poético

portuguesas se achavam sob o influxo do Conceptismo e do Cultismo. Provavelmente, por ter formado o seu gosto literário alhures, Verney mostra na "Carta sétima" do seu Verdadeiro método de estudar - carta em que analisa mais de perto problemas relativos à arte poética - todo o seu desprezo por um tipo de poesia, cujo prazer estético se fundava exclusivamente em jogos de palavras.

Conhecendo-se esse aspecto caracte-

211. Introdução à poética clássica, p. 101.



rístico das letras portuguesas do tempo em que o Barbadinho escreve as suas idéias sobre a poesia, compreende-se não só a sua insistência em desacreditar tal literatura, mas também a natureza do sustentáculo teórico de seu pensamento acerca da essência do poético.

Para o autor do Verdadeiro método de estudar a poesia deve estar fundada na verdade. São, a nosso ver, sobretudo, as suas palavras voltadas para o esclarecimento da natureza das duas faculdades, conforme a sua perspectiva, responsáveis pela criação poética que nos permitem fazer tal afirmação.

Verney compreende a poesia como um produto do engenho e do juízo. Diz que cabe ao engenho a função de "saber inventar e unir ideias semelhantes e agradáveis"²¹² e ao juízo a de "as saber aplicar onde deve."²¹³ Do ponto de vista axiológico, é indubitavelmente ao juízo que confere Luís António Verney o papel decisivo no ato criador - "vemos frequentemente homens de imaginação fecunda e engenho vivo, sem um escrúpulo de juízo; antes comumente têm menos juízo os que têm mais engenho; motivo pelo qual produzem obras que merecem riso."²¹⁴ Isso porque "o juízo é aquela faculdade da alma que pesa exactamente todas as ideias, separa umas das outras, não se deixa enganar da semelhança, e atribui a cada uma o que é seu. Isto pede uma exacta meditação e prudência fundada."²¹⁵

212. Verdadeiro método de estudar, v. 2, p. 206-7.

213. Ibid., v. 2, p. 207.

214. Ibid., v. 2, p. 207.

215. Ibid., v. 2, p. 207.

Como se vê, a idéia da verdade em poesia não poderia estar configurada com maior clareza: tudo aquilo que fugisse à lógica, tudo aquilo que não correspondesse à essência das idéias em jogo deveria ser banido do domínio do poético. Esse seu pensamento sobre a natureza da poesia acha-se confirmado, quando ajuíza acerca do valor de um conceito - "Um conceito que não é justo, nem fundado sobre a natureza das coisas, não pode ser belo, porque o fundamento de todo o conceito engenhoso é a verdade; nem se deve estimar algum, quando não se reconheça nele vestígio de bom juízo"²¹⁶ - ou quando se põe a criticar. Tomem-se, como exemplo, as críticas feitas a dois conhecidos sonetos de Camões - "Sete anos de Pastor Jacob servia" e "Alma minha gentil que te partiste".

Quais são os erros apontados pelo crítico nesses sonetos?

No primeiro, considera como falta grave a expressão longo amor. Para ele tal expressão "é parvoíce, porque refere-se a tempo; e aqui deve-se referir a grandeza, e dizer amor grande".²¹⁷ Verifica-se aí, segundo o critério de Verney, - critério esse fundado numa rigorosa lógica - uma impropriedade, já que o atributo longo não convém à palavra amor. O Barbadinho não podia sentir, como tão bem no-lo diz Hernâni Cidade "a profundidade do significado da expressão longo amor, que não é amor apenas grande, mas amor duradouro, permanente, resistindo a todo o desgaste do tempo, transpondo os próprios limites da vida, senão na rea

216. Ibid., v. 2, p. 208.

217. Ibid., v. 2, p. 285.

lidade, ao menos no desejo."²¹⁸ No segundo soneto, a crítica de Verney recai especialmente sobre a palavra cedo - "A palavra cedo, no primeiro verso, refere-se a tempo, e quer dizer depressa e logo, sem reparar em idade ou coisa semelhante. O que posto, compara muito mal o Camões um cedo com outro cedo, sendo coisas diferentes; e vale o mesmo que dizer: Assim como tu partiste na flor da idade deste mundo, assim eu parta logo etc., a qual proposição manifestamente se vê ser uma parvoíce."²¹⁹ Mas, como elucida o autor das Lições de cultura e literatura portuguesas, "não haveria mal nenhum que o vocábulo oferecesse nas duas frases duas modalidades do seu sentido. Mas nem isso. Levou-a Deus cedo, quer dizer, prematuramente, quando mal lhe começara a florescer a graça juvenil; leve-o também a ele cedo, ou seja, prematuramente, no mais curto tempo possível depois de ela lhe ter sido arrebatada ou de ele formular a prece."²²⁰ Mais uma vez, pois, manifestam-se em Luís António Verney as exigências de um pensamento estritamente lógico na expressão do poético. Logo para o erudito, que se propõe a renovar o ensino em Portugal, a verdade é que deveria constituir o fundamento do poético e não o verossímil.

Por outro

b. Para Cândido Lusitano e para Cruz e Silva somente a verossimilhança é capaz de constituir o poético

lado, Francisco José Freire, autor de uma Arte poética, que leva

218. Lições de cultura e de literatura portuguesas, v. 2, p. 118.

219. Verdadeiro método de estudar, v. 2, p. 286-7.

220. Op. cit., v. 2, p. 119.

a data de 1748, e António Diniz da Cruz e Silva, autor da Dissertação sobre o estilo das éclogas, tomam diante da problemática da natureza do poético, uma posição diametralmente contrária àquela defendida por Verney. Para essas duas vozes representativas dos ideais arcádicos o poético estaria fundado na verossimilhança e não na verdade.

E o que entendiam esses estudiosos por verossimilhança? Entendiam-na como uma representação aprimorada da realidade.

Cândido Lusitano, em páginas de sua Arte poética, diz - "Para chegarmos pois com a materia a causar maravilha, e deleite, he preciso representar os objectos dos tres mundos, não como elles ordinariamente são, mas como verosimilmente pôdem, ou deveriam ser na sua completa fôrma."²²¹ - e António Diniz da Cruz e Silva exprime no superlativo absoluto os aspectos da realidade que a écloga deve retratar - "Huma Ecloga, senhores, he hum quadro, onde com as mais vivas cores de devem debuxar os longes da idade d'ouro, e as reliquias d'aquella antiga innocencia, que nas selvas, aonde teve a origem, ainda se conservão. Os campos quasi sempre hão de ser os mais ferteis, os ares os mais puros, os rios os mais serenos, as aves as mais armoniosas, e ainda os mesmos montes hão de brotar copiosas flores. O socego, a paz, a liberdade, a abundancia, os innocentes divertimentos, e huma suave brandura, que melhor se sabe sentir, do que explicar, finalmente tudo o que estiver respirando as felicidades d'aquelle desejado seculo, faz hum admiravel

221. Francisco Joseph Freire, Arte poetica ou régras da verdadeira poesia, Liv. 1, p. 54.

efeito n'hum Poema destes."²²² Portanto Francisco José Freire e Cruz e Silva consideram como matéria ideal do poético aquela marcada pelo verossímil.

Verney, Cândido Lusitano e Cruz e Silva conferem à razão o papel de regulador do estro poético. Esse é o traço comum de seu pensamento estético-literário voltado para a compreensão da verossimilhança

Apesar da concepção do poético de Verney diferir essencialmente daquela apresentada por Cândido Lusitano e por Cruz e Silva, tanto esta

como aquela apresentam um denominador comum - cabe à razão, enquanto faculdade criadora do abstrato, do lógico e do universal, a responsabilidade pela configuração do poético.

Em Verney, já vimos, a criação da poesia é inteiramente regulada pela razão. Até mesmo no capítulo concernente à imitação dos antigos, é a razão que, segundo o Barbadinho, indicará os autores a serem seguidos. Assim, falando de certos poetas, diz - "Nas obras dos Antigos não distinguem o bom, nem o mau: abraçam os mesmos erros, como se fossem maravilhas, sem advertirem que, ainda que fossem nossos mestres, não os devemos seguir com os olhos fechados, mas abraçar neles o que não repugna à boa razão."²²³

Do conceito da imitação da Natureza apresentado por Francisco José Freire depreende-se que esse teórico português não exclui do mundo da poesia o indivi

222. Antonio Diniz da Cruz e Silva, Poesias, t. 2, p. 10.

223. Verdadeiro método de estudar, v. 2, p. 209-10.

dual.²²⁴ Não obstante para ele este não deve ser captado em sua realidade imediata, mas transformado pela ação da razão naquilo que revela, enquanto essência. Logo, no pensamento estético-literário de Cândido Lusitano, representa também a razão a faculdade responsável pela criação do poético. Por sua vez, para António Diniz da Cruz e Silva o poeta deve "discorrer por todos os objectos que a Natureza lhe offerece naquella especie do que pretende debuxar, e de todos elles escolher o que lhe parecer mais digno; e unindo-o na fantasia, formar de todas estas idéas particulares huma idéa universal, a qual lhe sirva de modello na pintura. Nesta doutrina está o fundamento de Aristoteles affirmar na Poet., Cap. 9, que a Poesia he cousa melhor, e mais filosofica que a Historia, porque trata mais das cousas universais, e poder que a Natureza tem para as crear: o que não succede á Historia, que está obrigada a narrar as cousas como a Natureza as produziu, e accontecerão."²²⁵ Não caberá - perguntamos - à razão esse trabalho de seleção em busca do universal? Vemos claramente que sim.

Dessarte, ainda que, conforme já o dissemos, Verney veja o poético pelo prisma da verdade e Cândido Lusitano e António Diniz pelo prisma da verossimilhança, todos os três o colocam sob o domínio da razão. Tal

224. O conceito de imitação da natureza expresso por Cândido Lusitano é o seguinte: "(...) todas as cousas dos tres Mundos, Celeste, Material, e Humano pôdem ser objecto da Poesia. Pôdem-se estas considerar, ou como em si são, e em cada individuo, ou também como são naquelle idéa universal, que formamos das cousas; e esta vem a ser hum original de quem são copias os individuos, ou particulares" (Arte poetica ou régras da verdadeira poesia, liv. 1, p. 32).

225. Poesias, t. 2, p. 4-5.

fato atesta a adesão radical desses três espíritos aos ideais da doutrina clássica.

O mesmo

A idéia macediana da verossimilhança depreende-se de suas reflexões sobre a fábula e sobre as personagens da epopéia

não ocorre com José Agostinho de Macedo.

Vivendo num período caracterizado pela con-

fluência de correntes culturais de ~~ordem~~ diversa, é natural que a sua reflexão sobre essa problemática seja marcada por outros aspectos.

Vejamo-los, pois.

Podemos dizer que praticamente as idéias de José Agostinho de Macedo sobre a verossimilhança não aparecem senão a propósito da obra épica - principalmente da sua ou da de Camões. É acerca de Os Lusíadas ou nos momentos em que defende O Oriente das críticas de seus inimigos ou ainda quando, nos discursos preliminares, apresenta este poema ou o Gama, que José Agostinho reflete mais detidamente sobre a questão da verossimilhança. O mais que existe em suas palavras de cunho crítico ou teórico a respeito dessa tão importante regra do Classicismo é muito pouco. No entanto, por vezes, reportar-nos-emos a elas, a fim de que possamos apresentar da maneira mais exata possível a sua idéia da verossimilhança.

Em José Agostinho de Macedo, as palavras relativas à regra do verossímil surgem a respeito da fábula da obra literária ou senão a respeito das personagens que a habitam. Surpreendentemente, não lhe dá como fundamento uma razão de ordem pragmática.

Dissemos surpreendentemente, em primeiro lugar, porque a presença do pragmático constitui uma nota marcante em sua obra. Veremos esse aspecto de seu pensamento estético-literário, ao tratarmos sua posição em face da problemática da função da literatura. Além disso, havia o exemplo dos clássicos franceses. Ensina René Bray que esses autores alicerçaram a idéia da verossimilhança na função moralizadora da poesia - "Chez Aristote, la théorie de la vraisemblance se rattache à celle de l'imitation de la nature. Chez nos classiques, elle trouve son fondement dans la fonction moralisatrice de la poésie, nouveau témoignage des préoccupations utilitaires que marquent si profondément, nous l'avons vu, la poétique du XVII^e siècle."²²⁶ A idéia aristotélica da verossimilhança foi, pois, interpretada de outra forma pelo Classicismo francês. Nele a poesia deveria ser verossímil, a fim de que os leitores ou espectadores pudessem ser convenientemente doutrinados - "Quant à la raison qui fait que le vraisemblable plutôt que le vrai est assigné pour partage à la poésie épique ou dramatique, c'est que cet art ayant pour fin le plaisir utile, il y conduit bien plus facilement les hommes par le vraisemblable que ne trouve point de résistance en eux, que par le vrai qui pourrait être si étrange et si incroyable qu'ils refuseraient de s'en laisser persuader et de suivre leur guide sur sa seule foi."²²⁷ São palavras de Chapelain nos Sentiments sur le Cid.

226. La formation de la doctrine classique en France, p. 206.

227. Apud René Bray, La formation de la doctrine classique en France, p. 207.

Ora, José Agostinho não só conhecia, mas também admirava a literatura francesa do século XVII. É o que atesta, por exemplo, a seguinte passagem, neste trabalho já referida a outro intento, em que Macedo coloca o teatro clássico francês ao lado do teatro latino e do grego - "Pois a triste Melpomene! Quam abatida, e vilipendiada se tem visto entre nós! Protestão respeita-la, e assim mesmo a tem transfigurado. Era huma matronaça no theatro Grego, Latino, e Francez, pois muito pouco se distingue já de huma prostituta (...). Despedirão-se de nossos theatros a simplicidade Grega, e a magestade dos primeiros exemplares Francezes " (Mot. lit., v. 2, p. 109). E apesar de esse influxo das letras francesas terem perdurado - é o que nos parece - até o despontar do Romantismo, ainda que, como é natural, sem o seu antigo vigor, José Agostinho não a seguiu relativamente à ação moralizadora da verossimilhança.

Referindo-se a ela somente no que diz respeito à fábula ou às personagens, segundo dizíamos, confere-lhe um caracter eminentemente técnico.

Com efeito,

A apresentação dos fatos num poema épico não deve ater-se ao rigor histórico, mas à lei da verossimilhança

para José Agostinho a perícia de um autor manifestar-se-ia, na medida em que sou

besse recriar a realidade histórica, o que equivale a dizer, na medida em que soubesse passá-la para o verossímil poético. É o que diz no "Discurso preliminar" de O Oriente - "O primeiro dever de hum Poeta Épico he transportar o rigor do argumento historico para o estado do verossimil, que se cha-

ma a Fabula do Poema; a passagem da Historia para o fabuloso edificio da Poesia he a pedra de toque do genio inventor, e creador do Poeta."(p. 58). Daí condenar Os Lusíadas, enquanto poema, porque o vê como mero traslado da História do descobrimento das Índias, tal qual foi escrita por João de Barros.²²⁸ Esse juízo é proferido de novo por José Agostinho em páginas da Censura das Lusiadas - "Neste terceiro Canto começa o Principe dos Poetas a ser Historiador, começando, como mandão as regras da Historia, a fazer huma prévia descrição Geografica daquelles Paizes que são, ou forão o theatro daquelles acontecimentos, que vai a contar. Chamo Historiador ao Principe dos Poetas, porque se esquece aqui do seu mister, contando as coizas como realmente forão, e acontecêrão, sem transferir os factos Historicos para o verosimil Poetico; e se Quintiliano em attenção ao estylo levantado constitue a Lucano na classe dos Oradores, porque conta as guerras civís entre o sogro, e genro da mesma sorte que as contaria Tacito, se estas descrevesse, nós devemos classificar o Principe dos Poetas em o numero e cathegoria dos Historiadores, porque com a mais escrupolosa miudeza nos conta o succedido no Reino de Portugal " (v. 1, p. 134-5). Logo, segundo Macedo, Camões não teria conseguido dar à matéria-prima de sua obra épica uma dimensão verdadeiramente poética.

Por outro lado, José Agostinho de Macedo invoca a verossimilhança em defesa de certas passagens de O Oriente criticadas por Pato Moniz. Esse autor, em alguns momentos do Exame analytico e parallelo do Poema

228. Cf. Ant. doc., p. 59-60



Oriente do Rev. José Agostinho de Macedo com os Luziadas de Camões, acusara Macedo de fugir à verdade histórica. Efetivamente, José Agostinho não rechaça a acusação, mas defende-se mostrando não ter sido o seu objetivo, ao escrever O Oriente, a fidelidade histórica, mas a verossimilhança. Isso ocorre, por exemplo, quer relativamente ao episódio da escolha de Vasco da Gama para capitão da esquadra destinada a descobrir o caminho marítimo para às Índias,²²⁹ quer relativamente ao local, onde desembarcaram os portugueses na costa da África - "Sr. Pato, Patos, e Mathematicos, na Costa Occidental da Africa ha o paiz de Guiné, áquem da linha Equinocial, e outro chamado de Ogané, nome de seu Rei no tempo em que foi descoberto, e muito além da Enseada de Benguella; neste Reino de Ogané faço eu aportar os Navegantes, como Poeta, que lança mão do verosimil, e não do verdadeiro, porque não conto a historia do Descobrimento da India, componho a Fabula Poetica sobre o facto historico do Descobrimento da India." (O Esp. Port., 2º sem., p. 221).

Como se vê, para José Agostinho de Macedo a verossimilhança é uma regra concernente à invenção que constitui, como se sabe, uma das partes da criação poética, segundo a retórica vigente em seu tempo. É aliás isso mesmo o que se depreende de suas palavras expressas no "Discurso" do Gama - "A Poezia tem só tres funções; a primeira, inventar; a segunda, dispôr; a terceira, annunciar. Á invenção pertence a fabula, á disposição pertence a ordem symetrica, á annunciação pertence ao estilo. A fabula deve ser maravilhosa, e verosimil; a ordem deve ser regular, e natu-

229. Cf. Ant. doc., p. 60-1.

ral; o estilo deve ser sublime, e poetico " (p. VI-VII).

Acreditamos, todavia, que o ponto nodal da problemática da verossimilhança no pensamento de José Agostinho de Macedo não é esse. Importa-nos saber que a verossimilhança representa para ele uma regra voltada para o fazer poético, mas importa-nos muito mais - é o que pensamos - saber a significação que lhe deu o autor de A Meditação. Assim sendo, perguntamos: qual o sentido da verossimilhança no pensamento estético-literário de José Agostinho de Macedo?

Para José Agostinho é verossímil o que pode ocorrer no mundo fenomenal

Antes de mais nada, é preciso dizer que, em José Agostinho, o estatuto do

verossímil se identifica com o estatuto do possível, isto é, daquilo que pode ocorrer no mundo fenomenal. A esse intento, são eloquentes as palavras com que Macedo se defende das impugnações feitas a O Oriente.

Adversários de José Agostinho consideraram inverossímeis muitas passagens desse seu poema. Entre essas, situa-se aquela do suicídio de Inês da barra. Macedo defende-se mostrando ser tal episódio verossímil, na medida em que fatos como aquele ocorreram em Lisboa.²³⁰ O sonho do Samorim é outro episódio de O Oriente qualificado de inverossímil. José Agostinho retruca dizendo poder ocorrer com qualquer outra pessoa aquilo que ocorrera com o Samorim - "A conclusão do Canto 10 do O Oriente he a cousa mais digna, e magestosa de todo o Poema, a sua leitura abonará

230. Cf. Ant. doc., p. 61-2.

esta verdade. Acaba Vasco da Gama de expôr ao Çamorim a grandeza da Religião, pela grandeza de seus prodigios, que cousa mais natural, e verosimil, que recolhendo-se o Monarca a repousar, offerecer-se-lhe em sonhos, e por divina permissão, huma image sensivel da mesma Religião acompanhada de seus prodigios? Os nossos sonhos são quasi sempre repetições imaginarias do que se vio, e do que se ouviu." (O Esp. Port., 3º sem., p. 128).

Outras passagens da mesma natureza são encontradas em O Espectador Portuguez. Não obstante referir-nos-emos apenas a mais uma, pois acreditamos serem esses exemplos suficientes, para mostrarmos a significação da verossimilhança no pensamento estético-literário de José Agostinho de Macedo. Pato Moniz afirma com os olhos postos em O Oriente que ninguém pode correr tremendo. Eis como lhe responde José Agostinho - "Vem a justiça apanhar Pato, por exemplo, porque estava em hum joguinho de Banca na recatada Camara da popa de algum Botequim. Ao primeiro Fariseo que aponta, tremem todos os parceiros, (e o caso he para isso) e treme Pato, e o tremor descendo ás pernas, as faz bambolear, de sorte que se póde dizer que lhe tremem como varas verdes; ao segundo Fariseo, abre-se a portinhola falsa, que deita para alguma travessa escusa, o tremor ainda está nas pernas de Pato, e dos parceiros. Ah! pés para que te quero! Dizem elles. Batendo as pernas deo ao calcanhares, diz João Franco Barreto na traducção da Eneida, e então não vai Pato correndo, e tremendo? O medo que o faz tremer, he o que o faz correr, treme do Limoeiro, e corre, e foge das mãos dos Fariseos " (O Esp. Port., 4º sem., p. 128). É, pois, imagi-

nando uma situação real que José Agostinho demonstra a possibilidade de se correr tremendo.

Por outro lado, certas críticas feitas a Os Lusíadas têm por fundamento a mesma idéia da verossimilhança. Assim, por exemplo, José Agostinho considera inverossímil a circunstância de Vasco da Gama ter narrado toda a história de Portugal ao rei de Melinde num pequeno barco. Observa Macedo que Vasco da Gama aporta em Melinde, "senão para haver hum peloto prático, e apenas apanha o Rei, que veio de curiosidade vêr as Náos, lhe embute no mesmo batel em que vinha toda a historia de Portugal; o que excede os limites, primeiro da verossimilhança, e depois da paciência humana " (Cens. das Lus., v. 1, p. 143). Outro reparo da mesma natureza faz a determinado aspecto da prosopopéia do Gigante do Adamastor. Uma vez que Camões disse que o capitão da esquadra ultrapassara o cabo da Boa Esperança sob uma noite muito escura, era impossível que Vasco da Gama pudesse ter visto tão pormenorizadamente a figura do Gigante.²³¹ Mais críticas de idêntico teor encontram-se na Censura das Lusiadas, no entanto acreditamos serem suficientes a transcrição dessas passagens, a fim de mostrar que a idéia macediana do verossímil é a mesma, quando defende a sua obra ou quando exerce a crítica.

Não se julgue, porém, que essa atitude crítica seja tomada por José Agostinho de Macedo exclusivamente em face do poema épico camoniano. Sobre o escudo de Aquiles, por exemplo, emite o seguinte juízo - "Na maior parte destes quadros, que passam por tão sublimes, e em ge-

231. Cf. Ant. doc., p. 62.

ral, nas mais bellas invenções de Homero, a verossimilhança, ou a possibilidade física, ou moral, são violadas a cada instante. Leia-se, sem prevenção de traductor, a decantada descripção que ele faz no 18º livro da Illiada do escudo de Achilles, e veja-se, se he possivel, que todas as aventuras que elle relata, possam ser gravadas em hum escudo, ainda que se figure maior que o campo de S. Braz, em que os sebastianistas querem que ás mãos de hum defunto venha morrer o que tantos tem feito: e quando por artes de Vulcano a coisa tivesse sido possivel, hum semelhante escudo seria a coisa mais ridicula para ser vista de longe." (Mot. lit., v. 1, p. 69-70). E a razão de sua categórica repulsa à opera acha-se fundada na mesma idéia da verossimilhança - "Cantar sempre! Isto he coisa que possa sustentar hum quarto de hora o verossimil! Cantarem todos, e em todas as circumstancias! Isto nem se observa em huma casa de doidos, composta toda de musicos. Vê-se muitas vezes dar-se cantando huma sentença de morte, recebella cantando o réo, e executalla cantando o carrasco. Cantando se bebe hum cópo de veneno, como quem em boreca hum Carcavellos, ou Madeira; e o que mais desafia, e provóca a minha cólera, cantando se diz hum segredo ad ouvi do." (Mot. lit., v. 4, p. 107). Logo para José Agostinho de Macedo o que determinava a verossimilhança deste ou daquele episódio ou mesmo deste ou daquele tipo de criação artística é a identidade que eles mantivessem com a realidade do dia a dia, ou seja, com a realidade presente aos olhos de todos, com a realidade, em suma, conhecida pela experiência. Representam esses elementos dados aos quais não fizeram referência os teóricos clássicos. Assim sendo, eles indicam que,

no momento em que as letras transitavam do mundo clássico para o mundo romântico, o conceito da verossimilhança recebia novas cores. Cores que, no caso, indicavam estar o gosto artístico aproximando-se cada vez mais do real que pudes se ser percebido pelos sentidos.

Na caracterização de uma personagem, deve ser observada uma coerência entre a ficção e a realidade

A mesma
idéia de verossimilhança é a que norteia o seu pensamento acerca do caráter das

personagens.

Pato Moniz vê, entre outras coisas, nas palavras da jovem que se suicida na partida da esquadra do porto de Restelo, uma ode de Horácio. Provavelmente Pato Moniz se refere a essa circunstância, a fim de mostrar não ser próprio do caráter de uma mulher de Quinhentos saber latim. Pelo menos, dessa forma, interpretou José Agostinho de Macedo a crítica desse seu adversário. Como se defende o autor de O Oriente? Simplesmente citando o caso de D. Joana Vaz que ensinara latim à Infanta D. Maria, isto é, referindo-se a um fato real.²³² Este é apenas um dos exemplos existentes, entre muitos outros, que indicam ser o verossímil a lei que deverá reger o caráter das personagens.

Falamos de um passo de O Espectador Português, que é a obra, onde José Agostinho se defende das acusações de Pato Moniz. Todavia não é apenas quando se defende dos ataques de terceiros que José Agostinho apresenta essa atitude. Também quer nas obras dos outros a presença

232. Cf. Ant. doc., p. 62-3.

de caracteres verossímeis. Daí, por exemplo, criticar em Os Lusíadas o comportamento de Marte no concílio dos deuses: Macedo acha não ter tido Marte um modo de agir adequado ao lugar em que se encontrava. A razão desse parecer de Macedo está fundada no fato de, no mundo fenomenal, deverem os filhos respeitar os pais, e Marte não procedera dessa forma ~~em~~ relação a Júpiter.²³³

Logo também relativamente à caracterização das personagens,²³⁴ comprova-se que para José Agostinho de Macedo o verosímil é aquilo que pode ocorrer na vida real.

Essa idéia é tão forte no pensamento de Macedo que, apesar de apreciar Young, não tolera a sua tristeza, porque não a considera conseqüente com o seu modo de vida - "Ainda que o gravissimo moralista, e sublime poeta Young me arrebate com seus vôos (...), com tudo eu não gosto deste homem, cuja melancolia me parece muito affectada; (...) que razão tinha para se estirar ao pé de huma tumba, ou hum cipreste, vivendo de rico, e estimado como clerigo Inglez, com huma igreja pingue, huns passaes fartos, e hum pé de altar gordo, cazado com huma viuva moça e opulenta? E porque lhe morreo huma enteada, motivo de se embebedar mais nesse dia, pôz-se a gritar á lua - aqui d'el-Rei contra as desgraças do genero humano" (Mot. lit., v.1, p. 218-9).

As verdades de cunho histórico,
científico ou religioso devem
ser respeitadas

José Agostinho, contudo, não deixa de fazer as suas exigências em frente da

233. Cf. Ant. doc., p. 63.

verdade, ou seja, ao que é do ponto de vista histórico ou do ponto de vista da Ciência ou ainda do ponto de vista da Teologia, apesar de considerar o verossímil, conforme já o dissemos "a pedra de toque do genio inventor, e creador do Poeta " (O Or., Disc. prel., p. 58). De fato, surpreender-nos-íamos se tal não acontecesse, uma vez que José Agostinho viveu - não nos esqueçamos - num período que herdara dos séculos anteriores uma visão do mundo fundada em princípios de teor científico.

Em Os Lusíadas é com poderosas lentes de aumento que vai à cata do que interpreta como erros de Camões em frente da História de Portugal. Isso ocorre em muitas passagens de sua volumosa Censura das Lusíadas. Aqui basta referirmo-nos a algumas.

Na proposição do poema épico camoniano, por exemplo, assinala Macedo uma falta dessa natureza. Reportamo-nos ao verso "Por mares nunca dantes navegados". José Agostinho de Macedo indica ter feito Camões aí uma afirmação errônea, porque os conquistadores da Índia - é como entende os "Barões assinalados"²³⁴ - navegaram por mares já perfeitamente conhecidos.²³⁵

234. Diz Macedo acerca do primeiro verso do poema - "A regra da razão, que manda que a acção seja huma, também manda que o Heroe seja hum só; aqui temos muitos, pois se nos declara que são os Varões, e que estes conduzirão Armas ao Oriente; não foi por certo Vasco da Gama, nem foi Pedro Alvares Cabral; o primeiro que foi como Guerreiro, e Conquistador, foi D. Francisco de Almeida " (Cens. das Lus., v. 1, p. 16). E essa idéia conclui da seguinte forma - "Nem estes, nem o mesmo, Vasco da Gama forão

'Por mares nunca d'antes navegados" (Cens. das Lus., v. 1, p. 16).

235. Cf. Ant. doc., p. 63-4.

Da oitava 46 do canto terceiro de Os Lusíadas fala José Agostinho - "com erro notavel põe a acclamação de El Rei D. Affonso Henriques anterior á batalha, e á victoria do Campo de Ourique. Que cargo farião disto os da seita Camoniana a outro qualquer Poeta que agora apparecesse!" (v. 1, p. 161); a respeito da Oitava 60 do mesmo canto, considera que "não nos consta que em século algum os Povos da Scythia viessem directamente tomar, ou sitiá-lis Lisboa: mas aqui ha hum erro Historico, e não póde deixar de ser emendado o impeccavel Camões. Se pelos Povos Scythicos ousados entendamos os Godos, e os Vandalos, os Suevos, e os Alanos, estes forão senhores da Lusitana, e Lisboa passou do dominio dos Romanos ao dos Godos, do dominio dos Godos ao dos Sarracenos, o que se conhece pela Historia de sua antiguidade, pelos ~~monumentos~~ achados, e pelas medalhas conservadas" (v. 1, p. 169); e quanto à hipérbole com que Camões qualifica a Batalha do Salado - "Nunca no mundo vio tão grão victoria" - profere José Agostinho as seguintes palavras - "não nos deve cegar tanto o amor Nacional que faltemos á verdade, ou procuremos contradizer os testemunhos, e os factos da Historia" (v. 1, p. 193-4).

O Oriente, por sua vez, sofreu o mesmo processo de crítica. E José Agostinho esforça-se em provar que o erro não estava de seu lado, mas sim do lado do adversário. Daí, Macedo lançar aos seus críticos palavras que equivalem a verdadeiras reprimendas.

Pato Moniz viu em O Oriente diversos erros que não só contradiziam a verdade histórica, mas também a verdade científica e, inclusive, a verdade teológi-

ca. O autor do Exame analytico apoda de falsa a seguinte afirmação de José Agostinho de Macedo:

"A força de seu braço em vão resistem

Povos além dos quaes nenhuns existem" (O Or., III, 31), porque, diz ele em palavras transcritas pelo próprio José Agostinho em páginas de O Espectador Portuguez, "os Portuguezes não conquistarão os ultimos povos d'Asia, nem da Africa, e nem ainda agora estão domados os ultimos povos Americanos." (Apud O Esp. Port., 2º sem., p. 92). Defende-se José Agostinho dessa acusação, primeiramente, invocando a verdade da Escritura; depois, afirmando ter-se utilizado de uma hipérbole.²³⁶

Erros de cunho científico também são apontados por Pato Moniz. Faremos referência a dois deles.

Macedo é chamado de ignorante, por dizer que Alenquer pesava o sol - "Dizer que Alenquer (1º Piloto da Armada) pezava o Sol nas circunstancias em que o representa, he huma ignorancia (...). Newton pelas leis da gravitação ensinou o admiravel calculo do pezo dos corpos em qualquer do Globos, porém até Newton foi isto ignorado, não o sabia por tanto Pedro d'Alenquer, e ainda quando o soubesse alli o não praticaria, porque em tal caso para nada lhe servia, convindo-lhe sómente o medir a altura em que lhe ficava o Sol " (Apud O Esp. Port., 3º sem., p. 159). Mas isso constitui - é como responde José Agostinho a Pato Moniz - "frase usual dos nossos antigos Nauticos, e por ella exprimirão sempre, o medir a altura do Polo " (O Esp. Port.,

236. Cf. Ant. doc., p. 64.

3º sem., p. 159) Assim, ficava preservada a verdade de suas palavras.

Em outra passagem do Exame analytico, também José Agostinho é acusado de pecar contra a verdade da Ciência - "He hum abuso" - diz Pato Moniz - "e hum erro de terminologia o dizer dos Astros, e dos Soes: O Sol tambem he astro, pois chamamos ao Sol Astro do dia, a Lua Astro da noite, e hum Cometa Astro errante; e nós distinguimos os Astros por seus nomes proprios, nem se podem dizer Soes senão tomando-os collectivamente " (Apud O Esp. Port., 1º sem., p. 183). José Agostinho retruca-lhe chegando a demonstrar o fundamento científico de algo que supôs - "Como he licito em Poezia seguir e abraçar o verosimil, pois parece que o verosimil he o verdadeiro Imperio da Poezia, e lembrando-me das novas opiniões Astronomicas delicadamente seguidas por Fontenelle no Livro da Pluralidade dos Mundos, suppoz, e talvez sejam, as Estrellas fixas outros tantos Soes semelhantes ao nosso, e Soes, que não brilhem ociosos só para enfeitarem o Quadro da noite, mas que sejam centros de muitos Astros, que em torno delles gyrem, e que opacos, como são os que andão á roda do nosso Sol, recebem também dos seus respectivos Soes centraes as luzes que o nosso Planeta, ou Astro, que se chama Terra, recebe deste Sol que he o centro do nosso systema; eis-aqui porque juntei os dois termos sem erro, como aqui notou o seu accessor de terminologia de Soes, e Astros. Soes os centros, Astros os opacos a quem elles dão luzes " (O Esp. Port., 1º sem., p. 184).

Exige-se também a verdade no que diz respeito a expressões concernentes à Religião. Pato Mo-

niz nota, quanto à alegoria da Religião incrustada em O Oriente, que "o Supremo adorno de estrellas não pertence á Religião. De estrellas sómente se corôa Maria Santissima, esta Corôa he seu particular distinctivo. O Reverendo Épico altera, e parece que lhe são estranhos todos os assumptos de que trata " (Apud O Esp. Port., 3º sem., p. 112). Com citações e algum aparato de erudição, José Agostinho diz que no "Cap. 12 do Apocalipse de S. João v. I se manifesta a Religião com os seus attributos, que no rigoroso sentido litteral assim se dá a conhecer, e assim he reconhecida por todos os Interpretes - Mulier amicta sole, luna sub pedibus ejus corona stellarum duodecim; nestas doze estrellas se re conhecem os doze Apostolos, no Sol que a veste, a luz da Verdade que espalha, na Lua que piza os triunfos que alcança (como dizem os Interpretes) do Paganismo, e do Mahometismo. Esta he a figura da Religião no seu sentido obvio. Os misticos, no sentido mistico, tropologico, e anagogico, reconhecem nesta imagem natural, e litteral da Religião a Maria Santissima Nossa Senhora " (O Esp. Port., 3º sem., p. 112).

Tanto pelas críticas feitas por José Agostinho de Macedo a Os Lusíadas, quanto pelas palavras escritas em defesa de seu poema épico, verifica-se que a verdade constituía em seu tempo um critério de peso na aferição do valor de um poema. Logo seria julgado perfeito o poema que não transgredisse as leis da verdade.

Quando chegamos a esse ponto de nossas reflexões sobre as idéias de Macedo acerca da verossimilhança, poderá o leitor sentir-se confundido. Afinal - provavelmente perguntará - não considerou José Agostinho o ve-



rossímil o estado, por excelência, do poético? Assim sendo, como defende tão tenazmente a verdade?

De fato, se assim fosse, estaríamos em frente de uma incoerência. No entanto, se observarmos com atenção o seu pensamento, comprovaremos que, quando José Agostinho invoca a verdade, o faz em nome de certas afirmações proferidas pelo poeta ao longo do poema. Está nesse caso, por exemplo, o verso "Por mares nunca dantes navegados". Observe-se que por nenhuma vez José Agostinho recorre ao testemunho da verdade no que diz respeito à fábula do poema camoniano.

Assim sendo, no pensamento de José Agostinho de Macedo constitui o verossímil, segundo a aceção que lhe dá, o cerne do poético. Não obstante não deve o poeta, no desenrolar de seu poema, fazer afirmações que infrinjam a verdade estabelecida pela História, pela Ciência ou pela Religião. A nosso ver, são essas as idéias que constituem o pensamento de José Agostinho acerca da verossimilhança.

Vemos o maravilhoso como um preceito relacionado diretamente com o preceito da verossimilhança

O maravilhoso representa uma regra autônoma dentro da doutrina clássica.

Não obstante acha-se tão estreitamente vinculada à regra da verossimilhança, que, na verdade, pode ser considerada como um aspecto dela. Daí, termos deixado para este capítulo o estudo de sua configuração no pensamento de José Agostinho

de Macedo.

É o maravilhoso, compreendido como a intervenção de agentes sobrenaturais na fábula, ingrediente indispensável na construção da epopéia e da tragédia. Foi essa a lição ditada pelo velho Aristóteles. Seguiram-na tanto os autores clássicos da Antigüidade, quanto os autores clássicos modernos. Com efeito, atravessou os séculos clássicos praticamente incólume.

Quando Tas

Tasso é o autor responsável pela instauração do maravilhoso cristão no âmbito das letras. Desde esse momento, o maravilhoso pagão é posto em cheque

so, já famoso, enquanto autor da Jerusalém libertada (1578) publicou, porém, o seu Discurso sobre o poema he-

róico (1594), fez abalar, pela primeira vez, os alicerces sobre os quais se levantava a teoria do maravilhoso. É que para Tasso eram inverossímeis as obras que tratassem matérias relacionadas com o Paganismo.²³⁷ Na verdade, Tasso objetivava uma concordância da literatura com a Religião de seu tempo. Coloca, pois, Tasso uma questão até aquele momento inaudita. Talvez isso tivesse ocorrido, por serem consideradas composições irrepreensíveis as epopéias representativas do gênio da Antigüidade Clássica - A Ilíada, a Odisséia e A Eneida.

A voz de Tasso nasceu sozinha. Mas paulatinamente outras se lhe vão juntando. No século XVII, em pleno Classicismo francês, pois, chega a constituir um

237. Cf. René Bray, La formation de la doctrine classique en France, p. 294

partido. Todavia não é ainda o partido vitorioso - "La question de la poésie chrétienne, telle qu'elle s'est posée de 1635 à 1674 est donc bien le premier acte d'une lutte entre l'esprit moderne - ici l'âme chrétienne - et l'esprit ancien - ici la mythologie païenne. Sur ce terrain, disons-le tout de suite, les Modernes seront vaincus, jusqu'à ce que Chateaubriand, em 1802, remporte, avec son Génie du Christianisme, une éclatante victoire."²³⁸

No século XVIII, porém, é o maravilhoso cristão que é defendido pelos mais representativos teóricos da França, como se sabe, a fonte donde jorrava a cultura de então. Todavia o maravilhoso pagão ainda perdura. Os próprios ataques de que é alvo comprovam essa afirmação.²³⁹ No Portugal que antecedeu o Romantismo registra-se idêntica luta entre essas duas formas de maquinismo. A polémica travada entre José Agostinho de Macedo e seus numerosos adversários acerca de Os Lusíadas constitui documento flagrante desse fato.

A posição

A POSIÇÃO TEÓRICA de José Agostinho perante o maravilhoso:

a. O maravilhoso presente num poema deverá estar de acordo não só com a Religião do herói e do poeta, mas também com a dos leitores

de José Agostinho em frente da problemática da ação dos elementos sobrenaturais na fábula de um poema épico moderno define-se

se por sua integral adesão ao maravilhoso cristão, uma vez

238. Philippe Van Tieghem, Petite histoire des grandes doctrines littéraires en France, p. 71.

239. Cf. Id., ibid., p. 137-40.

que o poema deverá refletir na Religião seguida não só pelo herói e pelo poeta, mas também pelo leitor. Prega, pois, uma concordância entre a Religião e a literatura; no "Discurso" do Gama considera que as entidades sobrenaturais, entidades essas responsáveis pelo desenvolvimento mais rápido ou mais lento da ação do poema, devem provir da Religião em que o poeta e o herói crêem;²⁴⁰ por outro lado, dentro da mesma sequência de idéias, José Agostinho de Macedo mostra na Censura das Lusiadas que um poema, quanto ao seu maquinismo, não deve ser estranho à Religião do tempo para o qual foi escrito.²⁴¹

Portanto, a defesa do maquinismo cristão não é marcada no pensamento de José Agostinho de Macedo por um ideal de proselitismo como se poderia supor. Na verdade, defende-o simplesmente, porque as divindades do Paganismo nada mais poderiam dizer aos sentimentos de um cristão - "O mais simples vislumbre de siso commum nos ensina, e diz que quem falla deve ter huma idéa clara daquillo que quer dizer, e que se deve servir de termos, e expressões, que levem ao animo dos ouvintes huma distincta noticia de quanto elle revolve dentro de sua alma (...). Isto supposto, pergunto, quando hum Poeta invoca Saturno nos annos de hum Rei em hum dos moedores Elogios de Theatro, ou invoca Neptuno, e Eólo no meio de huma tempestade, que cousa julga elle que ha dentro da sua alma, quando pronuncia os nomes destas Divindades pagãs? Que pensa elle, ou que quer que pensem os outros? Qual he a significação propria annexa a estas pala-

240. Cf. Ant. doc., p. 65.

241. Cf. Ant. doc., p. 65-6.

vras? Exprime, ou crê exprimir alguma coisa real, e verdadeira com estes termos? Quando os Gentios se volvião a Neptuno, e Eólo em huma tempestade, entendião por estes nomes verdadeiros Entes dignos de adoração, e de estima, attentos aos brados dos infelizes, sensíveis ás suas afflições, não só ouvindo suas súplicas, e acceitando seus votos, mas exercitando huma competente authoridade sobre os Elementos, capaz de destruir a tempestade, e livra-los dos perigos. Mas hum Poeta Christão, e Christão velho de todos os quatro costados, como diz Manoel de Faria, que era Luiz de Camões, que introduz, Baccho, Venus, Thetis, Neptuno, Marte, Mercurio, e Doris, que promette huma noitada ao Gigante chorão, chamado Adamastor, póde crer acaso que está falando aos Portuguezes tão christãos velhos como elle? Espera por ventura não só ser acreditado, mas ser ouvido?" (O Esp. Port., 1º sem., p. 148). Dessarte, verifica-se por mais uma vez no pensamento de José Agostinho de Macedo o quanto para ele era necessário estar o poético de acordo com a realidade vivida pelo poeta, ou seja, com a realidade que lhe foi permitida conhecer através dos sentidos.

Apenas sob

b. As divindades do Paganismo são apenas aceitas, quando presentes no nível do discurso

uma perspectiva admite José Agostinho de Macedo a inclusão das

divindades pagãs num poema. Trata-se da perspectiva em que os deuses não representariam personagens, mas figurariam tão-somente como adornos de linguagem. Isso ocorre tanto em versos de seus poemas didáticos,²⁴² quanto em versos de seus

242. Cf. Ant. doc., p. 66.

poemas épicos.²⁴³ Essa idéia de Macedo acerca das divindades pagãs foi deduzida, pois, dos versos de seus poemas. Não a encontramos expressa em suas páginas teóricas ou críticas. Somente em O Exame examinado achamos uma passagem em que ela parece estar implícita. Transcrevamo-la - "Allegarem a authoridade de Boileau para a introdução das Divindades do Paganismo, e assoalharem-se por criticos, e não entenderem Boileau, que só quer a conservação dos nomes das Divindades Pagans para designarem cousas já conhecidas pela commum accepção, como v. g. Eolo o vento, Anfitrite, ou Neptuneo, o mar, Venus a belleza, e isto no abstrato e não para Agentes reaes do machinismo, ou maravilhoso do Poema, como v. g. Bacho empecendo a viagem dos Portuguezes, Thetis contando a vida de S. Thomé, e Thetis fallando em J.C., de que são também excluidas por Boileau." (p. 19-20).

Como se sa

A POSIÇÃO CRÍTICA de José Agostinho perante o maravilhoso deprende-se de suas censuras a Os Lusíadas:

be, incontestavelmente, os deuses do Paganismo presentes em Os Lusíadas contribuíram

para dar a essa epopéia a sua grandeza artística. Assim, porém, não julga José Agostinho. Temos, inclusive, a impressão de constituir o maravilhoso do poema épico camoniano a matéria favorita com que alimenta as suas críticas contra uma das obras-primas da literatura universal. Pudemos fazer tal afirmação em virtude de sua insistência em reportar-se ao maravilhoso toda a vez que quer intimidar o adversário.

243. Cf. Ant. doc., p. 66.

Além da Censura das Lusiadas e de O Espectador Portuguez, isso ocorre, por exemplo, no "Discurso" do Gama, em O Exame examinado, em O Desaprovador e na Resposta aos Dois do Investigador Portuguez em Londres.

Com efeito,

a. Em Os Lusíadas, os navegantes portugueses figuram ao lado de entidades do Paganismo

José Agostinho não pôde compreender a existência de heróis cristãos ao lado de entida

des pagãs. Na Censura das Lusiadas emite esse parecer por intermédio das palavras de Lemer cier, encontradas no Curso analytico de litteratura, v. 3, p. 162, segundo indicação do próprio Macedo.²⁴⁴ Trata-se de um dos aspectos contra o qual a pena crítica de José Agostinho de Macedo se volve repetidas vezes.

Onde, po-

b. Em Os Lusíadas, há mistura do maravilhoso pagão com o maravilhoso cristão

rém, as palavras de Macedo adquirem um tom mais exacerbado é na crítica daquelas passa

gens em que o maravilhoso cristão se acha misturado com o maravilhoso pagão. Diz José Agostinho acerca da estrofe 31 do canto segundo de Os Lusíadas - "Aqui invoca /Vasco da Gama/ como Christão o Anjo da Guarda; e quem vai ser a sua Advogada diante do Padre Eterno he a Deosa Venus; porque a Deosa Venus lhe ouve as palavras piedosas. Isto não só he o excesso da extravagancia, mas o summo da impiedade " (Cens.

244. Cf. Ant. doc., p. 67-8.

das Lus., v. 1, p. 104).

Um aspecto dessa mistura do maravilhoso particularmente repugnante a José Agostinho é o que diz respeito ao tratamento dado por Camões a certas matérias concernentes à fé cristã. Assim, José Agostinho critica acerbamente Camões, por este ter apresentado Baco a rezar uma missa²⁴⁵ e Tétis falando a um cristão sobre assuntos da maior relevância dentro do Cristianismo.²⁴⁶

Além disso,

c. Em Os Lusíadas, o maravilhoso não tem função

em diferentes momentos da sua Censura das Lusíadas, José Agostinho

mostra a inutilidade do maquinismo no poema: o que foi realizado pelos deuses, poderia ter sido perfeitamente realizado pelos homens. Assim, o que Baco pretende fazer contra os portugueses - traindo-os em terra ou tentando queimar suas naus - poderia ter sido resultado da ação direta dos mouros.²⁴⁷

Esses são, a nosso ver, os aspectos mais interessantes da crítica de José Agostinho de Macedo feita a Os Lusíadas referente ao maravilhoso.

A POSIÇÃO ESTÉTICA de José Agostinho perante o maravilhoso: a. Macedo não pôde ver o Belo artístico no maravilhoso pagão

Foi a impossibilidade de compreender o que há de Belo no maravilhoso pagão que levou provavel

245. Cf. Ant. doc., p. 68.

246. Cf. Ant. doc., p. 69.

247. Cf. Ant. doc., p. 69.

mente José Agostinho a não fazer eco às vozes que entoavam louvores a A Ilíada ou A Odisséia. Para ele a invocação dos poemas homéricos não tinha sentido algum, por nada dizerem, em seu momento histórico, o nome das entidades a que aí se referira o poeta grego.²⁴⁸ Por outro lado, talvez fosse a mesma falta de razão de ser, vista no maravilhoso pagão, que fez Macedo elogiar Lucano - "Quanto melhor faria Luiz de Camões em imitar Lucano, que magestosamente, cantou as guerras civís dos Romanos, descrevendo a Catão em marcha pelos areais da Africa, sem intervenção de Divindades, com tanta pompa Poetica, que á vista deste quadro, desaparece tudo quanto de grande fizerão os Deoses de Homero; e seria coiza ridicula fazer na Farsalia apparecer Venus que dêsse a Cesar huma espada forjada por Vulcano, porque já no tempo de Cesar a Filosofia regeitava, e escarnecia estas quimeras, quanto mais ridiculo será apresentar perseguido por Baccho, sempre escondido, e sempre cobarde, e que no ponto em que o mesmo Heroe mais necessitava do soccorro celeste, pois se via abandonado, e prezo entre Barbaros, fazer desatar este nó, por meio de instrumentos tão ordinarios, ou digamos melhor, tão vís, sendo resgatado por dois fardos de fazenda!" (Cens. das Lus., v. 2, p. 171-2).

José Agos-

b. Macedo vê o Belo artístico no maravilhoso cristão

tinho, todavia, não de fende o maravilhoso cristão, exclusivamen-

te, por ele corresponder à Religião dos tempos modernos. De

248. Cf. Ant. doc., p. 70.

fende-o também por esse maravilhoso poder transmitir uma emoção verdadeiramente estética. Com efeito, Macedo vê a Bíblia como um veículo do poético.²⁴⁹

Assim sendo, poderíamos perguntar se também as exigências de José Agostinho feitas no sentido de buscar um acordo entre a Religião e a literatura e a sua admiração pelos Livros Sagrados, enquanto fonte de prazer estético, não representariam sinais evidentes da adesão de seu espírito às diretrizes que configurarão um novo movimento literário? Temos convicção que sim.

Dessarte, o estudo da significação do verossímil no pensamento estético-literário de José Agostinho de Macedo possibilita-nos ver o quanto o seu tempo estava preparado, para receber as idéias renovadoras do Romanismo.

249. Cf. Ant. doc., p. 70-1.



CAPÍTULO PRIMERO:

TERCEIRA PARTE

Sobre a função da literatura

CAPÍTULO PRIMEIRO:

O ensinar

e

o deleitar

Como vimos,

A reflexão acerca da ação da literatura sobre o homem representa no pensamento estético-literário de José Agostinho de Macedo um problema de natureza diversa daqueles que até aqui estudamos

José Agostinho de Macedo refletiu sobre muitos aspectos que visavam ao esclarecimento da natureza intrínseca do objeto

literário. No entanto o seu pensamento estético-literário nem sempre se orientou exclusivamente nessa direção. Na verdade, são muitas as passagens de sua obra em que encontramos às voltas com uma ordem diversa de problemas: são problemas de natureza extrínseca - José Agostinho de Macedo examina a obra literária sob a perspectiva dos efeitos que ela deve exercer sobre o público.

Estamos, pois, diante da problemática da função da literatura. Estudando-a, iremos paulatinamente conhecendo as coordenadas de natureza estético-literária, vigentes no tempo de Macedo, quanto a esse tópico.

Para que

O objetivo primeiro das letras deve ser o aperfeiçoamento moral do homem

escrevia o autor de O Oriente? Antes de mais nada, Macedo es

crevia para ensinar.

Não se julgue, porém, que os seus ensinamentos tenham sido marcados prioritariamente por um ideal de erudição. Certamente não poderemos afirmar que esse aspecto tenha estado completamente ausente de suas obras. Para tanto basta lermos os seus poemas didáticos ou, pelo menos, o propósito que os anima. Assim, no "Discurso preli-

minar" do Newton, diz expressamente - "Quem diz Newton diz hum prodigio do saber humano, e eu quiz juntar em hum Poema, que se dissesse Newton tres cousas, Poesia, erudição, e linguagem " (p. 24). Todavia não representa a erudição o aspecto que verdadeiramente presidiu a composição de suas obras.

Em páginas de O Espectador Portuguez, afirma José Agostinho - "julgo mais importante a Sciencia Moral, que todas as Sciencias; estas vem a fazer de mim hum soberbo ignorante, e a Sciencia dos costumes hum prudente, e hum acautelado" (2º sem., p. 9). E o que Macedo julga mais importante para si também o julga para os outros, pois, do contrário, não ordenaria, com tanta severidade, que se queimassem todos aqueles poemas aos quais faltasse uma lição de natureza moral.²⁵⁰

De fato, José Agostinho não admitia qualquer modalidade de obra a que não fosse atribuída uma finalidade de ordem educativa. E educar para ele significava aperfeiçoar os costumes da sociedade. Por isso, pergunta a si próprio na "Prefação" de sua tradução das Obras de Horacio - "Se Platão banio da sua Republica o Pai de todos os Vates, o grande Homero, mandando, assim he, que se lhe fizessem grandes honras, que se coroasse de Loiros, mas que se pozesse da parte de fóra das Portas da Cidade; que deve o Publico fazer a tantos, e tantos Vadios, que nos não offerecem Iliadas, nem Odisseas, porém que nos imbutem Quimeras, e Monstros forjados na sua Imaginação? Que nos dão sem serem preguntados hum catalogo exato de suas Paixoens, que

250. Cf. Ant. doc., p. 74.



nos querem matar com o rigor, e belleza das suas Amadas, que nos aturdem com o seu merecimento, e contínuas queixas do corrompido gosto do Seculo que os não estima, e emprega?" (p. VII).

Divulgar a Ciência é papel a ser desempenhado pelas letras. Mas, nesse mister, a simplicidade na expressão deverá constituir a sua lei

São encontradas, não obstante, na obra de Macedo momentos em que mostra não desprezar a Ciência. Isso ocorre, por exemplo, quando se refere com incontido entusiasmo a Mercier. A razão desse entusiasmo não reside, porém, no fato de esse filósofo demonstrar ser um homem erudito, mas no fato de ele apresentar os seus conhecimentos de maneira acessível a todos os leitores.²⁵¹ Logo a obra de Mercier agrada a José Agostinho, na medida em que nela os conhecimentos são apresentados de maneira desprentenciosa. Vê-se, pois, nesse pensamento, achar-se o pragmatismo de José Agostinho de Macedo associado de modo inequívoco aos ideais iluminísticos - é função do escritor difundir as riquezas acumuladas pela Ciência, mas por meio de um estilo simples, para poder ser entendido de todos.

A novela e a comédia constituem gêneros literários que, segundo Macedo, seriam responsáveis pela degenerescência dos costumes de seu tempo

Apesar de haver passagens dessa ordem em sua obra - referimo-nos às passagens em que José Agos

251. Cf. Ant. doc., p. 74-5.

tinho demonstra o seu entusiasmo pela Ciência - é, indiscutivelmente, pelos costumes que prioritariamente zela. Daí, verberar contra certo tipo de composições que, a seu ver, proporcionariam a decadência moral do homem de seu tempo. Entre essas composições representam a novela e a comédia os gêneros contra os quais com maior frequência investe.

Macedo vê a novela como um veículo de depravação moral. E por ela constituir um gênero que obtinha um sucesso cada vez maior junto ao público,²⁵² clamava com todas as suas forças não expressar esse gosto outra coisa senão a decadência dos costumes e do senso estético do homem de seu tempo.²⁵³ Por outras vezes, José Agostinho alertava os pais acerca desse gênero de composição objetivando, com certeza, refrear a propagação do mal - "Aprendão os incautos Pais de Famílias a tirar, e arrancar esta peste das mãos de seus filhos, e conheção todos que nellas se nutre a ociosidade, e na ociosidade se sustentão todos os vícios; que ellas são hum dos vehiculos, ou canaes da corrupção da sociedade, que fazem inclinar para o mal as indoles

252. Quanto à natureza do sucesso desse gênero, constituem um testemunho as próprias palavras escritas por Macedo em páginas de O Desaprovador: "Chorão-se os dois vintens da conhecença ao esperançoso Cura da Freguezia, cujos encovados olhos, e palida téz indicão muitas vezes que a sua meza não he a meza do Romano Apicio, e cuja casaca tem visto o sol quatro vezes do direito, e quatro do avesso, e não se chora o cruzado novo do magrinho volume da Novella, que muitas vezes se chama Joaninha, outras vezes Maria, porque em fim estão exhaustos os nomes de Mathildes, e Carolinas. Que quer isto dizer? Que os costumes estão corrompidos, o gosto estragado, o amor das letras extinto, e que domina a friyolidade; que se ama tudo o que atija o fogo das paixões, e ensina a ser vicioso. A leitura de Novellas passou em Portugal a frenezim." (p. 5).

253. Cf. Ant. doc., p. 75.

mais bem formadas pela Natureza, e saiba-se que as mulheres aprendem a realizar na pratica, o que alli admirão, e conhecem na ficção, ou imaginação " (O Des. p. 8). As novelas são, pois, vistas como meio pela qual os espíritos se evadiriam de suas responsabilidades.

Nem todas as novelas, contudo, são consideradas dessa forma por José Agostinho. Para ele "deste naufragio universal se salvam unicamente duas. - As Argenis de Barclay, e o Telemaco de Fenelon " (O Des., p. 4). Isso porque são "ambas cheias de grandes maximas politicas, e de sublimes lições de moral." (Mot. lit., v. 2, p. 12-3). Logo não é propriamente contra o gênero que se insurge, mas contra o uso que dele então se fazia.

A mesma atitude é tomada por José Agostinho relativamente às comédias. Macedo era incapaz de compreender aquelas que eram representadas em seu tempo.

Sob uma perspectiva ideal, via-as como um gênero, cujo fim seria o de "instruir não pouco nos principios da moral, e nas obrigações civís, a que está sujeito todo o cidadão ingenuo " (Mot. lit., v. 3, p. 142). Assim, aponta as comédias chamadas pelos romanos de *moratas* como um gênero exemplar, cuja lição - é o que fica implícito em seu pensamento - deveria ser seguida pelos seus contemporâneos. Essas são composições que "fazem rir sem obscenidade, e torpezas; que mettem com habilidade a ridiculo os defeitos mais usuaes dos homens, que não ensinão maximas viciosas, nem subtilezas para que o homem fique impune da perversidade; que representam, assim he, os vicios, mas tambem o castigo, que os segue não com tardos passos " (Mot. lit.,

v. 3, p. 143). Todavia que rumo tomaram as comédias levadas à cena nos teatros de então? Um rumo em que, segundo entende, a corrupção dos costumes constituía a nota dominante.²⁵⁴

Na verdade, José Agostinho, homem formado sob a austera moral pregada pelo Classicismo, não tinha condições, para compreender certas mudanças que diziam respeito à própria função da obra literária. Agora se objetivava criar uma literatura que expressasse os anseios mais íntimos dos homens de então e não uma literatura que servisse a padrões rigorosos de ordem ética. E para Macedo só seriam válidas aquelas composições que concorressem para o aperfeiçoamento moral do homem.

O retrato constitui um gênero literário que, segundo Macedo, promoveria a edificação moral do homem

Pertence a essa categoria um tipo de composição, pela qual José Agostinho, em diferentes

passagens de sua obra, manifesta um franco entusiasmo. Referimo-nos aos retratos.

Apesar de ele próprio não ter composto um só retrato, escreve acerca da utilidade desse gênero: o retrato teria por fim não só instruir a mocidade, mas também mostrar aos estrangeiros o valor da gente portuguesa. Esse pensamento acha-se expresso numa passagem do solilóquio XIII do Motim literário²⁵⁵ e numa carta dirigida a Fr. Fortunato de S. Boaventura.²⁵⁶ Evidentemente, José Agostinho

254. Cf. Ant. doc., p. 75-6.

255. Cf. Ant. doc., p. 76.

256. Cf. Ant. doc., p. 76-7.

deixa extravasar nesse seu parecer, por mais uma vez, o fundo sentimento de amor à pátria que o animava naquele momento de crise nacional - "A dôr, e o pranto me suffocão; infelizes tempos! Vejo a patria ecclipsada, e como esvaecida a memoria do que fomos sobre a grande scena do mundo literario. Eu quizerá, porque conheço que posso escrever, ser o Plutarco de tantos varões illustres, e offerecer ao mundo hum retrato de hum Achilles Estacio, de hum Antonio, e Marçal de Gouvea, de hum Gaspar do Casal, de Pedro Nunes, de hum Garcia de Menezes, de hum Antonio Velez Caldeira, e de outros homens, que grande brado dêrão no universo, e que tão conhecidos fôrão das nações estrangeiras " (Mot. lit., v. 1, p. 199-200).

José Agostinho acreditava - e eis aí mais um traço inconfundível de sua formação clássica - que a leitura da biografia de um grande herói fosse por si só suficiente, para modificar o destino de um homem. Daí, afirmar na "Dedicatória á Nação portugueza" - "Homero fez Alexandre, que ardia todo em desejo de se conformar em valor ao exemplo de Aquilles. Julio Cesar se excitou a grandes emprezas com o exemplo do mesmo Alexandre, de maneira, que estes dois Capitães, cuja preferencia ninguem ainda se atreveo a dicidir, são escolares, ou discipulos de hum Heroe de Homero " (O Or., p. 32) - ;daí, dar preferência à moral ensinada indiretamente, isto é, pelos livros de História ou pelas obras de natureza biográfica àquela ensinada exclusivamente pelos manuais teóricos - "Notei sempre, e com muita particular attenção a repugnancia, que os mance-

bos tem em ler livros preceptivos, e instructivos, cheios até aos olhos de preceitos de regida moral; (...) Não succede isto quando lhes cahem nas mãos livros de historia, ou vidas de homens illustres, porque na variedade contínua dos accidentes, acha hum pasto saborosissimo sua sabia curiosidade. No meio deste deleite do espirito existem, sem o advertir em huma verdadeira escóla, e pódem aprender pela prática, tudo quanto hum livro, ou hum mestre de theorica lhes poderia ensinar sem proveito com a enfiada de maximas de moral" (Mot. lit., v. 3, p. 135-6).

Em suma, José Agostinho de Macedo atribui às letras uma alta missão no que tange à formação do homem - a literatura seria responsável pelos bons ou maus costumes que viessem a imperar na sociedade. Por isso é que muitas vezes fala sobre o que deveria ou sobre o que não deveria ser a literatura.

Indubita-

As letras devem contribuir para a melhoria sócio-econômica do país velmente é essa a sua maior preocupação. No entanto, a sua pena, por vezes, deixa de servir à causa do homem, enquanto entidade moral, para servir ao homem, enquanto entidade caracteristicamente social. Sob esse aspecto, rastreia-se no pensamento de José Agostinho de Macedo uma idéia de cariz iluminístico, cuja plena floração ocorrerá posteriormente, ou seja, durante o Romantismo.²⁵⁷ Referimo-nos à utilização das letras com o fito deliberado de concorrer para o progresso das nações,

257. Cf. Alberto Ferreira, Perspectiva do romantismo português (1834-1865), p. 49-71.

por meio da divulgação de uma cultura caracterizada por valores de ordem prática.

No Jornal Encyclopédico de Lisboa, esse propósito encontra-se configurado com nitidez: para Macedo as letras devem colaborar, a fim de que os lavradores substituam as suas técnicas antiquadas ainda em uso, por processos mais eficientes, por serem deduzidos da Ciência.²⁵⁸ Por isso, só vê sentido na Botânica, quando esta concorre quer para o aumento da produção das verduras, quer para a melhoria da sua qualidade.²⁵⁹

Além disso, a pena de José Agostinho de Macedo vibra muitas vezes contra o que chama de charlatanaria. Nesse caso, torna-se um defensor da verdade. Referimo-nos aqui às verdades de cunho intelectual.

O autor de A Meditação julgava-se homem de saber. Assim, na "Preparação" do Motim literario pôde propor-se, entre outras coisas, a escrever uma obra que "inspire amor de verdade, e o desprezo da charlatanaria". (v. 1, p. 8). E esse seu propósito é executado. Dessarte, por exemplo, dedica o solilóquio LXVIII ao esclarecimento da natureza dos espartanos. Estes eram considerados um povo virtuoso. Mas José Agostinho não acata opinião alguma, segundo diz, sem prévio exame e estudo - "Porque muitos secu-

258. Cf. Ant. doc., p. 77-8.

259. Cf. Ant. doc., p. 78.

los, e muitos homens dizem huma coisa que he de pura authoridade humana, nem por isso eu devo acreditar esta coisa sem hum maduro, e bem circumstanciado exame" (Mot. lit., v. 4, p. 14-5). Por isso, chega, quanto a esse povo, a emitir opinião completamente oposta àquela que era partilhada por seus contemporâneos, pois os vê acima de tudo como criaturas extremamente perversas.²⁶⁰

Logo, no pensamento de José Agostinho de Macedo, observamos a permanência da idéia do ensinar como uma das atribuições conferidas à literatura. Todavia, se José Agostinho confere às Letras a função de ensinar, não o faz da mesma maneira que o homem clássico. Este, quando pregava a virtude, não tinha em mira sociedade alguma em particular - visava ao homem em geral. Pelo contrário, José Agostinho de Macedo, ao dar essa função às letras, estava com os olhos postos numa determinada sociedade - a sociedade portuguesa de seu tempo. E não estará nessa sua atitude o embrião daquilo que na literatura romântica será reconhecido como a missão social do poeta? Acreditamos que sim.

À eloquên-

Para Macedo uma peça oratória vale tão-somente pelo seu poder de persuasão junto ao público

cia também José Agostinho de Macedo atribui a função de ensinar.

É por esse aspecto que a define e que a diferencia da Poesia - "O Orador tem por fim a instrução, o Poeta o prazer, e o deleite, e nisto consiste unicamente a sua essencial diferença. A verdade he o objeto de hum, o prazer, e

260. Cf. Ant. doc., p. 78.

o deleite he o objecto do outro;mas para chegarem a sua prefixa baliza, o Orador deve esforçar-se por agradar, e o Poeta por instruir, e neste ponto ambos se unem, e se asseme-lhão" (C. fil. a Att., p. 169). Todavia, na eloquência, o ensinar, segundo José Agostinho de Macedo via Quintiliano, apresenta as acepções de persuadir e de mover - "O orador com effeito não deve mais que definir, e pintar: estes são os unicos meios, que elle deve empregar para chegar ao seu fim, que he persuadir, e mover. A eloquencia nasceo para os homens, porque fóra do homem, não ha outro ente sensivel, que seja capaz de persuasão" (Mot. lit., v. 2, p. 316). Para Macedo, pois, a eloquência apresenta a mesma função que a ela atribuíram os autores clássicos.

Se para o clássico, contudo, o persuadir e o mover estavam fundados em valores de ordem racional, para José Agostinho essas categorias deveriam ser justificadas por valores de ordem emotiva. Assim, para um professor de Retórica de então uma peça oratória deveria ser julgada pelas leis ditadas por Quintiliano. José Agostinho de Macedo, pelo contrário, avalia-a pela reação que ela seria capaz de provocar no público - se ela chegasse a tocar o coração do ouvinte, teria obtido o seu fim.²⁶¹ Portanto no pensamento de Macedo o convencer confunde-se com o como-ver.

E é provavelmente por colocar em relevo a reação da natureza emotiva do público que José Agostinho de Macedo rebate as críticas feitas por Couto ao seu

261. Cf. Ant. doc., p. 79.

Sermão de acção de graças que fez o Juiz do Povo na Igreja de S. Julião de Lisboa - "E onde fica a próva de que o Sermão não tóca, não move, e não excita as paixões? Como mostra Couto, que não excita o horror ao crime, o temor do castigo, e o reconhecimento á misericórdia? Eis-aqui o que se devia demonstrar, para fazer vêr que o Sermão não está conforme as regras da Oratoria da Cadeira: o que se demonstra he Couto a fallar, e o sermão quieto" (O Cout., p. 45-6).

Conseqüentemente, nos discursos oratórios, também o ensinar estava ligado a valores de ordem moral - através de seu discurso, o orador deveria esforçar-se em aperfeiçoar o caráter do homem.

Se a finalidade única da literatura estivesse fundada, porém, exclusivamente no ensinar, o seu estatuto seria facilmente identificado com o das letras não artísticas.

Embora a literatura tivesse tido entre os clássicos uma acepção ampla, isto é, uma acepção que abrangia toda e qualquer manifestação escrita - como já ficou dito ~~se pássabe~~ - a sua especificidade parece-nos ter sido reconhecida por eles. Vemos naquilo que chamaram de deleite um modo de salientar o seu aspecto caracterizador. Daí, por exemplo, terem atribuído quase que unanimemente à literatura a função de "docere cum delectatione" e nun

ca a de somente ensinar.²⁶² E no início do século XIX, essa lição deveria constituir uma nota viva, pois do contrário não ouviríamos o autor de O Oriente considerar serem dignas de leitura apenas as obras em que o ensinar fosse perspassa do pelo deleitar²⁶³, nem afirmar deverem ser os ensinamentos de moral aprendidos só nos bons poetas.²⁶⁴ Nesses pensamentos, verificamos, pois, uma plena adesão de Macedo às coordenadas estético-literárias legadas pelo Classicismo.

Isso, en-

As letras devem agir sobre o co-
ração do homem

tretanto, nem sempre ocorre. Por vezes, as suas idéias acerca da

função da literatura estão voltadas para uma direção prenunciadora das fundas transformações que se operavam nas letras portuguesas de então. São os momentos em que José Agostinho enfatiza deverem ser os efeitos primordiais das letras, aqueles de natureza afetiva.²⁶⁵ Por consequência, o estatuto estético de uma obra residiria no prazer que ela pudesse causar no ânimo dos leitores. Como tal, afastava-se, pois, de qualquer critério mensurável - a voz da razão caracterizada pela universalidade dava lugar à voz do coração caracterizada pela relatividade. E essa tendência do espírito humano representa, como se sabe, um dos indícios mais vi

262. Aqui é preciso salientar que autores houve, entre os clássicos, que só atribuíram à literatura a função de deleitar. Estão nesse caso Robortello, Bernardo Tasso, Castelvetro e Guarini (Cf. René Bray, La formation de la doctrine classique en France, p. 65).

263. Cf. Ant. doc., p. 79-80.

264. Cf. Ant. doc., p. 80.

265. Cf. Ant. doc., p. 80.

síveis da formação de um novo quadro de valores estéticos.

Um dos re-

As letras devem representar a vi-
da com tal força que com ela che-
guem a igualar-se

sultados dessa atitu-
de da época - parece-
nos - foram as exi-

gências de novo teor que se começou a fazer à literatura: esta deveria representar a vida com tal força que chegasse a ser com ela confundida. É isso o que José Agostinho deixa implícito tanto em suas palavras a propósito da Henriada,²⁶⁶ quanto naquelas cheias de louvor que expressa sobre A Ilíada.²⁶⁷ e ²⁶⁸ Na crítica literária, pois, verifica-se a ins-
tauração do realismo como um dado de valor.²⁶⁹ Tal fato re-
presenta mais um dos aspectos, pelos quais se anuncia em Por-
tugal o formar-se de uma nova concepção da literatura.

Daí, no começo do século XIX, José Agostinho de Macedo ensinar deverem as composições literá-
rias falar antes aos sentidos do que à razão. Isso ocorre, quando se refere ao estilo trágico - "Ai daquelle estylo tragico, que, em lugar de despertar sensações rápidas, for-
gasse os homens a usar de profunda reflexão sendo muito translato, trópico, e sentencioso; ou que ajuntasse, e reu-
nissem em hum só vocabulo muitos pensamentos profundos, e

266. Cf. Ant. doc., p. 81.

267. Cf. Ant. doc., p. 81-2.

268. É preciso aqui lembrar que, em outras passagens de sua obra, José Agostinho não se mostra admirador de Homero. Ao longo deste trabalho, como se viu, referimo-nos a algumas delas.

269. A presença do real nas obras literárias do Neoclassicismo português foram apontadas por Hernâni Cidade em suas Lições de cultura e de literatura portuguesas (Cf. III parte do 2º volume - "As novas tendências da literatura. O gosto do real", p. 237-344).

abstratos! Os espectadores o não comprehenderião, ou se cançarião muito, e desta contensão de animo, ou fadiga, nascerião no mesmo instante o tédio, e o aborrecimento. E offenderei eu, meu Attico, o Idolo dos superficiaes do nosso seculo? Eu temo que elle possa obter a verdadeira gloria de Poeta Tragico, ao menos offuscar o terrivel Crebillon, e o pathetico Alfieri. Seu estylo he muito cheio de coisas, e seus vocabulos muito prenhes de idéas. Nenhum Inglez, nenhum Italiano, e se quereis, nenhum Grego mette em dois versos a multidão de pensamentos que o author de Mafoma e de Zaira mette em huma só palavra" (C. fil. a Att., p. 159-60) - ou a Clarisse, romance de Richardson - "e porque dizem os Inglezes que o author de Clarisse he o terceiro Genio Britanico depois de Newton, e Shakspear? Porque as suas pinturas são feitas com os termos mais simplicies, e com o estylo mais sensivel. O homem que não conhecer o Amor senão por meio do discurso, e reflexão não achará coisa alguma interessante naquellas, em apparencia, miudezas, que affecta quando Clarisse olha a furto, quando desmaia, e quando suspira" (C. fil. a Att., p. 161-2).

Além disso,

Macedo toma a emoção, para classificar, de um lado, alguns poetas e gêneros literários e, de outro, as artes

a emoção chega, inclusive, a constituir no pensamento estético-literário de José Agostinho de Macedo critério para uma classificação de cunho

axiológico quer de alguns poetas e gêneros literários, quer das artes. Assim, numa passagem de uma das cartas dirigidas a Attico - Carta XI -, afirma primeiramente a superioridade

de Homero, quando comparado com Vergílio, a de Ossian, quando comparado com Milton, e a de Milton, quando comparado com Pope, e depois a superioridade dos poemas trágicos em face dos poemas épicos e líricos.²⁷⁰ E no Motim literario coloca a literatura acima da pintura e da escultura guiado tão-somente por um critério de natureza emotiva.²⁷¹

Por mais uma vez, pois, verificamos estarem presentes em José Agostinho de Macedo aqueles ideais que serão responsáveis pelo aparecimento de uma nova ordem no mundo literário de então. Na verdade, a emoção representa em seu pensamento uma constante, ainda que esteja expressa, por vezes, conforme vimos, por meio de vocábulos que nos reportam à Antigüidade Clássica. Estão, nesse caso, por exemplo, as palavras sublime e êxtase. Isso, porém, deve ser encarado com naturalidade - é preciso repetir - tendo em vista a complexidade do momento cultural vivido por José Agostinho de Macedo.

Portanto relativamente à problemática da função da literatura, o pensamento de José Agostinho de Macedo reflete uma não libertação daquelas duas diretrizes que enformaram a estética-literária do Classicismo - o ensinar e o deleitar. Todavia, como dissemos, tanto uma como outra diretriz nem sempre obedecem em Macedo às lições do mundo clássico. Adquirem, por vezes, matizes de outra ordem. E são eles exatamente que testemunham a formação de um novo gosto literário em Portugal.

270. Cf. Ant. doc., p. 82.

271. Cf. Ant. doc., p. 82-3.

Como vimos, as

o processo criador, a natureza
intrínseca da obra literária e
a sua função foram as três
razões em torno das quais se
organizaram as idéias estético-lite-
rárias de José Agostinho de Ma-
caco

reflexões técnicas de
José Agostinho de Ma-
caco sobre a obra lite-
rária ofereceram-nos
farto material, para me-
ditarmos a respeito da

natureza das idéias estético-literárias vigentes no trânsito
do século XVIII para o século XIX. Nas linhas atrás dei-
xadas, deve ter ficado claro que Macaco, ao longo de sua
efervescente vida intelectual, refletia constantemente so-
bre os mais variados aspectos do fenômeno literário nos dis-
cursos preliminares ou prefácios de seus escritos, em jor-
nais, em tratados e em obras de tipo

CONCLUSÃO

em obras de tipo de Notas literárias e das Cartas Filosóficas a Attico. Consta
de não faltar à posteridade em séculos em que tratasse es-
pecíficas e coherentemente de problemas estético-literários.

Por estarmos interessados em pesqui-
sarmos em seu pensamento o estado da doutrina literária vi-
gente em seu tempo, procuramos, antes de mais nada, um co-
minho que nos favorecesse na realização desse intento, uma
vez que as suas idéias voltadas para o esclarecimento do fe-
nômeno literário se achavam terrivelmente dispersas.

Depois de percorrer as teorias, a
enquanto realidades individualizadas, pareciam não mais apre-
tado dispô-las em torno de três eixos: o do processo cria-
dor, o da obra literária e o da função da literatura. Exati-
mentos, pois, o fenômeno literário, quanto à sua origem, quan-
to à sua natureza intrínseca e quanto à natureza de suas re-

O processo criador, a natureza intrínseca da obra literária e a sua função foram os três eixos em torno dos quais organizamos as idéias estético-literárias de José Agostinho de Macedo

Como vimos, as reflexões teóricas de José Agostinho de Macedo acerca da obra literária ofereceram-nos farto material, para meditarmos a respeito da natureza das idéias estético-literárias vigentes no trânsito do século XVIII para o século XIX. Nas linhas atrás deixadas, deve ter ficado claro que Macedo, ao longo de sua efervescente vida intelectual, refletiu constantemente sobre os mais variados aspectos do fenômeno literário nos discursos preliminares ou prefações de seus escritos, em jornais ou em cartas, em obras polêmicas ou em obras do tipo do Motim literário e das Cartas filosóficas a Attico. Contudo não legou à posteridade um só volume em que tratasse específica e coerentemente de problemas estético-literários.

Por estarmos interessada em pesquisarmos em seu pensamento o estado da doutrina literária vigente em seu tempo, procuramos, antes de mais nada, um caminho que nos favorecesse na realização desse intento, uma vez que as suas idéias voltadas para o esclarecimento do fenômeno literário se achavam terrivelmente dispersas.

Depois de perscrutar-lhes o teor, enquanto realidades individualizadas, pareceu-nos mais acertado dispô-las em torno de três eixos: o do processo criador, o da obra literária e o da função da literatura. Examinamos, pois, o fenômeno literário, quanto à sua origem, quanto à sua natureza intrínseca e quanto à natureza de suas re

lações com o público. Ao sistematizarmos dessa maneira as idéias de José Agostinho, não objetivamos senão dar a elas um traçado coerente, passível de interpretação.

É no trânsito do século XVIII para o século XIX que, em Portugal, os princípios da doutrina clássica são postos em cheque, pois novos ideais estéticos começam a impor-se

Aqueles três aspectos vistos em conjunto possibilitaram-nos verificar com nitidez ter sido na passagem do século XVIII para o século XIX que,

em Portugal, a doutrina estético-literária legada pelo Classicismo começou a sofrer pressão por parte de valores que não se coadunavam perfeitamente com os seus ideais.

Assim, no que diz respeito à criação literária, a arte, que representara, entre os clássicos, um agente de equilíbrio no fazer poético, é flagrantemente sobrepujada pelo gênio: começa-se a minimizar a forma a que até então se tinha ajustado o estro criador em prol de sua liberação. As reflexões macedianas desse teor representam no âmbito das letras portuguesas o despontar de um tempo em que se toma, pela primeira vez, a consciência da liberdade criadora, consciência essa que foi, a partir desse momento, impondo-se cada vez com maior intensidade no campo da criação artística.

Com referência à obra literária, estudamos no pensamento de José Agostinho de Macedo aqueles aspectos que nos possibilitaram medir as tendências dos espíritos daquele momento com relação aos novos valores que começavam a projetar-se no horizonte literário de então: o

sentido da Natureza; as relações entre o conteúdo e a forma; a significação da originalidade em confronto com a imitação dos antigos e a amplitude alcançada pela verdade em face do respeitadíssimo preceito da verossimilhança.

O exame desses aspectos da obra literária permitiram-nos observar que, no tempo de José Agostinho, ela pretende ser um reflexo mais exato e direto ou da realidade exterior ou da realidade psicológica ou ainda da realidade individual que expressa. Constitui essa, a nosso ver, a tendência estética mais flagrante da nova doutrina literária que então se esboçava, tendência essa, que, primeiramente, ameaçou e que, por fim, acabou por destruir a sólida construção do edifício da poética clássica.

Assim, representaria o gosto pela expressão da verdade natural, psicológica ou individual o agente 1º) que teria solapado o princípio do universalismo; 2º) que teria posto em cheque a razão, enquanto faculdade reguladora da criação poética; 3º) que teria dado preferência ao insólito, que toma, conseqüentemente, o lugar do convencional; 4º) que teria conferido ao gratuito um estatuto estético; 5º) que teria preterido os modelos mais relevantes da Antigüidade Clássica por obras representativas do espírito cristão; e 6º) que teria feito da originalidade a marca ideal de uma realização literária.

Concernentemente a essas diretrizes de nítida configuração romântica presentes no pensamento estético-literário de José Agostinho de Macedo voltadas para a obra literária, poderíamos colocar aqui, isto é, após a sua explicitação, um ponto final. Não obstante consi-

deramos que as precisaríamos melhor, se, num rápido retrospecto, apontássemos sob que aspectos elas se manifestaram no pensamento do autor de O Oriente. Isso não só por acharem-se dispersas ao longo de sua obra, mas também por serem encontradas ao lado de outras tendências estéticas.

Dessarte, o relativismo que substitui o universalismo configura-se em Macedo, em todos aqueles momentos em que a sua opinião ou o seu gosto são apresentados com mais força do que as opiniões ou do que o gosto de há muito estabelecido como os únicos passíveis de crédito. Lembre-se, por exemplo, de sua atitude perante a índole dos espartanos, de sua posição em face de Os Lusíadas ou dos poemas homéricos, e de suas preferências de ordem paisagística. Diante de cada um desses dados, é o seu eu que reage por meio de uma altiva afirmação de sua individualidade.

As razões do coração representam no pensamento estético-literário de José Agostinho de Macedo outro elemento que assinala o caminhar da literatura em direção de valores até então não colocados em relevo. Na verdade, seguimos nas idéias de José Agostinho de Macedo o desabrochar da emoção como uma exigência de natureza estética. Isso sucede quer quando Macedo proclama os seus transbordamentos de ordem emotiva na contemplação de certos aspectos da Natureza ou na apreciação de determinados autores, quer quando considera a beleza de uma expressão perspassada pela ruptura de seu andamento lógico ou quando ressalta a importância do coração no fenômeno literário.

Por outro lado, se a convenção mar

cara a literatura neoclássica, verificamos no pensamento de Macedo o processo de degeneração dessa característica tão saliente das letras do século XVIII. Vimos em Macedo não só o seu gosto pelo indefinido, pela paisagem de traços arrojad^{os} e pelos sentimentos inauditos, mas também o seu rancor pelas regras.

O gratuito representa, outrossim, no campo das idéias estéticas, um elemento que atingirá a sua plena configuração no Romantismo. Mas no pensamento estético-literário de Macedo ele é entrevisto. Está presente, por exemplo, quando o autor de A Meditação fala da Beleza pela Beleza ou de certos aspectos da paisagem.

Além disso, sabe-se que a compreensão do Cristianismo, enquanto realidade estética, foi conquistada dos tempos românticos. Não obstante, antes de seu advento, é o que no-lo indica José Agostinho, os espíritos começaram a proclamar o sentido do Belo, que lhe era próprio. Em Macedo, representa essa idéia uma constante não só quando se refere aos novos assuntos que a literatura deveria tratar, mas também ao refletir sobre o maravilhoso.

E se fora o cansaço das formas ou das matérias focalizadas pela última época da era clássica que iria proporcionar uma mudança radical nos rumos da literatura, em Portugal dos primórdios do século XIX, verificamos através das idéias estético-literárias de José Agostinho depender a sobrevivência das letras dos novos haustos de vida que se lhes pudesse insuflar. Indubitavelmente, foi a compreensão desse fato que instaurou a originalidade como elemento de proa no credo literário daquele momento.

São esses os traços mais flagrantes de uma nova poética que pudemos rastrear, ao estudarmos no pensamento de José Agostinho aqueles aspectos da obra literária atrás apontados. Macedo, portanto, intuiu as diretrizes estéticas do Romantismo, não por meio, é preciso dizer, de uma atitude verdadeiramente consciente, tal qual ocorreria, por exemplo, com Almeida Garrett, em certo momento de sua vida literária, mas antes, em consequência da natureza de um espírito não indiferente, nem fechado às vibrações de novo teor que se desenhavam no campo da literatura de então.

Quanto à função da literatura, as idéias estético-literárias de José Agostinho de Macedo documentam que uma nova missão é conferida a ela: tratava-se de uma missão que pudesse atender mais de perto às necessidades de uma nação determinada - as letras tornam-se um instrumento a favor do progresso sócio-econômico do país. Por outro lado, se às letras é conferido o papel de agir sobre o leitor ou sobre o ouvinte, essa ação não mais se processa pela razão, mas pela emoção.

As idéias estético-literárias de José Agostinho de Macedo não expressam uma rejeição absoluta dos ensinamentos da poética clássica

isto é, não amalgamadas com diretrizes de outra ordem, poderíamos nele presenciar o romper de forças ortodoxamente românticas.

Se essas diretrizes estético-literárias se tivessem manifestado no pensamento de José Agostinho de Macedo em estado puro,

Tal, porém, não se deu.

Em cada um dos itens estudados, podemos verificar em Macedo a permanência de valores, cujas raízes estavam solidamente fincadas no ideário do Classicismo.

Dessarte, se Macedo confere ao gênio o papel de maior responsabilidade no processo da criação literária, não lhe confere, segundo vimos, uma liberdade sem limites. Por outro lado, quanto à obra literária, Macedo não deixava 1º) de sentir-se atraído por assuntos que enaltescessem o ser humano; 2º) de admirar a Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, por ver nela a realização de algumas leis estéticas condizentes com o receituário defendido pelo Classicismo; 3º) de, sob certos aspectos, ver a obra literária como uma realidade bipartida; 4º) de buscar a expressão castiça e correta; 5º) de justificar o novo, que busca ansiosamente, pelo que fora estabelecido pelos antigos; 6º) de afirmar a sua crença na imutabilidade da idéia do Belo; e 7º) no que concerne à verossimilhança de pôr em relevo o respeito devido à opinião do leitor. E quanto à função da literatura, é ainda em torno do binômio deleitar e ensinar que se organizam as suas idéias. Além disso, expressa uma atitude tipicamente clássica, ao conceber a obra literária como veículo de edificação moral.

Fruto de um tempo de transformação cultural, as idéias estéticas de José Agostinho manifestam ser o seu momento caracterizado pela coexistência de duas concepções do fenômeno literário: uma de cunho romântico e outra de cunho clássico

Por essa fórmula, em que procuramos interpretar a natureza das idéias de José Agostinho de Macedo em face do fenômeno literário, verifica-

mos que o seu pensamento é a expressão do momento de crise em que viveu, isto é, de um momento de grande complexidade cultural, conforme assinalamos, mas em que, incontestavelmente, representam as idéias de teor clássico e aquelas que mais tarde serão definidas como românticas as suas duas maiores forças. Na verdade, trata-se de um momento a que já não mais se pode chamar de clássico, mas ao qual também não se ajusta a denominação de romântico. Isso porque esta diretriz de cunho estético coexistia com aquela.

Se Almeida Gar

Almeida Garrett representa de fato a expressão genuína de uma nova era literária

rett foi considerado o introdutor de um novo credo literário em Por

tugal, tal fato foi devido à identificação plena de Camões e Dona Branca com as coordenadas ditas românticas. Com tal afirmação, queremos dizer que essa identificação se processou não só no campo da teoria,²⁷² mas também no campo da criação literária.

O mesmo não

Em contraposição, representa José Agostinho de Macedo a expressão de um momento em que as novas opções estéticas não se tinham efetivado de modo taxativo, ainda que estivessem delineadas

ocorreu com José Agostinho de Macedo. Com efeito, no campo da criação literária, nada deixou que pudesse ser qualificado como

romântico. Mas, no campo da teoria estético-literária, o

272. Um apanhado das idéias de teor estético-literário de Almeida Garrett é encontrada no pequeno volume - Doutrinas de estética literária - organizado por Agostinho da Silva.

pensamento de Macedo indica existir no momento imediatamente anterior à eclosão romântica uma oscilação entre o que está para concretizar-se e o que está concretizado; entre uma nova visão do fenômeno literário e uma visão estratificada. E é essa indefinição, é essa hesitação entre dois mundos configurados por diretrizes estéticas de natureza tão oposta que caracteriza, a nosso ver, a doutrina literária vigente no tempo de José Agostinho. De qualquer forma, idéias de nítida configuração romântica não foram desconhecidas no início do século XIX.

Camões de Dona Branca representam composições originais exclusivamente do ponto de vista da criação literária, pois do ponto de vista teórico as idéias que veiculam já eram conhecidas em Portugal desde os primórdios do século XIX

Com tais palavras, não objetivamos, de forma alguma, minimizar o papel de Garrett, como o principal agente da implantação do Romantismo nas letras portuguesas. Todavia é preciso

colocar em relevo, a fim de que a compreensão de um momento um tanto obscuro da historiografia literária lusa fique um pouco mais nítida, que, quando Garrett publicou Camões e Dona Branca (1825 e 1826), Portugal já estava preparado, sobretudo, sob a perspectiva das idéias estético-literárias, para recebê-los. É o que documenta flagrantemente o ideário poético de José Agostinho de Macedo. Assim sendo, Garrett rompeu com os padrões do passado, tão-somente no campo da criação literária. Na verdade, afirmações teóricas do tipo que faz, por exemplo, na Prefação da primeira edição de Camões ou em versos de Dona Branca, não nos soam

senão como o eco de idéias existentes no momento que antecedeu ao Romantismo.

Entre essas idéias gostaríamos de reportar-nos àquela em que o autor de Frei Luís de Sousa põe em relevo a originalidade de seu primeiro poema escrito sob a inspiração de uma nova estética - "A índole deste poema é absolutamente nova; e assim não tive exemplar a que me arrimasse, nem norte que seguisse

Por mares nunca dantes navegados."²⁷³; àquela em que patenteia o seu descaso pelas regras e pelas autoridades - "Conheço que ele está fora das regras; e que, se pelos princípios clássicos o quiserem julgar, não encontrarão aí senão irregularidades e defeitos. Porém declaro desde já que não olhei a regras nem a princípios, que não consultei Horácio nem Aristóteles, mas fui insensivelmente depós o coração e os sentimentos da natureza, que não pelos cálculos da arte e operações combinadas do espírito";²⁷⁴ e àqueloutra em que renega as divindades do Paganismo -

"Áureos numes d'Ascreu, ficções risonhas
Da culta Grécia amável, crença linda
De Vénus bela, Vénus mãe d'Amores
Brincões, travessos; - do magano Jove,
Que do Sétimo céu atrás das môças
Vem andar a correr por êste mundo,
Já níveo touro, já dourada chuva,
Já quanto mais lhe apraz; - de Baco alegre,

273. Almeida Garrett, "Na primeira edição", em sua obra Camoës, p. XLVII.

274. Id., ibid., p. XLVII.

Do louro Apolo, e das formosas nove
 Castas irmãs que nos vergeis do Pindo
 Tecem aos sons da lira eternos carmes;
 Gentil religião, teu culto abjuro,
 Tuas aras profanas renuncio:

Professei outra fé, sigo outro rito,

E para novo altar meus hinos canto."²⁷⁵ Não expressam esses enunciados concepções de arte já conhecidas em Portugal? O estudo das idéias estético-literárias de José Agostinho de Macedo possibilita-nos afirmar com convicção que sim.

Além de essas palavras testemunharem que Garrett com Camões e Dona Branca não divulgou nas letras portuguesas idéias teóricas inauditas, elas indicam claramente ser ainda em Portugal do primeiro quartel do século XIX, o Classicismo a corrente estética mais pujante, pois, do contrário, o introdutor do Romantismo nas letras portuguesas não colocaria em relevo, de um lado, o caráter "sui generis" de seu poema e, de outro, não se insurgiria contra as regras, contra Horácio e Aristóteles e contra as divindades do Paganismo.

Dessarte, o estudo da doutrina poética de José Agostinho de Macedo deixa bem claro que, quando Garrett inscreveu Camões e Dona Branca na literatura portuguesa, esta já conhecia, de forma bem delineada, desde o início do século XIX - é importante enfatizarmos esse fato - senão no domínio da criação literária, pelo menos, no campo da teoria as idéias que irão assinalar o advento de uma nova era no campo das belas letras.

275. Id., Dona Branca, p. 3.

BIBLIOGRAFIA

1. Obras de José Agostinho de Macedo
2. Obras sobre José Agostinho de Macedo
3. Bibliografia geral.

Advertências :

1. As obras arroladas adiante não representam o total das obras escritas por José Agostinho de Macedo, mas tão-somente, entre aquelas que por interesse, as encontramos em São Paulo e em seus arredores.
2. Citamos apenas a edição ou as edições mais recentes deste trabalho.

1 - OBRAS DE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

A análise analizada. Resposta a Couto. Lisboa, Impr. Regia, 1815.

Os barros. Poema heroico-comico, satyrico, em seis cantos. /4.ª ed. Porto, Livr. Cruz Continha Ed., 1882.

Cartas Philosophicas e Politicas. Lisboa, Impr. Regia, 1815.

Conferencia dos Lapidarios. Lisboa, Impr. Regia, 1820. 2 v.

"Censuras feitas a diversas obras dirigidas ao Arcebispo Vigario Geral de 1824 a 1829". In: Obras ineditas de José Agostinho de Macedo. Censuras feitas a diversas obras. Composições lyricas, didacticas e dramaticas. Com um breve estudo sobre a Historia da Censura Official por Theophilo Braga. Lisboa, Typ. da Academia Real das Sciencias, 1901, p. 1-122.

Considerações feitas sobre o quarto tomo das obras metricas de Manuel Pego, acrescentadas com a vida do mesmo. Lisboa, Impr. Regia, 1813.

"Contemplação do universo". In: Obras ineditas de José Agostinho de Macedo. Censuras a diversas obras. Composições lyricas, didacticas e dramaticas. Com um breve estudo sobre a Historia da Censura Official por Theophilo Braga. Lisboa, Typ. da Academia Real das Sciencias, 1901, p. 133-207.

Advertências :

1. As obras arroladas adiante não representam o total das obras escritas por José Agostinho de Macedo, mas tão-somente, entre aquelas que nos interessavam, as encontradas em São Paulo e em Lisboa;
2. Citamos apenas a edição ou as edições lidas para este trabalho.

"Diálogo. Po. e Vitoria". In: Obras ineditas de José Agostinho de Macedo. Censuras a diversas obras. Composições lyricas, didacticas e dramaticas. Com um breve estudo sobre a Historia da Censura Official por Theophilo Braga. Lisboa, Typ. da Academia Real das Sciencias, 1901, p. 208-217.

A - LIVROS

A analyse analysada. Resposta a Couto. Lisboa, Impr. Regia, 1815.

Os burros. Poema heroi-comico, satyrico, em seis cantos.
/4.a ed./ Porto, Livr. Cruz Coutinho Ed., 1892.

Cartas filosoficas a Attico. Lisboa, Impr. Regia, 1815.

Censura das Lusiadas. Lisboa, Impr. Regia, 1820. 2 v.

"Censuras feitas a diversas obras dirigidas ao Arcebispo Vi-gario Geral de 1824 a 1829". In: Obras ineditas de José Agostinho de Macedo. Censuras feitas a diversas obras. Composições lyricas, didacticas e dramaticas. Com um bre-ve estudo sobre a Historia da Censura Official por Theo-philo Braga. Lisboa, Typ. da Academia Real das Sciencias, 1901. p. 1-122.

Considerações mansas sobre o quarto tomo das obras metricas de Manoel Bocage, accrescentadas com a vida do mesmo. Lis-boa, Impr. Regia, 1813.

"Contemplação da natureza". In: Obras ineditas de José Agos-tinho de Macedo. Censuras a diversas obras. Composições lyricas, didacticas e dramaticas. Com um breve estudo so-bre a Historia da Censura Official por Theophilo Braga. Lisboa, Typ. da Academia Real das Sciencias, 1901. p. 159-207.

O Couto. Lisboa, Impr. Regia, 1815.

A criação. Poema. Lisboa, Typ. do Panorama, 1865.

"Dialogo. Eu, e Miseria". In: Motim literario em fórmula de so-liloquios. 3.a ed. emendada, e accrescentada com a biogra-phia do author, hum catalogo das suas obras, e o juizo

critico d'ellas, por Antonio Maria do Couto, professor de grego, &c. Lisboa, Typ. de Antonio José da Rocha, 1841. v. II, p. 151-98.

O exame examinado ou resposta aos Senhores Bachareis João Bernardo da Rocha, e Nuno Pato Moniz. Lisboa, Impr. Regia, 1812.

Gama. Poema narrativo. Lisboa, Impr. Regia, 1811.

A Lyra anacreontica. Lisboa, Impr. Regia, 1819.

A Meditação. Poema filosofico em quatro cantos. Lisboa, Impr. Regia, 1812.

A Meditação. /4.a ed./ Porto, Typ. de Francisco Pereira d'Azevedo, 1854.

Motim literario em fôrma de soliloquios. 3.a ed. emendada, e accrescentada com a biographia do author, hum catalogo das suas obras, e o juizo critico d'ellas, por Antonio Maria do Couto, professor de grego, &c. Lisboa, Typ. de Antonio José da Rocha, 1841. 4 v.

A Natureza. 2.a ed. Porto, Typ. de Francisco Pereira de Azevedo, 1854.

Newton. / 4.a ed./ Porto, Typ. de Francisco Pereira d'Azevedo, 1854.

O novo argonauta. Lisboa, Off. de António Rodrigues Galhardo, 1809.

Obras de Horacio, traduzidas em verso portuguez, por José Agostinho de Macedo. Tomo 1. Os quatro Livros das Odes, e Epodos. Lisboa, Impr. Regia, 1806.

Obras ineditas. Cartas e opusculos. Documentando as memorias para a sua vida intima e successos da historia litteraria

e politica do seu tempo. Com uma prefacção critica por Theophilo Braga. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1900.

O Oriente. Lisboa, Impr. Regia, 1814.

O Oriente. 2.a ed. Lisboa, Impr. Regia, 1827.

"Parecer que deo o Padre José Agostinho de Macedo, sobre o merecimento de Homero, para servir de Prefacio á muito elegante traducção em verso solto Portuguez, com que enriquece a Literatura Patria o Senhor José Maria da Costa e Silva. In: HOMERO - Iliada. Trad. do grego em verso portuguez por José Maria da Costa e Silva. Lisboa, Impr. Regia, 1811. p. 3-14.

Reflexões criticas sobre o episodio do Adamastor nas Lusíadas, Canto V, Oit. 39. Em fórmula de carta. Lisboa, Impr. Regia, 1811.

Resposta aos Dois do Investigador Portuguez em Londres, Que no Caderninho VIII. A Paginas 510 atacação, segundo o costume, o Poema Gama. Lisboa, Impr. Regia, 1812.

Sandoval nú, e crú. Lisboa, Off. da Horrora Conspiração, 1823.

Viagem extatica ao templo da sabedoria. Poema em quatro cantos. Porto, Typ. de Francisco Pereira D'Azevedo, 1854.

B - JORNAIS

O Desaprovador. Periodico semanal. /Lisboa/ /Impr. de Alcobia/ /1817, 1819/.

O Espectador Portuguez. Jornal de litteratura, e de critica. Lisboa, Impr. de Alcobia, 1816-1818.

Carta do R. P. José Agostinho de Macedo. In: Gazeta Universal, politica, litteraria, e mercantil (redigida por J.J. P. Lopes). Lisboa, Impr. Nacional, (60): 239-42, mar., 1822.

Discurso preliminar. In: Jornal Encyclopedico de Lisboa. Coordenado pelo P. J. A. de M.. Lisboa, Impr. Regia, 1, (1): 3-19, jan., 1820.

Os seculos illustrados, são os mais virtuosos? Problema filosofico. In: Jornal Encyclopedico de Lisboa. Coordenado pelo P. J. A. de M.. Lisboa, Impr. Regia, 1, (3): 153-76, mar., 1820.

Sobre a Bibliomania. In: Jornal Encyclopedico de Lisboa. Coordenado pelo P. J. A. de M.. Lisboa, Impr. Regia, 1, (5): 351-5, maio, 1820.

O Progreso das luzes. In: Jornal Encyclopedico de Lisboa. Coordenado pelo P. J. A. de M.. Lisboa, Impr. Regia, 1, (6): 433-43, jun., 1820.

Livros novos de Livros velhos. In: Jornal Encyclopedico de Lisboa. Coordenado pelo P. J. A. de M.. Lisboa, Impr. Regia, 2, (10): 278-81, out., 1820.

Tudo o que he excessivo passa a ser ridiculo, e deve-se evitar nas sciencias tanto o excesso, como o pedantismo. In: Semanario de Instrucção e Recreio. Lisboa, Impr. Regia, 1,

(18): 307-12, dez., 1812.

O meu ultimo Adeos á Letra redonda. In: Semanario de Instrucção, e Recreio. Lisboa, Impr. Regia, 2, (47): 331-36, jul., 1813.

Advertência:

Quando as partes das notas bibliográficas são notadas e registradas nas páginas relativas a José Agostinho de Macedo, isto quer dizer referir-se a obra em questão, passando a essa autor. A mesma obra, a sua indicação sobre a seguir, demoradamente a referência bibliográfica.

Além disso, em algumas dessas obras, como nas lições de cultura e da literatura portuguesas, de Maria da Glória, por exemplo, esse tipo de indicação é feita em seu próprio índice de autores. Nesse caso, tal trabalho poderá não ser necessário.

2 - OBRAS SOBRE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

Obras impressas de José Agostinho de Macedo. Lisboa, Typ. de Martins, 1849.

Anedotas biográficas do Reverendo Padre José Agostinho de Macedo, extrahidas do Portuguez Constitucional Regenerado, n.º 92, impressas em Lisboa, em 19 de Novembro de 1822. Porto, Impr. de Pereira, 1824.

Apologia de Camões contra as reflexões criticas do P. José Agostinho de Macedo sobre o epitalio do Adamastor no capitulo V. do Imitador. Lisboa, Largo do Contador N.º 1, 1840.

NEVES, Aubrey F.O. - A litteratura portugueza. Historia e critica. Trad. da Ingles por Agostinho de Campos e J. G. de Barros e Cunha. Coimbra, Impr. da Universidade, 1831.

STACE - "Fern de Tello", In: O Investigador Portuguez em Inglaterra, Londres, M. Fryer Impressor, 4 (15): 434-43, set., 1812.

SILVA, Leopoldo - Joazeiro. Sua vida e epocha litteraria. Porto, 1902.

Advertência:

Quando na parte das notas bibliográficas não houver o registro das páginas relativas a José Agostinho de Macedo, isto quer dizer referir-se a obra em muitas passagens a esse autor. A nosso ver, a sua indicação sobrecarregaria demasiadamente a referência bibliográfica.

Além disso, em algumas dessas obras, como nas Lições de cultura e de literatura portuguezas, de Hernâni Cidade, por exemplo, esse tipo de indicação é feito em seu próprio índice de autores. Nesse caso, tal trabalho nestas páginas seria ocioso.

Historia da litteratura portugueza. Lisboa, de suas origens até ao presente. Porto, Impr. Universal, 1875, p. 430-431.

"Prefação critica". In: MACEIO José Agostinho de

ABRANCHES, Antonio Manuel Rego - Catalogo alfabetico das obras impressas de José Agostinho de Macedo. Lisboa, Typ. de Martins, 1849.

Anedoctas biograficas do Reverendo Padre José Agostinho de Macedo, extrahidas do Portuguez Constitucional Regenerado, nº 92, impresso em Lisboa, em 19 de Novembro de 1821. Porto, Impr. do Gandra, 1822.

Apologia de Camões contra as reflexões criticas do P. José Agostinho de Macedo sobre o episodio do Adamastor no canto V dos Lusiadas. Lisboa, Largo do Contador Mór nº 1, 1840.

BELL, Aubrey F.G. - A literatura portuguesa. Historia e critica. Trad. do inglês por Agostinho de Campos e J. G. de Barros e Cunha. Coimbra, Impr. da Universidade, 1931.

BOCAGE - "Pena de talião". In: O Investigador Portuguez em Inglaterra. Londres, M. Bryer Impressor, 4 (15): 434-43, set., 1812.

BRAGA, Theophilo - Bocage. Sua vida e epoca litteraria. Porto, Livr. Chardron, 1902.

IDEM - Curso de Historia da litteratura portugueza. Lisboa, Nova Livr. Internacional, 1885, p. 362-5.

IDEM - Garrett e o romantismo. Porto, Livr. Chardron, 1903.

IDEM - "José Agostinho de Macedo". In: LEMOS, Maximiano, dir. - Encyclopedia portugueza illustrada. Porto, Lemos & Successor /s.d./ v. VI, p. 704 e segs.

IDEM - Manual da historia da litteratura portugueza. Desde as suas origens até ao presente. Porto, Livr. Universal, 1875, p. 439-41.

IDEM - "Prefação critica". In: MACEDO José Agostinho de -

Obras ineditas. Cartas e opusculos. Documentando as memorias para a sua vida intima e sucessos da historia litteraria e politica do seu tempo. Lisboa, Typ. da Academia Real das Sciencias, 1900. p. V - XLVIII.

IDEM - Recapitulação da historia da litteratura portugueza. Os arcades. Porto, Livr. Chardron, 1903, p. 508-20.

BRANCO, Camillo Castello - Curso de litteratura portugueza. Lisboa, Livr. Ed. de Mattos Moreira, 1876. p. 261-6.

CASTILHO, António e CASTILHO, José - Livraria classica portugueza. Excerptos de todos os principaes auctores portuguezes de boa nota, assim prosadores como poetas. Lisboa, Impr. Nacional, 1847. v. 1, p. 5-70.

CHAGAS, M. Pinheiro - "José Agostinho de Macedo". Em sua obra, Portuguezes illustres. 2.a ed. revista, correcta e augmentada. Lisboa, Livr. de A. Ferin, 1873. p. 155-6.

CHAVES, Castelo Branco - "José Agostinho de Macedo". Em seus Estudos criticos. Coimbra, Impr. da Universidade, 1932. p. 3-40.

CIDADE, Hernâni - Lições de cultura e literatura portuguezas. 4.a ed. Coimbra, Coimbra Ed., 1959. v. 2.

COELHO, Jacinto do Prado - "Padre José Agostinho de Macedo". In: COELHO, Jacinto do Prado, dir. - Dicionário de literatura. Literatura portugueza. Literatura brasileira. Literatura galega. Estilística literária. 2.a ed. Porto, Livr. Figueirinhas /1969/ v. 1, p. 588-9.

COELHO, José Ramos - "Camões e Macedo, Analyse do 'Discurso preliminar' com que este prefaciou o seu poema 'O Oriente.'" In: Trabalhos da Academia de Sciencias de Portugal. Lisboa, Séde da Academia, 1911. 1.a Série, t. 2, 1.a parte, p. 31-142.

- CONSTÂNCIO, Francisco Solano - "Discurso preliminar". In: Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras; por huma sociedade de Portuguezes residentes em Paris. Paris, A. Bobée, 1818. t. 1, p. 1-37.
- COUTO, Antonio Maria - "Biographia de Macedo, hum catalogo das suas obras, e o juizo critico d'ellas". In: MACEDO, José Agostinho - Motim literario em fôrma de soliloquios. 3.a ed. emendada e accrescentada com a biographia do author, hum catalogo das suas obras, e o juizo critico d'ellas, por Antonio Maria do Couto, professor de Grego, &c. Lisboa, Typ. de António José da Rocha, 1841. t. 1, p. 5-93.
- IDEM - Breve analyse do novo poêma que se intitula Oriente. Lisboa, Impr. da Viuva Neves e Filhos, 1815.
- IDEM - Exame critico do Motim litterario de José Agostinho de Macedo. Lisboa, Impr. Regia, 1811.
- IDEM - Manifesto critico, analytico, e apologetico em que se defende o insigne vate Camões da mordacidade do Discurso preliminar que precede ao poema Oriente, e se demonstram os infinitos erros do mesmo poema. Lisboa, Off. de J.F.M. de Campos, 1815.
- DENIS, Ferdinand - Résumé de l'histoire littéraire du Portugal suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil. Paris, Lecointe et Durey Libr., 1826. p. 480-6.
- ESTRADA, Raymundo Manoel da Silva - Confrontação minuciosa dos dois poemas Lusiadas, e Oriente ou Defesa imparcial do grande Luiz de Camões contra as invectivas, e embustes do Discurso Preliminar do Oriente composto pelo Padre José Agostinho de Macedo, em que se prova as suas falsas originalidades: Obra escripta em vida deste Reverendo Author, e até agora não impressa. Lisboa, Impr. Nevesiana, 1834.

FIGUEIREDO, Fidelino - História da literatura clássica. Continuação da II época (1580-1756) III época (1756-1825). 3.a ed. revista. São Paulo, Ed. Anchieta, 1946. p. 294-9.

FIGUEIREDO, Tomaz - "José Agostinho de Macedo contra a 'Besta'". In: As grandes polêmicas portuguesas. Lisboa, Ed. Verbo, 1967. v. 2, p. 11-9.

FORTUNA, Ricardo Jozé - Elegia no penozo, e pranteado falecimento, do muito eloquente, e sapientissimo orador portuguez O Reverendo Padre José Agostinho de Macedo, Presbyteiro Secular, e Pregador Regio, De saudoza, e sempiterna memoria. Lisboa, Nova Impr. Silviana, 1832.

GARRETT, Almeida - "Historia abreviada da lingua e poesia portugueza". In: Parnaso lusitano ou poesias selectas dos autores portuguezes antigos e modernos, illustrados com notas. Paris, Casa de J. P. Aillaud, 1826. t. 1, p. LXV-LXVI.

IDEM - "Prefacio a Lyrica de João Minimo". Em sua Lyrica de João Minimo. Londres, Sustenance e Stretch. 1829. p. V-VII.

GENTIL, Georges Le - La littérature portugaise. Paris, Armand Colin, 1935. p. 126.

GUSMÃO, Francisco Antonio Rodrigues de - "Memórias da vida e escriptos de José Agostinho de Macedo". In: O Instituto. Jornal scientifico e litterario. Coimbra, Impr. da Universidade, 1866. v. 13, p. 67-70.

LAET, Carlos Maximiano Pimenta de - "Uma restauração literaria". In: Anuário do Colégio D. Pedro II. /s.l./ /s.ed./ 1947-1948. v. 14, p. 163-284.

LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho - "Beja". Em seu Portugal antigo e moderno. Dicionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, his-

torico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal. Se estas são notaveis, por serem patria d'homens célebres, por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram lugar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qual quer natureza, alli existentes. Lisboa, Livr. Ed. Mattos Moreira, 1873. v. 1, p. 365-7.

LOPES, Joaquim José Pedro - Carta ao Sr. Antonio Maria do Couto, na qual se dá breve, seria, e terminante resposta ao Manifesto, em que pretende mostrar os erros do Poema Oriente, e defender os das Lusiadas. Lisboa, Impr. Regia, 1815.

MANOEL, Francisco - "Difficuldades d'uma traducção elegante e genuina". In: CHATEUBRIAND, F. A. de - Os martyres, ou Triumpho da religião christãa. Traduzido em versos portuguezes por Francisco Manoel. Paris, Casa de Rey e Gravier, 1816. v. 1, p. XX-XXIV.

MARTINS, J. P. Oliveira - José Agostinho de Macedo. Em sua obra Perfis. Lisboa. Parceria António Maria Pereira, 1930. p. 17-22.

MELLO, Joaquim Lopes Carreira de - Noticia biographica, historica, politica e litteraria sobre José Agostinho de Macedo. /s.n.t./

MENDONÇA, António Pedro Lopes de - Ensaaios de critica e litteratura. Lisboa, Typ. da Revolução de setembro, 1849. p. 27-31.

IDEM - "José Agostinho de Macedo e a sua epocha". In: Annaes das Sciencias e Letras. Lisboa, Typ. da Academia Real das Sciencias, 1858. v. 2, p. 449-77 e p. 513-40.

IDEM - Memorias de litteratura contemporanea. Lisboa, Typ. do Panorama, 1855. p. 57-66.

- MENENDEZ Y PELAYO, Marcelino - Historia de los heterodoxos españoles. Madrid, Impr. de F. Maroto é hijos, 1880. v. 3, p. 545-6.
- MONIZ, Nuno Alvares Pereira Pato - Agostinheida. Poema heróico-cómico. Londres, Impr. por W. Flint, Old Bailey, 1817.
- IDEM - Agostinheida. 3.a ed. Barcellos, Typ. da Aurora do Cavado, 1876.
- IDEM - Algumas observações sobre os Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras. In: Observador Portuguez. Obra de erudição e recreio. Por huma sociedade de literatos. Lisboa, Nova Impr. de João Baptista Morando, 2, (7): 78-83, 1818.
- IDEM - Algumas observações sobre os Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras. In: Observador Portuguez. Obra de erudição e recreio. Por huma sociedade de literatos. Lisboa, Nova Impr. de João Baptista Morando, 2, (8): 91-2, 1818.
- IDEM - Exame analytico e parallelo do poema Oriente do R. do José Agostinho de Macedo com A Lusíada de Camões. Lisboa, Typ. Lacerdina, 1815.
- MONIZ, Nuno Alvares Pereira Pato e ROCHA, João Bernardo - Exame critico do novo poema epico intitulado O Gama. Lisboa, Off. de Joaquim Rodrigues d'Andrade, 1812.
- NOLASCO, Vicente Pedro da Cunha - Critica do poema Gama, Poema narrativo, composto por Joze Agostinho de Macedo, impresso em Lisboa, 1811. In: O Investigador Portuguez em Inglaterra, ou Jornal literario, politico, &c. Londres, M. Bryer Impressor, 2 (8): 509-27, fev., 1812.
- IDEM - O Gigante Adamastor vingado, ou o Gama convertido em Gamellada. In: O Investigador Portuguez em Inglaterra, ou

Jornal literario, politico, &c. Londres, M. Bryer Impres-
sor, 3, (12): 34 e segs., jun., 1812.

OLAVO, Carlos - A vida turbulenta do Padre José Agostinho de
Macedo. Lisboa, Guimarães Ed., /1938/

ORTIZ, Antonio Romero - "El Padre Macedo." Em sua La litera-
tura portuguesa en el siglo XIX. Madrid, Tip. de Gregorio
Estrada, 1869. p. 19-59.

PIMENTA, Alfredo - "O Padre José Agostinho de Macedo." In:
SAMPAIO, Albino Forjaz, dir. - Historia da literatura por-
tuguesa ilustrada. Livr. Bertrand /1932/ v. 3, p. 317-27.

PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes - Curso elementar de lit-
teratura nacional. Rio, Garnier, 1862. p. 401-12.

IDEM - Resumo de história litteraria. Rio, Garnier, 1873. v.
2, p. 222-5.

REMÉDIOS, Mendes dos - História da literatura portuguesa.
Desde as origens até a actualidade. 6.a ed. Coimbra,
Atlântica Livr. Ed., 1930. p. 403-4.

ROSSI, Giuseppe Carlo - Storia della letteratura portoghese.
Firenze, G. C. Sansoni Ed., 1953. p. 189-90.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar - História da literatu-
ra portuguesa. 6.a ed. corrigida e actualizada. Porto,
Porto ed. /s.d./

SARMENTO, Antonio de Castro Moraes - Hum grito ao Padre Ma-
cedo. Lisboa, Regia Typ. Silviana, 1822.

SILVA, Innocencio Francisco da - "José Agostinho de Macedo."
Em seu Diccionario bibliographico portuguez. Lisboa, Impr.
Nacional, 1860. t. 4, p. 183-215.

IDEM - Memorias para a vida intima de José Agostinho de Macedo. Organizada sobre tres redacções manuscriptas de 1848, 1854 e 1863, e ampliada em quanto a Documentos e Bibliographia por Theophilo Braga. Lisboa, Typ. da Academia Real das Sciencias, 1898.

SILVA, L. A. Rebello da - "Estudo biographico e litterario."
In: BOCAGE - Poesias. Colligidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva: e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto L. A. Rebello da Silva. Lisboa, Casa do Ed. A. J. J. Lopes, 1853. v. 1, p. I-LVI.

TORRES, M. J. Marques - Vida de José Agostinho de Macedo e noticia de seus escriptos. Lisboa, Typ. Portas de Santo Antão, 1859.

3 - BIBLIOGRAFIA GERAL

Advertência:

A bibliografia que segue poderá parecer à primeira vista demasiadamente heterogênea. Não obstante, seis eixos sustentam-na:

- 1 - Obras sobre a cultura universal dos séculos XVIII e XIX;
- 2 - Obras sobre a cultura portuguesa dos séculos XVIII e XIX;
- 3 - Obras sobre a estética literária do Classicismo, do Neoclassicismo e do Romantismo;
- 4 - Obras sobre a literatura portuguesa do Classicismo, do Neoclassicismo e do Romantismo;
- 5 - Obras de autores contemporâneos a José Agostinho de Macedo e
- 6 - Obras sobre os autores mais representativos da época de José Agostinho de Macedo.

OBS.: Muitas vezes, uma só obra poderá pertencer a mais de um eixo. Explicitando-os, porém, esperamos ter podido mostrar a direção tomada pelo nosso espírito nessa pesquisa sobre um autor pertencente a um momento da história literária de Portugal, onde, relativamente às idéias estético-literárias, tudo está para ser feito.

ABRAMS, M. H. - The mirror and the lamp: romantic theory and the critical tradition. London, Oxford University Press, 1971

ALLARD, G. et alii - "A ciência moderna." O século XVIII. /La science moderne. Le XVIII^e siècle/ Trad. de Gita Ghinzberg, Regina S. Schnaiderman e Maria Cecília de Affonseca, sob a coordenação de F. Guinsburg. In: TATON, René, dir. - Historia geral das ciências. /Histoire générale des sciences/ Versão brasileira sob os auspícios de Paulo Sawaya. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960. v. 3, t. 2.

ALMEIDA, Manuel Lopes de - "Negociações diplomáticas com a França; novas lutas /1795-1801/." In: PERES, Damião, dir. literária e CERDEIRA, Eleutério, dir. artística - História de Portugal. Barcelos, Portucalense Ed., 1934, v. 6, p. 269-88.

IDEM - "A guerra peninsular." In: PERES, Damião, dir. literária e CERDEIRA, Eleutério, dir. artística - História de Portugal. Barcelos, Portucalense Ed., 1934. v. 6, p. 321-48.

ALORNA, Marquesa - Inéditos. Cartas e outros escritos. Seleção, prefácio e notas do Prof. Hernâni Cidade. Lisboa, Livr. Sá da Costa /1941/

AMEAL, João - História de Portugal. Das origens até 1940. 4a. ed. Porto, Livr. Tavares Martins, 1958.

AMORA, Antônio Soares - Teoria da literatura. 4.a ed. revista. São Paulo, Ed. Clássico-Científica, 1961.

ARISTÓTELES - Poetica. 3.a ed. rev.. Introd., trad., comentário di Manara Valgimigli. Bari, Gius. Laterza & Figli, 1946.

- IDEM - Poética. Versión directa, introd. y notas por Juan David García Bacca. México, Universidad Nacional Autónoma, 1946.
- IDEM - Poética. Trad. direta do grego, introd. e índices por Eudora de Sousa. Lisboa, Guimarães Ed. /1964/
- AUERBACH, Erich - Introdução aos estudos literários. /Introduction aux études de philologie romane/ Trad. de José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1970.
- BARROS, João de - "Sentido do romantismo português." In: SAMPAIO, Albino Forjaz de, dir. - História da literatura portuguesa ilustrada dos séculos XIX e XX. Porto, Livr. Fernando Machado /1942/ v. 4, p. 25-7.
- BELL, Aubrey F. G. - A literatura portuguesa. História e crítica. Trad. do inglês por Agostinho de Campos e J. G. de Barros e Cunha. Coimbra, Impr. da Universidade, 1931.
- BÉNAC, Henri - Le classicisme. Paris, Hachette /1969/
- BOCAGE - Poesias. Selecção, prefácio e notas de Guerreiro Murta. 2.a ed. Lisboa, Sá da Costa /1950/
- BOILEAU - Art poétique. Présenté par Henri Bénac. Paris, Hachette /1946/
- BONET, Carmelo M. - En torno de la estética literaria. Buenos Aires, Ed. Nova /1959/
- BRAGA, Theophilo - A Arcadia lusitana. Garção. Quita. Figueiredo. Diniz. Porto, Livr. Chardron, 1899.
- IDEM - Bocage. Sua vida e epoca litteraria. Porto, Livr. Chardron, 1902.
- IDEM - Breve estudo sobre a historia da censura literaria em

Portugal. In: MACEDO, José Agostinho - Obras inéditas. Censuras a diversas obras. Composições lyricas, didacticas e dramaticas. Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1901.

IDEM - Curso de história da litteratura portugueza. Lisboa, Nova Livr. Internacional, 1885.

IDEM - Filinto Elysio e os dissidentes da Arcadia. Porto, Livr. Chardron, 1901.

IDEM - Garrett e a sua obra. Lisboa, Livr. Moderna, 1905.

IDEM - Garrett e o romantismo. Porto, Livr. Chardron, 1903.

IDEM - Historia do romantismo em Portugal. Lisboa, Livr. Internacional, 1880.

IDEM - Manual da historia da litteratura portugueza. Desde as suas origens até ao presente. Porto, Livr. Universal, 1875.

IDEM - "O marquez de Pombal e a restauração da litteratura portugueza." In: O marquez de Pombal. Obra comemorativa do centenario da sua morte, mandada publicar pelo Club de Regatas Guanabarenses do Rio de Janeiro. Lisboa, Impr. Nacional, 1885. p. 211-31.

IDEM - Recapitulação da historia da litteratura portugueza. Os **arcades**. Porto, Livr. Chardron, 1903.

IDEM - Theoria da historia da litteratura portugueza. 3.a ed. totalmente ref. Porto, Impr. Portuguesa, 1881.

BRANCO, Camillo Castello - Curso de litteratura portugueza. Continuação e complemento do Curso de litteratura portugueza, por José Maria de Andrade Ferreira. Lisboa, Livr. Ed. de Mattos Moreira, 1876.

BRAY, René - La formation de la doctrine classique en France. Paris, Nizet, 1966.

BRINTON, Crane; CHRISTOPHER, John B.; WOLFF, Robert Lee - Civilization in the West. Third-printing. New Jersey, Prentice Hall, 1965. p. 348-472.

CAMOENS, Luis de - Lusiadas, comentadas por Manuel de Faria i Sousa. Madrid, Ivan Sanchez, 1639. 2 v.

CÂNDIDO, Antônio - Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos. São Paulo, Livr. Martins /1959/ v. 1.

CARPEAUX, Otto Maria - História da literatura ocidental. /Rio de Janeiro/ Ed. O Cruzeiro /1961/ v. 3.

IDEM - História da literatura ocidental. /Rio de Janeiro/ Ed. O Cruzeiro /1962/ v. 4.

CARVALHO, Joaquim de - "Período de indecisão da corrente re generadora." In: PERES, Damião, dir. literária e CERDEIRA, Eleutério, dir. artística - História de Portugal. Barcelos, Portucalense Ed., 1935. v. 7, p. 60-73.

IDEM - "Irradiação do movimento revolucionário." In: PERES, Damião, dir. literário e CERDEIRA, Eleutério, dir. artística - História de Portugal. Barcelos, Portucalense Ed., 1935. v. 7, p. 74-96.

CARVALHO, Joaquim de e PERES, Damião - "A contra-revolução." In: PERES, Damião, dir. literária e CERDEIRA, Eleutério, dir. artística - História de Portugal. Barcelos, Portucalense Ed., 1935. v. 7, p. 118-26.

CASSIRER, Ernst - La philosophie des lumières. Traduit de l'allemand et présenté par Pierre Quillett. /Paris/ Fayard /1970/

CHAUNU, Pierre - La civilization de l'Europe classique.
/Paris/ Arthaud, 1966. p. 511-27.

CIDADE, Hernâni - Bocage. Porto, Livr. Lello, 1937.

IDEM - O conceito de poesia como expressão de cultura. Sua
evolução através das literaturas portuguesa e brasileira.
São Paulo, Livr. Acadêmica, 1946.

IDEM - "Condicionamento político e social da literatura no
século XIX." In: SAMPAIO, Albino Forjaz de, dir. - História da literatura portuguesa ilustrada dos séculos XIX e XX. Porto, Livr. Fernando Machado /1942/ v. 4, p. 5-11.

IDEM - Lições de cultura e literatura portuguesas. 4.a ed.
Coimbra, Coimbra Ed., 1959. v. 2.

IDEM - A obra poética do Dr. José Anastácio da Cunha com um
estudo sobre o "Anglo-germanismo nos proto-românticos
portugueses". Coimbra, Impr. da Universidade, 1930.

IDEM - "A poesia lírica." In: SAMPAIO, Albino Forjaz de,
dir. - História da literatura portuguesa ilustrada. Lisboa, Livr. Bertrand, /1932/ v. 3, p. 294-317.

IDEM - Portugal histórico-cultural. 2.a ed. ref. e ampl.
/Lisboa/ Arcádia /1968/.

IDEM - "O 1º quartel do século." In: SAMPAIO, Albino Forjaz
de, dir. - História da literatura portuguesa ilustrada dos séculos XIX e XX. Porto, Livr. Fernando Machado /1942/ v. 4, p. 12-24.

COELHO, Jacinto do Prado - "Garrett perante o iluminismo."
In: Estrada larga. Porto, Porto Ed., /s.d./ nº 1, p. 360-4.

IDEM - "Garrett perante o romantismo." In: Estrada larga.
Porto, Porto Ed., /s.d./ nº 1, p. 298-308.

- CONSTÂNCIO, Francisco Solano - "Discurso preliminar." In: Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras, por huma sociedade de portuguezes residentes em Paris, Paris, A. Bobée, 1818. t. 1.
- COSTA, Luís Xavier da - "A arte." In: SAMPAYO, Albino Forjaz de, dir. - História da literatura portuguesa ilustrada. Lisboa, Livr. Bertrand /1932/ v. 3, p. 259-72.
- COUTINHO, Afrânio - Introdução à literatura no Brasil. Rio de Janeiro, Livr. S. José, 1957.
- CROCE, Benedetto - Estetica come scienza dell'espressione e linguistica generale. 11.a ed.. Bari, Gius. Laterza, 1965.
- CUNHA, José Anastácio da - Notícias literárias de Portugal: 1780. Trad., pref. e notas de Joel Serrão. Lisboa, Seara Nova, 1966.
- CURTIUS, Ernst Robert - Literatura européia e idade media latina. /Europäische Literatur und Lateinisches Mittelalter/ Trad. de Teodoro Cabral com a colaboração de Paul Rónai. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1957.
- DÉDEYAN, Charles - Jean-Jacques Rousseau et la sensibilité littéraire a la fin du XVIII^e siècle. Paris, Société d'Édition d'Enseignement Supérieur, 1966.
- DENIS, Ferninand - Resumé de l'histoire littéraire du Portugal suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil. Paris, Lecointe et Durey Libr., 1826.
- DIAS, José Sebastião da Silva - "Censura literária em Portugal." In: COELHO, Jacinto do Prado, dir. - Dicionário de literatura. Literatura portuguesa. Literatura brasileira. Literatura galega. Estilística literária. 2.a ed. Porto, Livr. Figueirinhas /1969/ v. 1, p. 174-5.

ELISIO, Filinto - "Carta ao Senhor F. J. M. de B." Em suas Poesias. Seleção, prefácio e notas do Prof. José Pereira Tavares. Lisboa, Livr. Sá da Costa /1941/ p. 1-67.

FAYOLLE, Roger - La critique littéraire. 3^{ème} ed. revue et mise a jour. Paris, Libr. Armand Colin /1964/

FERNANDES, R.M. Rosado - "Bibliografia das obras de retórica que, de algum modo, dizem respeito à cultura portuguesa." In: LAUSBERG, Heinrich - Elementos de retórica literária. /Elemente der Literarischen Rhetorik/ Trad., pref. e aditamentos de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, /1966/ p. 33-63

IDEM - "Breve introdução aos estudos retóricos em Portugal." In: LAUSBERG, Heinrich - Elementos de retórica literária. /Elemente der Literarischen Rhetorik/ Trad., pref. e aditamentos de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian /1966/ p. 13-32.

FERREIRA, Alberto - Perspectivas do romantismo português. 1834-1865. Lisboa /Ed. 70/ 1971.

FERREIRA, Maria Ema Tarracha - Textos literários. Séculos XVII e XVIII. Selecta organizada de acordo com o programa oficial do VII ano dos Liceus. Lisboa, Aster /1966/

IDEM - Textos literários. Século XIX. Selecta organizada de acordo com o programa oficial do VII ano dos Liceus. Lisboa, Aster /1968/ v. 1.

FIGUEIREDO, Fidelino - Historia da critica litteraria em Portugal. Da Renascença à actualidade. 2.a ed. revista e seguida de appendices documentarios. Lisboa, Livr. Clássica Ed., 1916.

IDEM - História da literatura clássica. Continuação da II época (1580-1756). III época (1756-1825). 3.a ed. revista. São Paulo, Ed. Anchieta, 1946.

- IDEM - Historia da litteratura romântica. (1825-1870). 3.a ed. revista. São Paulo, Ed. Anchieta, 1946.
- FOLKIELSKI, Wladylaw - Entre le classicisme et le romantisme. Etude sur l'esthétique et les esthéticiens du XVIII^e siècle. Paris, Libr. Honoré Champion, 1969.
- FORTES, Agostinho - "Portugal do século XVIII." In: SAMPAIO, Forjaz de, dir. - História da literatura portuguesa ilustrada. Lisboa, Livr. Bertrand /1932/. v. 3, p. 257-9.
- FREIRE, Francisco Joseph - Arte poetica ou régras da verdadeira poesia. Lisboa, Off. de Francisco Luiz Ameno, 1748.
- GARÇÃO, Correia - Obras completas. Texto fixado, prefácio e notas por António José Saraiva. Lisboa, Sá da Costa /1957/ 2 v.
- GARRETT, Almeida - Camões. Ed. conforme a revista pelo autor com um estudo por Camillo Castello Branco. Porto, Livr. Lello /s.d./
- IDEM - Dona Branca. Porto, Lello /s.d./
- IDEM - Doutrinas de estética literária. Prefácio e notas de Agostinho da Silva. 2.a ed. Lisboa /s.ed./ 1961.
- IDEM - "Historia abreviada da lingua e poesia portugueza." In: Parnaso lusitano ou poesias selectas dos autores portuguezes antigos e modernos, illustrados com notas. Paris, Casa de J. P. Aillaud, 1826. t. 1.
- GENTIL, Georges Le - La littérature portugaise. Paris, Armand Colin, 1935.
- HAUSER, Arnold - Historia social de la literatura y el arte. /The Social History of Art/ 3.a ed.. Trad. de A. Tovar y F. B. Varas-Reyes. Madrid, Ed. Guadarrama, 1969. v. 2.

- HAZARD, Paul - Crise da consciência européia. /La crise de la conscience européenne/ Trad. e notas do Dr. Óscar de Freitas Lopes. Lisboa, Ed. Cosmos /1948/
- IDEM - La pensée européenne au XVIII^{ème} siècle. De Montesquieu a Lessing. Paris, Boivin /1946/ 2 v.
- HEGEL - Estética. Poesia. /Aesthetic/ Trad. de Alvaro Ribeiro. Lisboa, Guimarães Ed., /1964/.
- HERCULANO, Alexandre - Obras de J. B. d'Almeida Garrett. In: O Panorama. Jornal litterario e instructivo da sociedade propagadora dos conhecimentos uteis. Lisboa, Typ. da Sociedade, 3 : 199-200, jun. 22, 1839.
- HIGHET, Gilbert - La tradición clasica. Influencias griegas y romanas en la literatura occidental. /The classical tradition: Greck and Roman influences on western/ Trad. de Antonio Alatorre. Mexico, F. C. E., /1954/ 2 v.
- HORACE - Art poétique. In: HORACE - Oeuvres complètes. Texte établi, traduit, préfacé et annoté par François Richard. Nouvelle ed. revue et corrigée. Paris, Garnier /1950/ v. 2.
- INAMA, Carla - Metastasio e i poeti arcadi brasiliani. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da U.S.P., 1961. (Bol. 231-Cad. L.L. Italiana, 3).
- KOESTLER, Arthur - Os sonâmbulos. História das concepções do homem sôbre o Universo. /The sleepwalkers, A History of Man's Changing vision of the universe/ Introd. de Herbert Butterfield. Trad. de Alberto Denis. São Paulo, IBRASA, /1961/
- LAGARDE & MICHARD - XVII^e siècle. /Paris/ Bordas /1964/
- IDEM - XVIII^e siècle. /Paris/, Bordas, /1966/

IDEM - XIX^e siècle. /Paris/ Bordas /1966/

LAUNAY, M e MAILHOS avec la collaboration de C. Cristin e J. Sgard - Introduction à la vie littéraire du XVIII^e siècle. Paris, Bordas /1968/

LUPPE, Robert de - Les idées littéraires de Madame de Staël et l'héritage des lumières (1795-1800). Paris, Libr. Philosophique J. Vrin, 1969.

MALET, Alberto e ISAAC, J. - Los tiempos modernos. Edición enteramente refundida y puesta al día com la colaboración de Narciso Binayán. Buenos Aires, Hachette /1942/

IDEM - La época contemporánea. Edición enteramente refundida y puesta al día con la colaboración de Narciso Binayán. Buenos Aires, Hachette /1947/

MARTINS, António Coimbra - "Os estrangeirados." In: Serrão, Joel, dir. - Dicionário de História de Portugal. /Lisboa/ Iniciativas Editoriais /1965/. v. 2, p. 122-9.

IDEM - "Luzes." In: Serrão, Joel, dir., - Dicionário de História de Portugal. /Lisboa/ Iniciativas Editoriais /1965/. v. 2, p. 836-56.

MAZZANTINI, Carlo - "Evidenza." In: Enciclopedia filosofica. Venezia, Istituto per la collaborazione culturale, 1957. v. 2, p. 225-31.

MENDONÇA, Antonio Pedro Lopes de - Ensaio de crítica e literatura. Lisboa, Typ. da revolução de setembro, 1849.

IDEM - Memorias de litteratura contemporanea. Lisboa, Typ. do Panorama, 1855.

MENENDEZ Y PELAYO, Marcelino - Historia de las ideas esteticas en España. Buenos Aires, Ed. Glem /1943/ v. 6-9.

- IDEM - Horacio en España. Traductores y comentadores. - La poesia horaciana. Madrid, Casa Ed. de Medina /s.d./
- MICHAUD, Guy e TIEGHEM, Philippe Van - Le romantisme. Paris, Hachette /1952/
- MILTON - O paraíso perdido. /Paradise lost/ Trad. do Dr. Antônio José de Lima Leitão. Notas por Xavier da Cunha. Ilustrações de Gustavo Doré. São Paulo. Edigraf /s.d./
- MORAZÉ, Charles - Os burgueses à conquista do mundo. 1780-1895. /Les bourgeois conquérants. XIX^e siècle/ Cartographie de Jacques Bertin. Trad. de Maria Antonieta Magalhães Godinho. Lisboa, Ed. Cosmos, 1965.
- MORNET, Daniel - La pensée française au XVIII^e siècle. Paris, Armand Colin /1969/
- MOREAU, Pierre - Le classicisme des romantiques. Paris, Libr. Plon /1932/
- IDEM - La critique littéraire en France. Paris, Armand Colin /1960/
- MOUSNIER, Roland e LABROUSSE, Ernest com a colaboração de Marc Bouloiseau - O século XVIII. o último século do antigo regime. Trad. de Vítor Ramos. In: História geral das civilizações. /Histoire générale des civilisations. Le XVIII^e siècle/ Dir. de Maurice Crouzet. Versão brasileira sob a orientação de E. Simões de Paula. 2.a ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961. v. 2, t. 5.
- NEMESIO, Vitorino - Relações francesas do Romantismo português. Coimbra /Coimbra Ed./ 1936.
- ORTIZ, Don António Romero - La literatura portuguesa en el siglo XIX. Madrid, Tip. de Gregorio Estrada, 1869.

- PASSOS, Carlos - "Regência e reinado de D. Miguel." In: PERES, Damião, dir. literária e CERDEIRA, Eleutério, dir. artística - História de Portugal. Barcelos, Portucalense Ed., 1935. v. 7, p. 161-221.
- PERES, Damião - "A revolução de 1820 e os seus antecedentes." In: PERES, Damião, dir. literária e CERDEIRA, Eleutério, dir. artística - História de Portugal. Barcelos, Portucalense Ed., 1935. v. 7, p. 9-59.
- PEYRE, Henri - ¿Que es el Clasicismo? / Le classicisme français / 2.a ed.. Trad. de Julian Calvo. México, F. C. E. /1966/
- IDEM - Qu'est-ce que le romantisme? Paris, P.U.F., 1971.
- PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes - Curso elementar de literatura nacional. Rio de Janeiro, Garnier, 1862.
- IDEM - Resumo de história litteraria. Rio de Janeiro, Garnier /1873/ t. II.
- PIRENNE, Jacques - Les grands courants de l'histoire universelle. De la révolution française aux révolutions de 1830. Neuchatel, Éd. de la Baconnière, 1951.
- Poetas pré-românticos. Selecção, introdução e notas de Jacinto do Prado Coelho. /Coimbra/ Atlântida, 1961.
- Poetas do romantismo. Selecção, introdução e notas, por Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Livr. Clássica Ed., 1965. 2 v.
- Poetas do século XVIII (Arcades e pré-românticos). Selecção, prefácio e notas de Rodrigues Lapa. 2.a ed. revista e aumentada. Lisboa /Gráfica Santelmo/ 1958.
- PROENÇA FILHO, Domício - Estilos de época na literatura. 2.a ed. revista e ampliada. /Rio de Janeiro/ Ed. Liceu /1969/

- REAU, Louis - L'Europe française au siècle des lumières. Paris, Albin Michel, 1951.
- REBELLO, Luís de Sousa - "Neoclassicismo na literatura portuguesa." In: COELHO, Jacinto do Prado, dir. - Dicionário de literatura. Literatura portuguesa. Literatura brasileira. Literatura galega. Estilística literária. 2.a ed. Porto, Livr. Figueirinhas /1971/ v. 2, p. 708-10.
- REMEDIOS, Mendes dos - História da literatura portuguesa. Desde as origens até a actualidade. 6.a ed. Coimbra, Atlântida Livr. Ed., 1930.
- REYES, Alfonso - La critica en la edad ateniense (600 a 300 A.C.). /México/ El Colegio de México /1941/
- RICHARD, Jean-Pierre - "Petite suite poétique." Em sua obra Études sur le romantisme. Paris, Seuil /1970/ p. 141-282.
- ROSSI, Giuseppe Carlo - L'Arcadia e il Romanticismo in Portogallo. Firenze, Felice Le Monnier, 1941.
- IDEM - Estudios sobre las letras en el siglo XVIII. (Temas hispano-portugueses. Temas hispano-italianos). Madrid, Ed. Gredos, /1967/
- IDEM - Storia della letteratura portoghese. Firenze, G.C. Sansoni Ed., 1953.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques - Les rêveries du promeneur solitaire. Chronologie et préface par Jacques Voisine. Paris, Garnier-Flammarion /1964/
- SALGADO JÚNIOR, António - "Crítica literária em Portugal." In: COELHO, Jacinto do Prado - Dicionário de literatura. Literatura portuguesa. Literatura brasileira. Literatura galega. Estilística literária. 2.a ed. Porto, Livr. Figueirinhas /1969/ v. 1, p. 232-4.

IDEM - "Iluminismo." In: COELHO, Jacinto do Prado, dir. - Dicionário de literatura. Literatura portuguesa. Literatura brasileira. Literatura galega. Estilística literária. Porto, Livr. Figueirinhas /1969/ v. 1, p. 455-8.

SANCHES, António Nunes Ribeiro - Cartas sobre a educação da mocidade, com prefácio e notas. Porto, Ed. Domingos Barreira /s.d./

SARAIVA, António José - Herculano e o liberalismo em Portugal. Os problemas morais e culturais da instauração do regime. Lisboa, Ed. do Autor, 1949.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar - História da literatura portuguesa. 6.a ed., corrigida e actualizada. Porto, Porto ed. /s.d./

SARAIVA, António José - "Os Lusíadas" e o ideal renascentista." Em sua obra - Para a história da cultura em Portugal. 3.a ed. Porto, Publicações Europa-América /1969/ v. 1, p. 89-179.

SAULNIER, V.-L - La littérature française du siècle philosophique. (1715-1802). 3^{ème} ed. revue. Paris, P. U. F., 1953.

IDEM - La littérature française du siècle romantique. 3^{ème} ed. revue. Paris, P. U. F., 1952.

SÉRGIO, António - "O reino cadaveroso ou o problema da cultura em Portugal." In: Prosa doutrinal de autores portugueses. António Sérgio. Selecção, prefácio e notas de Joel Serrão. Lisboa, Portugália Ed. /1967/ p. 140-79.

SILVA, António Diniz da Cruz e - Poesias. Lisboa, Tip. Lacerdina, 1811. t. 2.

SILVA, Innocencio Francisco da - Memorias para a vida intima

de José Agostinho de Macedo. Organizada sobre tres redacções manuscriptas de 1848, 1854 e 1863, e ampliada em quanto a Documentos e Bibliographia por Theophilo Braga. Lisboa, Typ. da Academia Real das Sciencias, 1898.

SILVA, Vítor Manuel Pires de Aguiar e - Para uma interpretação do Classicismo. Coimbra /Coimbra Ed./ 1962.

IDEM - Teoria da literatura. Coimbra, Livr. Almedina, 1967.

SPINA, Segismundo - Introdução à poética clássica. São Paulo, F. T. D., 1967.

STAËL-HOLSTEIN, Anne Louise Germaine - De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales. De l'Allemagne. Extraits. Avec une notice biographique, une notice historique et littéraire, etc par Émile Feuillatre. Paris, Larousse /s.d./

STAIGER, Emil - Conceptos fundamentales de poética. /Grundbegriffe der Poetik/ Estudio preliminar de Jaime Ferreiro Alemparte. Trad. de Jaime Ferreiro. Madrid. Ed. Rialp /1966/

TADIË, Jean-Yves - Introduction a la vie littéraire du XIX^e siècle. Paris, Bordas /1970/

TIEGHEM, Paul Van - Le romantisme dans la littérature européenne. Paris, Ed. Albin Michel /1969/

TIEGHEM, Philippe Van - Petite histoire des grandes doctrines littéraires en France. De la Pléiade au Surréalisme. 5.^{ème} ed. Paris, P. U. F., 1960.

IDEM - Le romantisme français. Paris, P. U. F., 1958.

VERNEY, Luís António - Verdadeiro método de estudar. Ed. organizada pelo Prof. António Salgado Júnior. Lisboa, Sá da Costa /1950/ v. 2.

WEBER, Alfred - História sociológica da cultura.

/Kulturgeschichte als Kulturosoziologie/ Trad. de Maria Eduarda Costa da Fonseca e Maria Manuela Duarte Sequeira. Lisboa, Ed. Arcádia /s.d./

WELLEK, René - História da crítica moderna. /A History of Modern Criticism/ Trad. de Lívio Xavier. São Paulo, Ed. Herder, 1967.v. 1-2.

WELLEK, René e WARREN, Austin - Teoria da literatura. /Theory of Literature/ Trad. de José Palla e Carmo. Lisboa, Publicações Europa-América /1962/

WIENER, Norbert - Cibernética e sociedade. O uso humano de seres humanos /The human use of human beings/ Trad. de José Paulo Paes. São Paulo, Ed. Cultrix, /1968/

WIMSATT Jr., William e BROOKS, Cleanth - Crítica literária. Breve história. /Literary Criticism: A Short History/ Prefácio de Eduardo Lourenço. Trad. de Ivette Centeno e Armando Morais. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian /1971/



I N D I C E

Agradecimentos	p.	1
Dedicatória	p.	2
Advertência	p.	3
Tabela de abreviaturas	p.	4
INTRODUÇÃO — <u>A atitude da Crítica em face do es-</u> <u>critor José Agostinho de Macedo e a</u> <u>nossa atitude</u>	p.	6

P R I M E I R A P A R T E

S o b r e a c r i a ç ã o l i t e r á r i a

<u>CAPÍTULO PRIMEIRO</u> — Natureza ou arte?	p.	35
--	----	----

S E G U N D A P A R T E

S o b r e a o b r a l i t e r á r i a

<u>CAPÍTULO PRIMEIRO</u> — A Natureza	p.	55
<u>CAPÍTULO SEGUNDO</u> — O conteúdo e a forma	p.	106
<u>CAPÍTULO TERCEIRO</u> — A imitação dos antigos e a originalidade	p.	132
<u>CAPÍTULO QUARTO</u> — A verossimilhança e a ver- dade	p.	153

TERCEIRA PARTE

Sobre a função da literatura

CAPÍTULO PRIMEIRO — O ensinar e o deleitar p. 189

CONCLUSÃO p. 206

Bibliografia p. 218



